



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



Dissertação

ENTRE CURSOS DE UM ARROIO

cartografia urbana em devir terceira paisagem

Isabella Khauam Maricatto

Pelotas, primavera de 2022

Isabella Khauam Maricatto

ENTRE CURSOS DE UM ARROIO

cartografia urbana em devir terceira paisagem

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M332e Maricatto, Isabella Khauam

Entre cursos de um arroio : cartografia urbana em devir terceira paisagem / Isabella Khauam Maricatto ; Eduardo Rocha, orientador ; Lisandra Fachinello Krebs, coorientadora. — Pelotas, 2022.

245 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Paisagem. 2. Território. 3. Terceira paisagem. 4. Cartografia urbana. 5. Arroio Santa Bárbara. I. Rocha, Eduardo, orient. II. Krebs, Lisandra Fachinello, coorient. III. Título.

CDD : 711.4

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Rocha

Coorientadora: Prof^a Dra. Lisandra Fachinello Krebs

Pelotas, primavera de 2022

Elaborada por Michele Lavadouro da Silva CRB: 10/2502

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Rocha | orientador

Professor no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Doutor em Arquitetura pela UFRGS (2010).

Prof^a. Dra. Lisandra Fachinello Krebs | coorientadora

Professora no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo UFPel. Doutora em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2018) e PHD em Engenharia pela Lund University(2020).

Prof. Dr. Cristhian Moreira Brum | membro interno

Professor no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo UFPel. Doutor em Educação Nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (2017).

Prof^a. Dra. Emanuela Di Felice | membra externa

Professora Associada Escuela de Arquitectura y Diseño de Valparaíso PUCV. Doutora em Projeto Urbano Sustentável pela Università degli Studi Roma Tre (2015).

Prof. Dra. Daniele Caron | membra externa

Professora no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura UFRGS. Doutora em Urbanismo pela Universidad Politécnica de Cataluña (2017).

AGRADECIMENTO

À vida e aos encontros.

Ao meu incrível e liberto orientador, Eduardo Rocha, presente e acolhedor.

À minha coorientadora, Lisandra Krebs, atenta e generosa.

À Valentina Machado, pelas caminhadas e tempo compartilhado.

À Gabriela Wedekin, pela escuta, força e incentivo.

À Amanda Monteiro, pelas conversas e leituras compartilhadas.

Ao professor Cristhian Moreira Brum e às professoras Emanuela Di Felice e Daniele Caron, que aceitaram o convite para a composição da banca de defesa. Ao professor Fernando Fuão que participou da banca de qualificação. Agradeço a todos o tempo, a atenção e as contribuições para o meu trabalho.

À todas pesquisadoras do grupo Cidade + Contemporaneidade, pelas trocas, ensinamentos e aprendizados. Vocês são imensas e têm minha admiração!

Ao grupo de pesquisa Arte e Natureza, que fez parte da minha história em Pelotas.

Ao PROGRAU e a todos que eu tive a oportunidade de conhecer na FAUrb.

Ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, pela bolsa que possibilitou o desenvolvimento da pesquisa.

Àqueles que contribuíram de maneira direta e indireta para a pesquisa.

Um agradecimento especial à minha mãe, Solange, ao meu pai, Clárcio e ao meu irmão, Gabriel, por todo o amor, confiança, tempo e apoio incondicional.

À minha avó, Jorgetta, pelo afeto, carinho e cuidado.

Às minhas amigas, presentes mesmo na distância.

Ao meu companheiro, pela presença de cada dia.

Resumo

A terceira paisagem é um conceito desenvolvido por Gilles Clément em seu Manifesto(2004) e está atrelada ao funcionamento da ação biológica em territórios que são constituídos de maneira fragmentada. Objetiva-se investigar os sentidos e potencialidades das paisagens urbanas contemporâneas atreladas a um devir terceira paisagem. O método cartográfico, permeado pela filosofia da diferença, sustenta a investigação e se desdobra em uma cartografia urbana no antigo curso do Arroio Santa Bárbara, localizado em Pelotas/RS. Curso d'água que teve suas águas desviadas e seu corpo aterrado. Dentre os procedimentos estão o caderno de bordo, as práticas de caminhada que suscitam uma caminhografia urbana no antigo percurso do Arroio, revisão teórica e a revisão histórica do contexto de pesquisa. Os espaços residuais encontrados nessa experiência configuram o recorte da pesquisa e se agenciam como territórios da cidade contemporânea. Por meio da aproximação de noções de paisagem; os conceitos de *terrain vague*, abandono e multiterritorialidade; os registros da experiência praticada; e a criação de coleções fotográficas, tem-se a produção de mapas narrativos. Pelos agenciamentos são criadas seis coleções fotográficas: muros e o devir terceira paisagem; estacionários; animalasca; abandonos da cidade residual; ruínas; e existe paisagem nas frestas?. A pesquisa contribui para o estudo e análise das paisagens urbanas com as pistas: Entre paisagens praticadas e multiterritorialidades; Por uma pedagogia da paisagem; e A caminhografia urbana e a apreensão de paisagens emergentes. Abrem-se frestas para outras interpretações da realidade através de uma abordagem da paisagem experienciada como corpo e território existencial.

Palavras-chave: Paisagem; Território; Corpo; Terceira paisagem; Cartografia urbana; Arroio Santa Bárbara.

Resumo

The third landscape is a concept developed by Gilles Clément in his Manifesto (2004) and is linked to the functioning of biological action in territories that are constituted in a fragmented way. The aim is to investigate the meanings and potentialities of contemporary urban landscapes linked to a becoming third landscape. The cartographic method, permeated by the philosophy of difference, supports the investigation and unfolds in an urban cartography in the old course of Arroio Santa Bárbara, located in Pelotas/RS. A watercourse that had its waters diverted and its body grounded. Among the procedures are the logbook, the walking practices that give rise to an urban pathography on the old Arroio route, theoretical review and the historical review of the research context. The residual spaces found in this experience configure the research cutout and act as territories of the contemporary city. By approaching notions of landscape; the concepts of *terrain vague*, abandonment and multi-territoriality; the records of the experience practiced; and the creation of photographic collections, there is the production of narrative maps. Through the agencies, six photographic collections are created: walls and the becoming third landscape; stationary; animalistic; residual city abandonments; ruins; and there is landscape in the cracks?. The research contributes to the study and analysis of urban landscapes with the clues: Between practiced landscapes and multi-territorialities; For a pedagogy of the landscape; and Urban pathography and the apprehension of emerging landscapes. Gaps are opened for other interpretations of reality through an approach to the landscape experienced as an existential body and territory.

Keywords: Landscape; Territory; Body; Third landscape; Urban cartography; Santa Barbara stream.

SUMÁRIO

QUANDO A PAISAGEM SE FAZ CORPO ENCONTRO.....	21
CORPO CAMINHA CIDADE PRÉ-INTRODUÇÃO	24
PERCORRENDO PAISAGENS INTRODUÇÃO	26
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	40
O URBANISMO E A PAISAGEM URBANA EM MOVIMENTO	40
As imagens em movimento, territórios contemporâneos	45
Os territórios e as multiterritorialidades	46
A TERCEIRA PAISAGEM	50
O diferencial da terceira paisagem	52
Implementação da terceira paisagem	54
Estudo Estratégico para a Gestão dos Terrenos Abandonados de Montpellier/Fr	56
Tentativa de apreensão das tipologias do abandono em Pelotas	62
3. A CARTOGRAFIA, O MÉTODO E OS MAPAS.....	66
A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO	66
O MÉTODO DA CARTOGRAFIA URBANA	68
OS MAPAS	69
Procedimentos metodológicos	72
Revisão teórica	73
Revisão histórica	74
Mapas	74
Imagens	75
Caderno de campo	75
Caminhadas	75
Imagens	76
Mapas	77
Análise cartográfica	78
4. EXPERIMENTAR TERRITÓRIOS	83
ENTRE PAISAGENS E CAMINHOS: Caderno de Bordo	85

A sequência dos passos, um ritmo	85
O CANAL SANTA BÁRBARA: um desvio	89
A PONTE DE PEDRA: a travessia de uma história	98
ENTRE MUROS	107
OS MIOLOS DE QUADRA	111
sobre o CAMINHAR mulher na cidade	129
AS RUÍNAS DA FÁBRICA DE PAPEL:	137
uma arquitetura do abandono em devir terceira paisagem	137
O BRAÇO MORTO DO CANAL as pontas e as pontes	153
A VOLTA, de Pelotas para POA	169
5. AGENCIAMENTOS	171
CAMINHANDO EM FLUXO CONTÍNUO	171
AS COLEÇÕES FOTOGRÁFICAS	172
COLEÇÃO MUROS e DEVIR TERCEIRA PAISAGEM	174
COLEÇÃO ESTACIONÁRIOS	176
COLEÇÃO ANIMALESCA	183
FRAGMENTOS DA CIDADE RESIDUAL	191
COLEÇÃO ABANDONOS	192
COLEÇÃO RUÍNAS	197
COLEÇÃO EXISTE PAISAGEM NAS FRESTAS?	204
INVENTÁRIO DE PRESENÇAS	214
Coleção muros e o devir terceira paisagem	214
Coleção estacionários	214
Coleção animalesca	215
Coleção abandonos da cidade residual	215
Coleção ruínas	216
Coleção: existe paisagem nas frestas?	217
MAPEARIA CAMINHADA	219
Combinação dos percursos: toda chegada é sempre uma partida	220
MAPA devir terceira paisagem	226
6. RASTROS E PISTAS	230
Entre paisagens praticadas e multiterritorialidades	230

Por uma pedagogia da paisagem	231
A caminhografia urbana e a apreensão de paisagens emergentes	234
REFERÊNCIAS	238

QUANDO A PAISAGEM SE FAZ CORPO | ENCONTRO

Na constante construção das coisas, dos eventos e dos acontecimentos eu me vi fragmentada, em pedaços. Seriam partes de mim, todas partes de mim, a **terceira paisagem**.

O interesse pela terceira paisagem nasce pelo **encontro**. Talvez esse encontro tenha acontecido muito cedo, quando era criança e brincava na rua e nos terrenos abandonados em que os vagalumes piscavam e as plantas cresciam espontaneamente. Olhava atentamente cada uma delas antes de voltar para a **casa**. A casa que agora é **corpo, território existencial**.

Cresci em cidade pequena, sempre transitando entre o sítio nos finais de semana e cidades médias nas férias e feriados. No sítio via as luzes no céu e, nas cidades, eram as luzes da terra que iluminavam a minha **passagem**. Era artificial, mas iluminada. Era o que via, uma coisa e outra, eram as duas coisas e um corpo, **experiência**.

Talvez os encontros e as paisagens sempre estivessem ali, entre a espera, a viagem, a chegada, a presença. No caminho e entre os caminhos: a cidade água. Em meio a dois rios secos, vi-me ilhada. Era a água do caminho e era o próprio caminho em meio a água. Entre águas, um pouco de cada, um pouco de mim um pouco de casa. Na coexistência a transição de caminhos **pulsa** em temporalidades, mundos-água.



Na época, 400 mil mortes por covid, fora os casos negligenciados, sub-notificados. Depois disso, parei de contar, não fazia sentido ver aquilo. Anestesiada pelos sintomas do corpo, pelo peso do corpo que não conseguia ser sustentado por ele próprio. Anestesiada pelas perdas.

Via notícias, minha mãe é uma. Quantas mães?

Meu pai é um outro. Quantos pais?

Minha avó, mais uma outra, dentre quantas vidas perdidas?

Quando meu irmão me ligou para comunicar a ruptura abrupta e violenta, ele estava internado, e eu, em isolamento, toda família infectada, quantas famílias?

Não sabíamos como nem onde, o vírus surgiu para nós como surgiu para o mundo inteiro. Ele me disse: "a mamãe faleceu" e eu implorei desesperadamente pela vida de minha mãe. Implorava por vida, pela existência, pela voz, pelo abraço. Aquele que eu evitei dizendo: só com máscara! Já estávamos infectadas e a resposta da minha mãe foi: "estamos todos no mesmo barco". Estamos todos em um mesmo barco afundando juntos, a fragilidade da vida escorrendo por entre os dedos como se fosse a dissolução de uma matéria rígida e dura em ar. Os tempos líquidos evaporam-se de uma hora para outra. Se é pelo ar que estamos aqui, que sejamos lúcidas da consciência de estarmos respirando, ar que não se faz sozinho.

Ar que sustenta a vida e corpo-território existencial.

Existindo, estamos existindo e respirando entre paisagens. Passamos o tempo escrevendo sobre questões que geram reflexão para a construção de cidades, cidades que habitam em nós, paisagens praticadas por corpos. Corpos vivos, manifestos, mas e então?

Para quê?

É para a **própria vida**.

“A paisagem nasce nômade e de cabeça para baixo” (CARERI, p. 126)

Demorou para o corpo aceitar que, apesar do movimento, esse é um trabalho teórico, baseado e fundamentado por meio da filosofia da diferença¹, ou ainda da cartografia que bebe dessa fonte. Demorou para o corpo perceber e reconhecer que há momentos para cada coisa e, que, muitas vezes encantada e seduzida pela rua e suas potencialidades, a cartógrafa demorou a se dar conta de que há um universo vasto e infinito para ainda ser explorado, o que se trata aqui no texto, é de um percurso, um caminho possível de prática, prática de pesquisa, prática que auxilia a manter e sustentar deslocamentos de pensamentos. O arcabouço teórico, traduz universos e demonstra a amplidão desse túnel, que suscita e fomenta impulsos e capturam outras formas de ver fronteiras escorregadias entre a cultura e a natureza. Paisagens baseadas em preceitos éticos rompem com as barreiras estéticas, muros, construções abandonadas, em ruínas, tomadas por uma força em potencial. Paisagens em potencial, sugestões em devir criam tensionamentos com o caminhar sendo e estando corpo mulher. O caminhar é uma prática porque pede constância, dificultada pela pandemia, pelos espaços públicos esvaziados, pelo ritmo desacelerado, pelo distanciamento e consequente medo da rua, do vírus propagado pelo ar que respiramos. Como caminhar sem respirar? As paisagens sufocavam, o encontro² com as pessoas também. Foi em meio a essas dificuldades que a pesquisa se desenrolou. Em um “cenário³” nada almejado nem pensado pela maioria de nós, meros mortais. O que a cartógrafa quer dizer aqui é que o processo foi longo, em meio a esses dois anos e meio, a pandemia apareceu, para surpresa de todas, todos, todes. O caos foi implantado, ou um caos ainda maior. A transformação cronológica das paisagens sugere por entre passagens, estações, frestas e abandonos, uma narrativa. Tal perspectiva perpassa o modo de apreensão de realidades da paisagem urbana contemporânea cada vez mais cambiantes, seja por meio da crítica às forças hegemônicas, vislumbrando um outro valor e potencialidade das paisagens, das frestas ou mesmo movimentos de pensamento. A paisagem melódica criou corpo ritmado e encontrou o abandono em devir paisagem.

1 A filosofia da diferença se propõe a dar voz à diferença instaurando novas perspectivas do real, oferecendo “uma nova imagem do pensamento”, de acordo com Gilles Deleuze.

2 Trata-se do “jogo da produtividade dos encontros na co-criação conceitual deleuziana.” No texto de Luiz Orlandi: Um gosto pelos encontros, 2014.

3 Aqui a palavra cenário traz uma perspectiva diferente e de distanciamento da cartógrafa com o meio, explicitada e evidenciada pela frase, sendo considerada em movimento durante o percurso de escrita e prática imersa na cidade.

PERCORRENDO PAISAGENS | INTRODUÇÃO

Olho o mapa da cidade. Como quem examina-se. A anatomia de um corpo. É que nem se fosse o meu corpo! (Mário Quintana)

Em meio a pandemia da COVID-19⁴, a natureza sistêmica do nosso planeta pode ser "encarada", mais do que nunca, pelo estreito vínculo entre a saúde humana, animal e ecológica. O colapso que teve início em 2020 persistiu em 2021 e 2022, levou quase todo o planeta a uma crise sanitária e humanitária. A pesquisa se inicia com inúmeras indagações e uma vontade de refletir sobre alternativas para o estudo e leitura da paisagem urbana contemporânea. Antes de percorrer esses caminhos, é necessário reconhecer que a maioria dos nossos problemas globais, tais como escassez de água, degradação ambiental, mudanças climáticas, desigualdade econômica e insegurança alimentar, dentre outros, não podem ser abordados por uma perspectiva isolada. Ao reconhecer a interdependência inerente a esses problemas, fica evidente que quando uma situação se agrava, os efeitos se estendem por todo o sistema, intensificando outras problemáticas.

Do mesmo modo que os problemas globais necessitam de uma análise sistêmica, a leitura da paisagem também necessita. A compreensão da paisagem pelo viés da separatividade conduz a dicotomia entre o ser humano e a natureza, o cultivo de uma natureza dissociada da experiência de paisagem cotidiana. Como ressalta o pensador francês Félix Guattari, mais do que nunca **a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar "transversalmente"** as interações entre ecossistemas, mecanosfera e Universos de referência sociais e individuais (2012). O sociólogo Maffesoli também salienta a urgência em se discutir a natureza não mais como objeto a explorar, mas como uma parceira obrigatória visto que isso é **tudo o que diz respeito à qualidade de vida**, tocando no âmbito dos estudos de filosofias de vida e novos modos de produção (2005).

Os modos de viver nas cidades impactam diretamente a qualidade de vida das pessoas, impulsionando a criação de experiências⁵ urbanas distintas. As experiências urbanas produzem sentidos, criam realidades e servem para comunicação de potentes mecanismos de subjetivação. Em seu sentido literal, a palavra experiência traz consigo o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e, além disso, o ex de existência (BONDÍA, 2002). O estudo de questões que tocam a paisagem urbana se apresenta como pertinente e serve como suporte para que possíveis existências possam ser reconhecidas como potencialidades. Aprender sobre as limitações impostas pelo que já está construído na malha urbana e o potencial manifesto em suas

⁴ O coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2.

⁵ Notas sobre a experiência e o saber de experiência, em Jorge Larrosa Bondía, 2002. In: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>>.

frestas fortalece os anseios acerca das cidades plurais que queremos cultivar. Contudo, de que maneira a análise da paisagem urbana pode auxiliar nesse percurso?

A problemática de apreensão da paisagem repercute nas transformações das paisagens. A modificação da paisagem ganha contornos na lógica de planejamento da cidade baseada no higienismo e movimentos de modernização e progresso das cidades pós-revolução industrial. No processo de produção de cidades, ao modelizar projetos e intervenções urbanas que legitimam mentalidades e desejos vinculados à manutenção de regimes do capital, são reproduzidas paisagens idealizadas pelo capital. Tais paisagens são enunciadas por narrativas dominantes que oprimem diferenças e apagam existências da produção urbana. A paisagem é para o planejamento urbano desde a modernidade um meio de conduzir comportamentos e incitar desejos e, quando moldada pelos poderes hegemônicos aliados ao mercado, concebe apagamentos e desigualdades. Apagamentos ambientais, culturais e sociais ocasionam sufocamentos da pulsão de vida.

A lógica de planejamento que opera pelo desgaste do conceito de paisagem, sobretudo com as práticas de revitalização urbana, contrapõe a heterogeneidade e a multiplicidade presentes nas paisagens contemporâneas. Nesse sentido, busca-se alternativas e possibilidades para se pensar diferente em meio ao momento atual em que estamos vivendo. A necessidade de refletir sobre outros modos de planejamento que operam gestões de ambiências concebidas na maioria das vezes por uma perspectiva negativa, reivindica a descolonização do pensamento da paisagem como objeto.

O conceito da terceira paisagem, desenvolvido por Gilles Clément em seu Manifesto (2004), oportuniza e potencializa essa discussão ao tentar construir uma cultura da paisagem que busca a preservação de múltiplas espécies e o respeito à diversidade. O conceito surgiu a partir de um olhar de Clément para a paisagem de Vassivière, na França, em 2002. A proposta de análise reconhece as áreas florestais manejadas e as águas represadas por uma hidrelétrica mediante o caráter artificial de uma paisagem configurada “naturalmente” por um conjunto organizado, levando em consideração as curvas do relevo, as exposições e a facilidade de acesso (CLÉMENT, 2014). A terceira paisagem não precede a existência de duas paisagens anteriores e, apesar de tocar em questões filosóficas e pedagógicas, é considerada como territorial e está presente nas paisagens urbana e rural. Constituída de maneira fragmentada, se compõe a partir de espaços residuais, conjuntos primários e reservas.

O espaço residual é considerado como o resultado do abandono de um terreno anteriormente explorado. Esses territórios, despovoados de funções se estendem a lugares como margens de estradas, margens de rios, terrenos baldios e outras áreas que podem ter origem agrícola, industrial, urbana, turística, entre outras. As reservas são consideradas lugares não explorados. Seja pela dificuldade de acesso ou pela exploração inviável devido a seu alto custo, esses territórios surgem a partir da subtração de territórios antropizados. Existem também as reservas que podem ser consideradas como conjuntos primários e se mantêm por decisão

administrativa (CLÉMENT, 2014).

A terceira paisagem incita uma provocação aos sistemas de patrimonialização e pode contribuir com possibilidades e estratégias de preservação de paisagens cada vez mais múltiplas. A proposta questiona o desenvolvimento da cidade contemporânea para além dos limites e delineamentos do patrimônio cultural. Dentre os debates patrimoniais há inúmeras controvérsias e, na prática, há tendências de traumas urbanos causados pela gentrificação de contextos específicos e narrativas hegemônicas que homogeneizam paisagens e contribuem para um entendimento fetichizado da paisagem.

Em meio a cidade, as espécies vegetais espontâneas aparecem como bioindicadoras da qualidade do ar, da acidez do solo, bem como do nível de fertilidade. As espécies pioneiras⁶ são responsáveis por facilitar o desenvolvimento de outras espécies, ao oferecer suporte genético desencadeando em um aumento da biodiversidade⁷, ou seja, biologicamente as espécies aparecem de acordo com as camadas que as sustentam. Além disso, se for considerada a alimentação dentro da perspectiva ecológica, reforçando a perspectiva da segurança alimentar e da saúde, grande parte das PANCS⁸ e ervas medicinais podem ser encontradas livremente em canteiros públicos e privados, em frestas de calçadas e ruas. O apontamento desses aspectos revela e amplia as possibilidades de discussão da temática através de uma perspectiva menor⁹.

O estudo da terceira paisagem apresenta potenciais que já foram implementados tanto a partir de um viés projetual paisagístico, como por meio do desenvolvimento de um o Estudo Estratégico para Gestão dos Terrenos Abandonados¹⁰ do grupo COLOCO em parceria com Gilles Clément, localizado em Montpellier, na França. Nesse estudo, o conceito de terceira paisagem aparece como um conjunto de fragmentos de natureza espontânea, os quais estabelecem relações com outros espaços naturais, tais como as tramas verdes e azuis. Para tanto, foram avaliados o potencial biológico, paisagístico e prático de cada espaço investigado com o intuito de evidenciar e propor uma relação sistemática entre eles. O interesse nesses espaços de diferentes proporções, que contém riquezas biológicas variadas, se encontra nas possibilidades de conexão desses territórios com os habitantes da cidade. Associando a terceira paisagem a uma outra territorialidade que tem a possibilidade de existir e coexistir em meio urbano.

No momento atual, em que a imbricação entre o que é natural e artificial se sobre-

6 “Espécies pioneiras é um termo utilizado para se referir às espécies vegetais que podem colonizar ecossistemas inóspitos para outras espécies de plantas, em que as condições são pouco favoráveis para a sobrevivência. Elas são capazes de se manter perfeitamente desenvolvidas em locais com poucos nutrientes e água.” In: <<https://www.ecycle.com.br/especies-pioneiras/>>.

7 A biodiversidade é entendida como a expressão de vida e um dos componentes essenciais para a evolução das espécies.

8 Plantas alimentícias não-convencionais.

9 O termo *menor* remete ao conceito de uma literatura menor, de Deleuze e Guattari, *Kafka*: por uma literatura menor. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

10 Esse estudo será aprofundado no tópico: *Implementação da terceira paisagem*.

põe aos modos de vida e coexistem, pergunta-se: como se pensar a natureza e a cidade na contemporaneidade? A paisagem urbana apresenta dinâmicas e complexidades interessantes para serem analisadas, que se entremeiam e coexistem. Vale ressaltar que a terceira paisagem engloba os territórios do “entre”, e se revela diante do tempo em um dado espaço, por um movimento capaz de criar, transformar e alterar o que existe. Diante disso, questiona-se: como capturar territórios em devir terceira paisagem de modo a desenvolver pistas para a sua apreensão em meio urbano? Quais dinâmicas coexistem e atravessam esses territórios em movimento?

A partir da problematização, escolhemos utilizar o método cartográfico, o qual propõe o acompanhamento de processos, buscando registrar os fenômenos urbanos emergentes na paisagem urbana contemporânea. A cartografia urbana emerge no antigo leito do Arroio Santa Bárbara, localizado em Pelotas, RS. Por conta dos vários alagamentos que atingiram a cidade, em agosto de 1941 e fevereiro de 1954, foram desenvolvidos projetos para canalização do arroio Santa Bárbara. Na década de 50 e em 1968 foi realizado o desvio e construída a barragem do arroio para a regularização de enchentes e para a captação de água para fins de reforço do

Figura 1: Trecho do Arroio Santa Bárbara próximo à Praça Cypriano Barcellos (s. d.). Fonte: Olhares sobre Pelotas, 2020. Na rede social facebook: @Olharessobrepelotas.



Figura 2: POP Center, localizado sobre o antigo trecho do Arroio Santa Bárbara.

Fonte: Da Autora, 2021.



abastecimento da cidade de Pelotas (PETER, 2004).

A escolha do território se justifica pela modificação da paisagem ao longo dos anos, indicando uma paisagem urbana em movimento (Figuras 1 e 2). As alterações da paisagem se deram pela transposição do curso d'água¹¹ para evitar as enchentes ocasionadas pela inserção da malha urbana na várzea do Arroio. Apesar do aterramento do arroio e o seu consequente apagamento, a natureza, a cada chuva, parece lembrar o que já existiu ali. Os traumas urbanos¹² se manifestam e os ciclos se repetem.

Na fotografia aérea de 1964 (Figura 3) aparecem o sinuoso Arroio Santa Bárbara antes do seu aterramento e o Canal do seu desvio. Após o desvio, o processo de aterramento se deu por um lado, com os arruamentos das vias, realizados pela Marinha do Brasil, e, por outro, com os miolos de quadra que pouco a pouco foram sendo preenchidos por entulhos, até se tornarem lotes baldios e serem adquiridos pelos moradores das proximidades.



Figura 3: Fotografia aérea de Pelotas de 1964. Registros aéreos do leito sinuoso do Arroio Santa Bárbara com parte de suas águas desviadas e canalizadas. Fonte: Lagoa Mirim.

11 A transposição do Arroio Santa Bárbara contou com a construção de galerias subterrâneas em percursos distintos do leito original. Alguns trechos da galeria são identificados no trabalho **A transposição do leito do Arroio Santa Bárbara, Pelotas/RS**: utilização de SIG na análise temporal de uma obra de drenagem urbana, de Maria Clara Barbosa Oliveira. In: <https://wp.ufpel.edu.br/esa/files/2018/04/TCC-Maria-Clara-01.12.pdf>

12 O termo traumas urbanos aparece no capítulo *Patrimônio de quem? Cidade de quem? Dilemas sociais do Patrimônio Cultural na Dimensão Urbana*, escrito por Sharon Zukin, tradução Carlos Szlak. In: Cymbalista, R. et al (org.). **Patrimônio cultural: memória e intervenções urbanas**. São Paulo: Annablume, 2017.

A paisagem como territorialidade é marcada pelo envolvimento do corpo com a natureza que [r]existe no antigo leito do Arroio Santa Bárbara, evocando a memória do Arroio fantasma. A captura de memórias faz parte de uma herança cultural das paisagens originais¹³, artificiais ou antropizadas. A revisão na literatura, objetiva investigar os sentidos e potencialidades da experimentação do devir terceira paisagem. Ao atrelar a paisagem e a experiência busca-se criar ferramentas que interpelam a paisagem em sua dimensão cultural e ecológica, acolhendo a sua polissemia e movimentação. A investigação procura tornar acessível a compreensão do conceito da terceira paisagem de modo a desenvolver pistas para a sua apreensão com vistas às paisagens emergentes em meio às vozes dos territórios, pretende-se articular os processos de organização urbana e sistemas naturais, ou seja, aproximar a paisagem dos enfrentamentos práticos e teóricos. A proposta de investigação cartográfica divide-se em três objetivos específicos de pesquisa:

1. Cartografar os territórios atuais do antigo curso do Arroio Santa Bárbara - localizado na malha urbana de Pelotas - a fim de experienciar as possibilidades de abertura para um devir terceira paisagem;
2. Experimentar a cidade e a natureza localizada nas margens pela prática do caminhar, agenciando os encontros registrados;
3. Criar pistas para a apreensão das paisagens emergentes na cidade contemporânea.

A pesquisa está dividida em cinco partes, delimitada por capítulos e tópicos que se entremeciam e se conectam de modos distintos. A primeira parte apresenta uma breve revisão sobre o método cartográfico a partir do livro “Pistas do método da cartografia, Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade”¹⁴ (2015), organizado pelos pesquisadores Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Com o intuito de apresentar novas maneiras de investigação, a prática cartográfica se difunde como uma metodologia diferenciada para se pensar sobre outros modos de apreender a cidade, considerando o ambiente ou meio nos quais transitamos como indissociáveis da vida. A proposta cartográfica tem origem na área da saúde e proporciona outras maneiras de reinventar paisagens criadas e construídas através dos discursos científicos.

Na segunda parte, a proposição teórica revisional se mantém abordando o *urbanismo e a paisagem urbana em movimento, as imagens em movimento como territórios contempo-*

¹³ O termo *originais* considera a paisagem não modificada pelo ser humano.

¹⁴ Por afinidades de pensamento com a filosofia da diferença, vários autores se reuniram para debater inquietações a respeito de metodologias de pesquisa. Esse processo desencadeou o surgimento de dois livros. Esse livro é o primeiro que será abordado pela pesquisa e aponta alguns aspectos e sugestões para a abordagem cartográfica. O livro é composto por 8 pistas, que se desmembraram em capítulos, além de um diário de bordo que registra o processo de uma viagem-intervenção.

râneos, os territórios e as multiterritorialidades. Expondo e estabelecendo um plano comum fundamentado a partir da filosofia da diferença e das noções de *terrain vague* (MORALES, 1995), abandono (ROCHA, 2008), multiterritorialidade (HAESBAERT, 2020) e outras que aparecem para criar um contexto específico para análise proposta. Em seguida, a revisão teórica da terceira paisagem é apresentada abrangendo outros conceitos de Gilles Clément, como o jardim em movimento e o jardim planetário. Dá ênfase aos projetos que foram implementados com base na terceira paisagem, principalmente o Estudo Estratégico para Gestão dos Terrenos Abandonados do grupo COLOCO, que serve de referência para a *tentativa de apreensão das tipologias do abandono em Pelotas*, apresentada em seguida e realizada a partir da experiência prática da cartógrafa.

Na terceira parte, a cartografia como método de pesquisa é retomada propondo uma explicação sobre a cartografia como método de pesquisa, o método da cartografia urbana adotado pela pesquisa e a produção processual de mapas. Em seguida, são apresentados os procedimentos metodológicos propostos para a investigação, dentre eles estão: revisão teórica; caderno de campo; práticas de caminhadas urbanas em Pelotas com o registro de imagens, coleta e criação de mapas; revisão histórica, com a coleta de mapas, textos e imagens e a análise cartográfica que se compõe pelo agenciamento¹⁵ do processo de pesquisa.

A quarta parte busca experimentar cartografias no antigo curso d'água. A escolha da área de estudo levou em consideração a modificação da paisagem após a canalização, desvio e enterramento do Arroio. Durante as caminhadas, realizadas individualmente e em dupla, tem-se um misto de narrativas das vozes dos territórios e aquelas nas quais a cartógrafa deu passagem. Fotografias registram a imagem e a visualidade presente no cotidiano urbano. Aborda o contexto de pesquisa, o canal escondido, explora a captura do antigo leito do Arroio Santa Bárbara, em Pelotas, RS, com base em fotografias de satélite e exalta a influência histórica do Santa Bárbara para a cidade. O mapa cartográfico composto por todos fragmentos, narrativos e visuais, marcam um movimento do percurso da experiência urbana em Pelotas.

Na sexta parte configura-se um agenciamento sobre a leitura da paisagem urbana, acompanhando os processos de transformação dos territórios existenciais e a captura de matérias para apreensão do devir terceira paisagem como um território da contemporaneidade. Para tanto, são criadas coleções fotográficas de imagens que conversam entre si. Dessas apro-

¹⁵ “Segundo um primeiro eixo, horizontal, um agenciamento comporta dois segmentos, um de conteúdo, outro de expressão. De um lado ele é agenciamento maquínico de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; de outro, agenciamento coletivo de enunciação, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas atribuindo-se aos corpos. Mas, segundo um eixo vertical orientado, o agenciamento tem ao mesmo tempo lados territoriais ou reterritorializados, que o estabilizam, e pontas de desterritorialização que o impelem” (DELEUZE, GUATTARI, 112, *apud* ZOURABICHVILI, 2004, p.8). Em uma primeira aproximação, um agenciamento acontece quando podemos identificar e descrever o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos correspondente.

ximações são criados inventários de presenças que marcam os deslocamentos territoriais¹⁶ ao longo do antigo leito do Arroio Santa Bárbara.

Após realizar o agenciamento das composições capturadas e sistematizadas, a sexta parte destaca os pontos de encontro e desencontro os quais adquirem intensidades diferentes. As diferenças ressaltadas impulsionam a criação de pistas para a apreensão das paisagens emergentes que sugerem a presença em devir da terceira paisagem. A pesquisa contribui para o estudo e análise das paisagens urbanas evidenciando a possibilidade de um devir terceira paisagem.

¹⁶ Os deslocamentos territoriais se apresentam como movimentos de pensamentos em meio aos modos de caminhar e apreender as paisagens da cidade.

1. A ESCOLHA DO PROCESSO

O desejo é a criação do mundo (ROLNIK, 2016).

Antes de expor os conceitos que sustentam a pesquisa, é importante ressaltar brevemente o método, que concomitantemente a faz. A pesquisa trata da aproximação entre as experiências da paisagem urbana e os territórios existenciais¹⁷, para tanto, o método da cartografia foi adotado para tal. A cartografia está associada ao pensamento pós-estruturalista¹⁸, apropria as reflexões assinalando novos caminhos de pensamentos que partem da filosofia da diferença. Apesar de não compreenderem a cartografia como método - antimétodo -, a proposta aqui apresentada se utiliza da contribuição de Deleuze e Guattari em seu desenvolvimento (ROSÁRIO; COCA, 2018).

Na filosofia Deleuze Guattariana, a cartografia aparece como um dos princípios do rizoma. A conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante e cartografia, são as características denominadas de princípios. A noção do rizoma não implica uma continuidade caótica, mas atua por uma seletividade de princípios que destacam-se pela ampliação e não pela desmedida (ROSÁRIO; COCA, 2018). Assim como os rizomas em constante mutação, os territórios que se superpõe e se conectam, desterritorializam-se e recriam outros territórios. O vínculo da cartografia com o rizoma se desdobra em mapas que são formados por múltiplas conexões e entradas (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Por metodologia, entende-se o estabelecimento de regras pré-estabelecidas, a palavra é apresentada etimologicamente por *metá-hódos*. O método cartográfico, por estar inserido em um sistema de pensamento acêntrico, rizomático, em vez de prever o estabelecimento de regras pré-estabelecidas, pressupõe uma reversão metodológica: *hodós-metá*. E, assim, a pesquisa é orientada por um *ethos*, uma atitude de atenção ao hodós, caminho da pesquisa, que acontece durante o processo de investigação (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015).

A atitude de atenção ao caminho da pesquisa implica na sustentação de um território existencial. Na crítica de Deleuze e Guattari, o termo “territórios existenciais” se diferencia dos sentidos vinculados a composições restritas de espaços físicos e respostas motoras que interagem. Nesses casos, a multiplicidade e a qualidade desejadas, cedem lugar à unidade e à generalidade (ALVAREZ; PASSOS, 2015).

¹⁷ O termo território existencial tem origem na filosofia deleuze-guattariana e será apresentado a seguir.

¹⁸ O pós-estruturalismo busca movimentos de ruptura e mudança. Na arquitetura, o que segue o estruturalismo é uma visão pós-moderna que evoca uma combinação entre elementos tradicionais e novos, uma confluência de teorias e estilos que culminam em uma obra heterogênea e complexa. Esse termo sugere uma condição múltipla, cujos códigos se organizam de maneira mais livre, rompendo com uma série de regras pré-estabelecidas.

Desse modo, “os sujeitos, os objetos e seus comportamentos deixam de ser o foco da pesquisa, cedendo lugar aos “personagens rítmicos” e às “paisagens melódicas” (ALVAREZ ;PASSOS, 2015, p. 134). Entretanto, os personagens e as paisagens se compõem mutuamente a partir da coemergência, não sendo encarados como polos opostos e dicotômicos. A cada momento em que as paisagens vão sendo habitadas pelos personagens, as paisagens também passam a pertencer aos personagens. Nesse processo, o território existencial, *ethos*, se expressa e é produzido constantemente.

O acesso aos “personagens rítmicos” e as “paisagens melódicas”, também passa a fazer parte de uma realidade própria. Assim, o fazer pesquisa está associado à habitação de um território existencial no qual a pesquisadora faz e está inserida. A cartografia compartilha um território existencial, “é sempre pelo compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam” (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 131).

A filosofia da diferença aponta o território como o próprio lugar de passagem e se desenvolve a partir de paisagens territoriais (DELEUZE; GUATARRI, 1997). A formação territorial é tomada privilegiando os sentidos e modos de expressão em detrimento de aspectos utilitários e funcionais. “Há território a partir do momento em que há expressividade do ritmo”, ou seja, a partir do momento em que os componentes de meios deixam de ser direcionais e funcionais e passam a ser dimensionais e expressivos (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 121).

Em contraponto com a proposta determinista de formação de territórios por meio de condutas, na concepção cartográfica, o território existe a partir da expressão de um ritmo de qualidades próprias, que possui uma assinatura expressiva. A assinatura não indica uma identidade, mas garante um domínio específico e há uma autonomia da expressão sobre as condutas que a expressam. Apesar da assinatura expressiva se encarnar em condutas, não pode ser explicada por estas (ALVAREZ; PASSOS, 2015).

Ora, exprimir não é pertencer; há uma autonomia da expressão. (...) Por outro lado, as qualidades expressivas entram também em outras relações internas que fazem contrapontos territoriais: desta vez, é a maneira pela qual elas constituem, no território, pontos que tomam em contrapontos as circunstâncias do meio externo (Deleuze e Guattari, 1997, p. 125 apud ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 134).

Assim, a expressão não pode ser considerada como propriedade ou pertencente a algo ou alguém que tem existência prévia ao ato expressivo. Já que as funções e direções das condutas não podem sustentar a formação do território, a atenção se volta à dimensão rítmica expressada na conduta, considera-se que são efeitos dos signos expressivos característicos de um território (ALVAREZ; PASSOS, 2015).

A abordagem metodológica para a [re]leitura de uma possível realidade [em] devir aparece como um caminho condizente para a proposta de reconhecimento de um devir terceira paisagem. Escrever, descrever, registrar, apontar lugares que sugerem a presença de um devir terceira paisagem evidencia a existência desses territórios na contemporaneidade e serão retomados no capítulo *CARTOGRAFIAS, MÉTODOS E MAPAS* e esmiuçados no tópico procedimentos metodológicos, Figura 4. Por instante, retornaremos aos conceitos que permeiam a investigação.

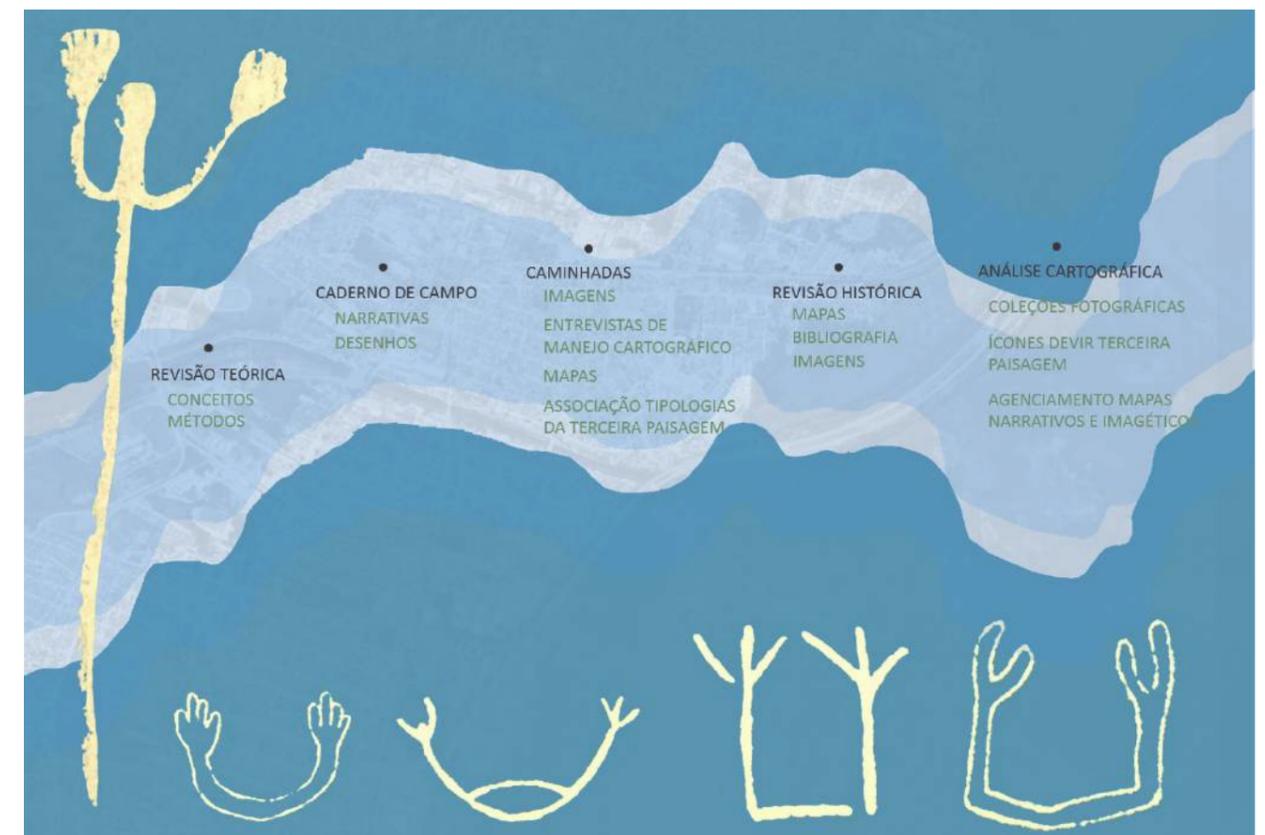


Figura 4: Mapa dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, importante ressaltar que não existe uma linearidade e etapas graduais, muitas vezes os processos se misturam e andam juntos, como ondas. Fonte: Da Autora, 2022.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O URBANISMO E A PAISAGEM URBANA EM MOVIMENTO

O urbanismo, disciplina que já surgiu moderna com funções claramente controladoras, normativas e ordenadoras, adepta aos princípios de lógica funcional e do progresso técnico, repercute até a atualidade, em termos práticos e, sobretudo, metodológicos. Desde a sua criação, preconizou qualquer improvisação urbana popular ou diferentes processos de espaços “desordenados” como um problema de higiene ou sanitário, antes mesmo de ser compreendido como problema estético, social ou militar (JACQUES, 2022).

A grande cidade moderna era vista como um organismo doente que requiritava um tratamento na perspectiva médico-higienista ou da engenharia sanitária. Nesse panorama, Paola Jacques ressalta a utilização de metáforas para denominar áreas consideradas mais problemáticas, tais como “câncer” e “tumor”, utilizadas amplamente até o século 20 por grande parte dos urbanistas modernos, como Le Corbusier (2022).

No Brasil, esse movimento de “limpeza urbanística” se desenvolveu espacialmente pela demolição de cortiços e habitações populares coletivas em áreas centrais da cidade, consideradas insalubres, e posteriormente, em áreas mais periféricas, oriundas do processo de desconstrução da cidade real visando um ideal urbano. As primeiras construções em áreas periféricas - em favelas, vilas ou comunidades - decorrentes desse processo, aparecem pela autoconstrução, usualmente realizada com a reciclagem de restos de materiais construtivos, fragmentos de materiais heteróclitos. A substituição desses materiais acontece de maneira gradual, quando o morador-construtor encontra outros ou tem a possibilidade de comprar, enquanto isso, são atualizados para outras funções, na maioria das vezes distintas para as quais foram produzidos. Paola Jacques(2022) define os favelados-construtores como exímios bricoleurs¹⁹.

A bricolagem²⁰, nesse viés, seria um contínuo processo de montagem, desmontagem e remontagem, que parte de fragmentos heterogêneos, sobras e restos que ganhariam outros usos. A bricolagem relacionada à ideia de autoconstrução sugere um princípio constitutivo baseado em um planejamento improvisado, no reconhecimento e uma forma de pensar o projeto urbano como processo que incorporaria as manifestações inesperadas como um princípio instaurador.

O Urbanismo e a Antropologia surgem no século XIX, como disciplinas quase complementares em que se estuda a modernização das cidades e culturas outras com risco de extinção,

¹⁹ O termo bricoleur caracteriza o personagem que realiza a bricolage.

²⁰ A ideia de bricolagem (*bricolage*) foi desenvolvida por Claude Lévi-Strauss em seu livro **O Pensamento Selvagem**, de 1962.

respectivamente. Tais disciplinas abrangem pedagogias diferenciadas as quais reconhecem o urbanismo a partir de uma “tactilidade”, ou seja, aquilo que pode ser experienciado (JACQUES, 2020). No âmbito da experiência, a defesa e recuperação de uma arquitetura paisagista vem de encontro com o modo de perceber a cidade, uma ideia de pensamento. A imagem do pensamento selvagem²¹ de Lévi-Strauss é permeada pela devoração do outro e pela alteridade antropofágica que devora identidades únicas - fixa, crítica, imposições e padronizações.

Lévi-Strauss abriu espaço para demonstrar as outras formas de pensar das sociedades ditas selvagens, alternativas ao pensamento científico, tecnicista e positivista. Esse tipo de pensamento amplo, que não se deixa domesticar, ao invés de preceder ao pensamento domesticado, qualificado como culto, civilizado ou até mesmo científico, o acompanha continuamente, possibilitando coexistências, paralelismos e correlações com as formas de pensar ocidentais mais complexas²². O pensamento selvagem é mais anônimo e coletivo do que individual, aproxima-se do mundo sensível, do campo das artes e dos saberes ancestrais. Ressalta modos singulares de observar o mundo e se sustenta por meio de elementos concretos e heterogêneos. Parte de dinâmicas diferentes, sendo impuro e complexo, estigmatizado como confuso, irracional e incoerente, está atrelado a uma multiplicidade de diferenças.

O pensamento em estado selvagem, diferente do pensamento cultivado ou domesticado, deslocou a ideia do primitivo com enorme carga pejorativa, recorrente no século 19 e 20, para aquela do selvagem, transbordante em sua potência criativa e transformou a faculdade do pensar ao retirá-la de um monopólio da filosofia ocidental e eurocêntrica. Decodificou uma outra coerência e lógica interna do pensamento selvagem as quais não partiam das tradicionais premissas etnocêntricas, **que buscam ver o outro a partir de si**. O selvagem **seria o(s) outro(s) do civilizado** ocidental, ou ainda, “a alteridade do próprio pensamento eurocentrado, colonial ou colonizado” (JACQUES, 2022).

A noção de bricolagem expressa uma outra relação com a temporalidade do pensamento selvagem, consiste em um tipo de reciclagem no qual coexistem materialmente tempos distintos oferecendo novos usos para sobras, sobrevivências de outros tempos, no sentido Warburgiano²³.

Na prática e exercício de elaboração de planos baseados no monopólio do planejamento urbano, inúmeras metodologias e termos que ainda são amplamente utilizados foram naturalizadas e herdadas dos discursos higienistas, como o “diagnóstico”, que evoca a ideia

21 Outra forma de pensar que Lévi-Strauss — após sua experiência brasileira entre 1935 e 1939, e especialmente sua experiência ameríndia com os povos nativos que viviam no território do Mato Grosso no Brasil —, denominou de pensamento selvagem (*pensée sauvage*).

22 As formas de pensar ocidentais são exemplificadas pelas etnografias de laboratórios científicos de Bruno Latour ou Paul Rabinow e suas teorias.

23 Aby Warburg era historiador de arte. O modelo warburgiano sugere uma reinvenção da história da arte, já que ele provoca suas limitações e instaura relações criativas com as imagens.

de uma cidade doente que necessita de um médico para curá-la. Entretanto, em qualquer projeto, ou mesmo planejamento com influências racionalistas, há algo que escapa do controle daquele que o propõe, uma manifestação que surge ou sobrevive em lampejos, considerando a perspectiva Warburgiana.

Apesar das críticas a proposição funcionalista e racionalista do urbanismo moderno, fomentadas a partir da década de 1960, sua metodologia ainda opera em grande parte dos discursos que visam tratar de questões consideradas urgentes, até mesmo em propostas de projetos urbanos participativos cuja a improvisação é inerente, como em qualquer outro processo de planejamento no qual está indissociado da efetiva participação da população.

Do ponto de vista do planejamento urbano, Patrick Geddes, no início do século XX, na Escócia, aparece com uma nova proposta para a leitura da cidade, a qual impactaria os posteriores discursos a respeito das análises urbanas. Geddes, iniciou a sua trajetória no campo da biologia e, durante a sua vida, se debruçou nos estudos de interação entre a vida e o meio ambiente chegando até as cidades, as quais tiveram suas leituras influenciadas por observações empíricas e intuitivas, tendo como base a “ciência da vida”. Dentre os livros que escreveu, *Cidades em Evolução* traz perspectivas filosóficas baseadas no ordenamento do território, considerando o desenvolvimento da cidade conectada a uma rede mais ampla que envolve o planejamento da cidade junto à sua paisagem envolvente e não somente a interação entre as ruas e espaços públicos. Essa amplitude de visão se desdobrou em um mantra: *survey before planning*, que enfatiza o trabalho da pesquisa anterior ao planejamento urbano. Além disso, os diagramas os quais estabeleciam relação entre a comunidade com a topografia, desenvolvidos pelo pesquisador, foram fortemente utilizados como pensamento para a reconstrução das cidades no pós-guerra (GEDDES, 1949; SMITHSON *apud* RABELO, 2005)²⁴.

Patrick Geddes, aplicando o pensamento evolucionista em 1913, quando já era conhecido em Edimburgo, inventou um novo curso universitário dedicado ao estudo prático da cidade. Criou uma disciplina, a Urbanística Itinerante, cuja proposta era a imersão direta nas dobras da cidade. Tal disciplina nasce durante os percursos a pé através de um método deambulatório, labiríntico e participativo que possibilita a transformação das cidades se distanciando de uma visão abstrata e zenital dos mapas estáticos (CARERI, 2017). Esse modo de fazer pesquisa diz respeito a um registro fenomenológico evolutivo e horizontal, no qual o movimento de caminhar se sobressai às paisagens existentes nas dobras das cidades contemporâneas: a *Survey Walk*.

Esse processo de pesquisa caminhada foi experimentado por Geddes entre 1914 e 1924, na Índia. As observações itinerantes nas cidades, captavam e colhiam indícios referentes às sucessivas evoluções. Ao reconhecer as evoluções históricas dos centros urbanos, o pesqui-

24 In: <<https://cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=705&langVerbete=pt>>. Acesso em 08.07.2022

sador desenvolve um repertório crítico sobre quais poderia intervir e quais deixaria em seu “devir natural”, aquelas que poderiam oferecer mudanças e novas configurações à paisagem urbana. O caminhar antes e depois da composição do plano suscita um novo método pedagógico, que incluía os habitantes do lugar e por isso participativo.

O nascimento do planejamento regional se deu neste contexto, a afirmação do estu-
dioso das cidades era de que se deveria encaminhar primeiramente os estudos para as regiões naturais, pela topografia e pelas bacias hidrográficas. No livro *Cidades do amanhã*, Peter Hall (2016) conferiu a Geddes, o polímata inclassificável, um lugar de destaque como pioneiro e visionário das raízes anarquistas do movimento urbanístico, em contraponto à “solução de Le Corbusier, segundo a qual um mestre planejador todo poderoso demoliria por completo a cidade existente”(JACQUES, 2022).

A manutenção e o reconhecimento de uma cidade errante²⁵, cotidiana e não condi-
zente com a totalidade dos ideais modernos planejados, vem de encontro com a influência de pensamentos anárquicos e das figuras como os *flâneurs*²⁶, denominados por W. Benjamin e inspirados na poesia de Baudelaire, e pelas *flâneuses* de Lauren Elkin²⁷. Careri, em *Walkscapes*: o caminhar como prática estética, traz consigo a errância como arquitetura da paisagem, entendendo-a como “a ação de transformação simbólica para além de física, do espaço antrópico”(CARERI, 2013, p. 28). Essas ações, consideradas éticas e estéticas, acabam por deixar na paisagem alguns sinais de reconhecimento sempre mais estáveis. Visto que a transformação da paisagem também se dá pela presença física do ser humano num espaço não mapeado que, “embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, conseqüentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar” (CARERI, 2013, p. 51).

De acordo com Peixoto, não é mais possível projetar a cidade, a utopia moderna de uma cidade preconcebida parece abandonada, com a trama muito complexa e incontrolável em que toda experiência urbana implica em ruptura e distância. Entretanto, um território é formado por essa permeabilidade generalizada, por esse sistema de interações “em que o imaginário da cidade se confunde com todas as passagens entre todas as formas artísticas e arquitetura” (1993, p. 237).

Já que a paisagem contemporânea é um vasto lugar de passagem e as passagens são o caminho do futuro das imagens, é a partir do grande cruzamento, do encontro que se constitui a paisagem de imagens contemporânea (PEIXOTO, 2004). É nesse espaço de encontro que se oferece em troca a própria presença. E é nas margens que se encontra certo dinamismo e podemos observar um “organismo vital que se transforma”, apesar de deixar ao seu redor

25 O termo errante se conecta à errância, instrumento experimental para a análise e aproximação do corpo com a cidade, explanado no livro *Elogio aos errantes* de Paola Jacques, 2012.

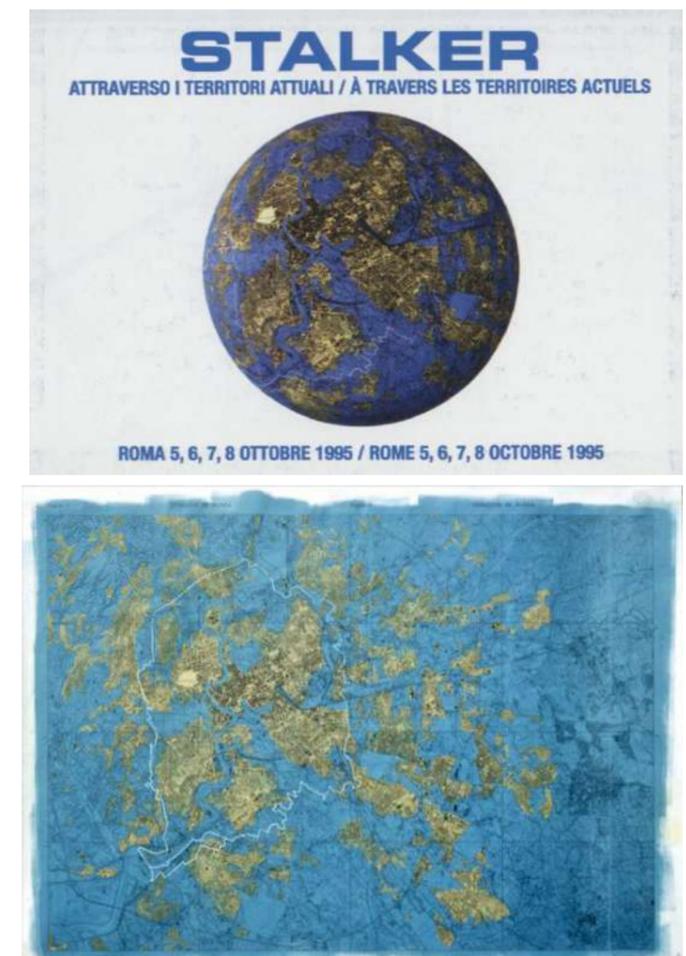
26 Sujeitos errantes e observadores típico da literatura europeia do século 19.

27 No livro *Flâneuse*: Mulheres Que Caminham Pela Cidade Em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza E Londres, 2022.

e no seu interior “partes inteiras de território ao abandono e mais dificilmente controláveis” (CARERI, 2013, p.158).

Essas áreas intersticiais, são muitas vezes desprovidas de toda representação, “apre-
sentam uma natureza que ainda deve ser compreendida e preenchida de significados, antes que projetada e preenchida de coisas” (CARERI, 2013, p. 32). E é por meio delas que se pre-
tende traçar um primeiro “percurso unitário de conexão, para: reconhecer o seu direito à existência”, reivindicando para esses lugares uma “autonomia de desenvolvimento” (CARERI, 2013, p. 161).

Em seu livro *Walkscapes*, no capítulo O arquipélago fractal, a cidade é apresentada como tal. O centro da cidade, compacto, vai em direção ao exterior compondo um conjunto de ilhas desprendidas a partir de um sistema policêntrico. A forma de arquipélago da cidade remete a um mar vazio onde existe o “vazio urbano”(Figuras 5 e 6). Pelo olhar da cartógrafa, o mar urbano e seus fractais, com algumas disparidades, se encontram com os fragmentos da terceira paisagem de Gilles Clément, no esquema ilustrativo do subcapítulo “*O manifesto da terceira paisagem*”(Figura 8), conduzidos ao desenvolvimento concêntrico dos espaços residuais na malha urbana da cidade. O contraste dos sistemas policêntricos e concêntricos se sobrepõe e compõe, para a cartógrafa, um mapa de coexistências.



Figuras 5 e 6: Arquipélago fractal, descrito no livro *Walkscapes*, 2016.
In: <https://issuu.com/stalkerpedia/docs/stalker___travers_les_territoires>

As imagens em movimento, territórios contemporâneos

Em 1995, o arquiteto Ignasi de Solà-Morales publica o ensaio *Terrain Vague*, que compõe o livro *Anyplace*, publicado pela editora MIT Press. O ensaio contribui de maneira significativa para o campo da teoria da arquitetura e do urbanismo, das artes, entre outros. A discussão pautada pelo autor é relevante até os dias atuais e auxilia na compreensão dos territórios da contemporaneidade.

O conceito de *terrain vague* é de origem francesa. Ao analisar o termo *terrain*, que tem um carácter mais urbano, é preciso advertir que *terrain* é, em primeiro lugar, uma extensão de solo de limites precisos, edificável, na cidade. Entretanto, a palavra *terrain* francesa se refere também a extensões maiores, talvez menos precisas e “está ligada à ideia física de uma porção de terra em sua condição expectante, potencialmente aproveitável, mas já com algum tipo de definição em sua propriedade a qual somos alheios.” Já a segunda palavra que forma a expressão francesa, o termo *vague* tem dupla origem latina, além de uma germânica. Esta última, da raiz *vagr-wogue*, “se refere às ondas da água e significa movimento, oscilação, instabilidade e flutuação”(1995).

Sòla-Morales (1995) descreve essas áreas como *des-habitadas, in-seguras, im-produtivas*. Remete a um território, ideia física de uma porção de terra, que está fora das dinâmicas urbanas. Esses lugares se apresentam como estranhos ao sistema urbano, são lugares em que os exteriores mentais se manifestam no interior físico da cidade. Revela-se, para a cidade, uma contra imagem dela própria, expressando tanto uma crítica como uma possibilidade de transformação da leitura da territorialidade urbana, do próprio olhar e daquilo que se vê. Contra-imagem por ser justamente a espacialização ou materialização daquilo que não foi ordenado.

O ensaio abrange a perspectiva da fotografia enquanto produtora de imagens e imaginários a respeito das metrópoles contemporâneas. Como produto estético, comunica, além das percepções do espaço, as experiências físicas que se desmembram em psíquicas. É a partir das imagens que atribuímos um juízo de valor ao *terrain vague*. Os problemas de âmbito estético que compõem e envolvem a problemática da vida social contemporânea, tem origem na estranheza dos homens e mulheres contemporâneos “de assumir sua interioridade como identidade” (1995).

O autor aponta para a noção de continuidade no tempo e no espaço. Diferente da continuidade da cidade planejada, eficaz e legitimada, a cidade residual demanda atenção à continuidade que se dá através dos sentidos atentos às dinâmicas e aos fluxos de energia, conferindo ritmos diferenciados aos limites já estabelecidos.

Ao se caminhar na cidade contemporânea, as forças em fluxos e contrafluxos se

expressam como linhas moleculares²⁸, as quais se combinam com a apreensão de conceito de abandono de Rocha (2008,2010) e a experiência do selvático²⁹ Os espaços amplos, vazios e sem funções pré-estabelecidas presentes na cidade, nos quais as plantas espontâneas resistem, também podem ser denominados como espaços “abandonados”. Dentro desses “territórios de desestabilização, de contradição, de desvio”, que ainda são indeterminados é onde “podem surgir todos os tipos de conceitos, de propostas, de projetos e de tudo mais que se queira fazer ou desfazer”(ROCHA, 2010). O território em abandono, ao mesmo tempo que está posto à margem é também o liberto, o livre (ROCHA, 2010).

Na filosofia da diferença, as palavras assumem mais de um significado e/ou se abrem a possibilidades de se transformarem por outras perspectivas. O conceito de polissemia (*polysémie*) para Derrida, seria a “possibilidade ampla de significação de uma palavra e de um texto, de jogo nunca marcado, de significado aberto”(1976, p. 69). Esse acúmulo de sentido, remete em seus textos, simultaneamente a toda uma pluralidade de significações de termos específicos.

Nesse viés, o abandono também assume um carácter polissêmico na investigação proposta, pode ser sintomático, aparecer através da materialidade ou evidenciar um movimento, uma morte, um ciclo, um outro movimento de pensamento emanado por um estado de corpo. Um abandono tem a ver com afastamento, fuga, partida. O ato de movimentar-se de um território, des-habitar, desterritorializar. A experiência do abandono é uma experiência da paisagem, opera nas contradições e suporta extratos de espécies vegetais. O selvático surge como manifestação, expressão de um possível território em abandono. A noção de “paisagem negentrópica”³⁰, proposta pela associação cultural Stalker³¹ Noworking, se refere à capacidade de organização de um sistema natural e se atrela a um tipo de abandono preenchido pelo selvático, ou ainda, a pensamentos e monumentos que podem ser subvertidos por essas forças.

Os territórios e as multiterritorialidades

O encontro com as noções de território e paisagem permitiu uma visão privilegiada que reconhece as fronteiras escorregadias coexistentes nas discussões recentes. A Geofilosofia foi criada por Deleuze e Guattari através do enlaçamento teórico entre a Geografia Cultural e a

28 Ensaio de Guattari: Não se trata, como podemos perceber, de uma nova receita psicológica ou psicossociológica, mas de uma prática micropolítica que só tomará sentido em relação a um gigantesco rizoma de revoluções moleculares, proliferando a partir de uma multidão de devires mutantes: devir-mulher, devir-criança, devir-velho, devir-animal, planta, cosmos, devir invisível-tantas maneiras de inventar, de “maquinar” novas sensibilidades, novas inteligências da existência, uma nova doçura (Guattari, 1980, p. 139)

29 O termo selvático é suscitado no Artigo Caminhar em Roma: A Experiência de Inscrever-se no Selvático da Cidade de Valentina Machado e Eduardo Rocha(2019).

30 Com base nas teorias e métodos propostos pelo teórico da paisagem Martin Prominski(2019).

31 O nome do grupo foi originado pelo filme *Stalker* de Andrey Tarkovsky, de 1979.

Filosofia. Essa rede conceitual, possibilita ligações sem a necessidade de articulações lineares, teleológicas e dialéticas (OLINTO, 2006 *apud* SANTOS, 2007). Visto que “os campos com os quais se articula (metafísica, estética, arquitetura, literatura e arte) lidam necessariamente com disparidades, com-possibilidades e equilíbrios instáveis”, requerendo uma linha de pensamento que oportunize tanto a consistência como a contingência (SANTOS, 2007, p. 39).

Os modos de ordenamento territorial partem de noções distintas de “território”. Haesbaert traz as noções de território dos povos indígenas em contraponto com o ordenamento oficial. Ressaltando que a diferença se apresenta por ser outra maneira de concepção do território, o que não quer dizer que signifique uma “maneira particular” ou “específica”. No caso do ordenamento oficial, compreende-se a noção territorial a partir de zonas, “uma área geográfica à qual se designam significados ou atributos (características físicas, jurisdição política, forma de propriedade, estatuto legal, etc.)”. Já para os indígenas o território é concebido por meio de um modelo relacional, se apresentando não como áreas, mas como tecido. Essa noção ultrapassa os limites do mapa bidimensional, e é considerada “uma representação modelada como um corpo vivo que se alimenta, que se reproduz e tece relações com outros corpos” (ECHEVERRÍ, 2004, p. 263 *apud* 2021, p. 292).

O território como recurso natural ou abrigo na linha da biologia trabalha a partir da territorialidade dos animais, sendo assim, é como se o ser humano carregasse a necessidade de ter esse território pela base na qual ele se reproduz. De tal modo, o território é visto como elemento constituidor da sociedade, já que nenhuma sociedade pode se constituir sem a base. Assim, “o território, por não ser lido apenas como objeto físico, material, é constituído, em primeiro lugar, pela ação daqueles que o constituem” (HAESBAERT, 2021, p. 238). O próprio conceito de sociedade implica em sua espacialização, ou ainda, territorialização e a força da pluralidade territorial, em que continuidades e descontinuidades coexistem, se compõem e se imbricam, fazem parte dessa construção da vida social.

Visto como um “híbrido” entre sociedade e natureza, entre materialidade e simbolismo, “em uma complexa interação espaço-tempo, como nos induzem a pensar geógrafos como Jean Gottman e Milton Santos” (Haesbaert, 2004, p. 79), o território é, ao mesmo tempo, fixação, área delimitada, controlada e mobilidade, rede. Sob inspiração de Deleuze e Guattari (1980), (...), admite-se a territorialização também pelo controle de redes, **expressa na própria repetição do movimento**. Enfim, “o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material[izável] das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural” (Haesbaert, 2004, p. 79, grifo da autora).

Haesbaert ainda afirma que o reconhecimento dos processos de (multi)territorialização necessitam de maior entendimento, principalmente por apresentarem potencial político inovador que exigem ou implicam quando se trata de outros modos de se territorializar. Segundo

Haesbaert, dentre as duas linhas de construção de territórios que existem no momento atual, uma delas parte de uma perspectiva mais materialista e outra mais idealista. Essa concepção de leitura dualista, se reduz ao binômio daqueles que limitam “o território ao campo das ideias (símbolos, representações), e aqueles que o restringem estritamente ao campo da materialidade” (2021, p. 224).

Nesse ponto, o autor traz o entendimento do que vem a ser território e territorialidade, abrangendo um aspecto indissociável tanto material como simbólico. Esse primeiro aspecto tem a ver com a dominação, neste caso jurídico-política, da terra. Entretanto, observa-se dois pontos distintos e contrapostos dentro da perspectiva daquele cujo território é de difícil acesso e daqueles que apresentam o privilégio de usufruí-lo, o território se expressa, portanto, não apenas por meio do “poder político” mas também em um sentido de dominação (2003).

Além dos termos já destacados, a problemática da desterritorialização, considerada como um dos conceitos-chaves do pós-estruturalismo e que aparece de maneira mais elaborada na concepção de Deleuze e Guattari, traz ao território uma perspectiva múltipla. Parte-se da territorialidade mínima, apresentada tanto como território geográfico como corpo - abrigo e aconchego - condição indispensável para “estimular a individualidade e promover o convívio solidário das multiplicidades - de todos os corpos e de cada um de nós” (HAESBAERT, 2020, p.17).

A multiterritorialidade impulsiona o agenciamento de novas concepções de território, demonstra abertura múltipla para concepção territorial acerca dos espaços abandonados, visto que é um conceito advindo da filosofia da diferença. Elabora territorialidades pautadas por dinâmicas que coexistem e se repetem criando multiterritórios que preconizam expressões diversas.

A TERCEIRA PAISAGEM

O conceito de terceira paisagem está associado a outros dois termos, igualmente desenvolvidos por Gilles Clément, o jardim em movimento e o jardim planetário. Jardineiro, escritor, professor, horticultor e artista, Clément é um dos nomes mais proeminentes do paisagismo contemporâneo. Possui contribuições relevantes no campo profissional e se debruça no desenvolvimento de projetos paisagísticos e reflexões teóricas acerca das transformações da paisagem. Para Clément, "a paisagem, na realidade, se modifica o tempo todo, já que é constituída por grande parte de seres vivos que estão ali temporariamente, transformando-a" (2008, p. 30).

Nessa perspectiva, os projetos paisagísticos de Gilles Clément, apesar de abordarem aspectos convencionais, vão além da questão da elaboração de espaços de lazer e áreas verdes. Desenvolvem-se por provocações, reflexões, metáforas e exposições. Alinhadas às ideias de **jardim em movimento**, experiência prática realizada por meio de observações atentas e intervenções pontuais em *La Valée*³², e a política do **jardim planetário**, proposta pedagógica que envolve e possibilita a prática do conceito anterior e é composta por vários fragmentos, sendo um deles a **terceira paisagem**.

A composição do termo "em movimento" se dá na observação atenta do movimento físico das espécies vegetais sobre o terreno. Especialmente ao deslocamento rápido pertencente às espécies herbáceas de ciclos curtos, anuais ou bianuais, que desaparecem imediatamente após suas sementes se formarem e reaparecem em direção aos solos expostos, onde os grãos que foram disseminados pelo vento, animais e humanos, germinam. Assim como todos os seres vivos, o jardim em movimento encontra-se submetido a constantes transformações resultantes de sua interação no tempo. As energias pulsantes manifestas na natureza direcionam dinâmicas sem encontrar obstáculos limitantes a uma geometria ideal de jardim, descolando-se da propriedade e domínio humano ou de outros princípios ligados à cultura antropocêntrica. Evidencia-se o fato de que a natureza não está necessariamente a serviço do ser humano, mas se encontra no próprio interior e inteiramente associada a ele (CLÉMENT, c2007).

A palavra jardim tem origem germânica e quer dizer *enclos* (trad. lugar fechado). Todavia, essa ideia de lugar fechado é ilusória, visto que tudo se comunica. O jardim, considerado desde a sua origem como um lugar de proteção, deve sua existência à sedentarização progressiva da humanidade. No livro *Toujours la vie invente*, Clément exemplifica esse processo com os pigmeus, que ao buscarem em lugares distantes as plantas para se colocar no jardim, revelam a preciosidade desses refúgios que abrigavam além das espécies nativas, as plantas exóticas

³² Uma propriedade "abandonada" adquirida pelo paisagista na década de 1970.

(CLÉMENT, 2008). Nesse sentido, o jardim planetário aparece com os limites estabelecidos pela biosfera, limites do fechamento daquilo que se considera como o porvir da diversidade da qual o ser humano faz parte (CLÉMENT, c2007).

O conceito de **jardim planetário** é destinado a comunicar a imbricação da diversidade dos seres vivos no planeta e evidencia o papel de gestão do ser humano em relação a essa diversidade. Desenvolve-se pela constatação de três aspectos: **a finitude ecológica, a gestão planetária e a cobertura antrópica**. O primeiro aspecto elencado, parte da noção de finitude ecológica que começa a ser disseminada na metade do século XX, em consonância com o aprofundamento dos conhecimentos ecológicos sobre o planeta. Ao reconhecer o fim da biomassa planetária, a vida preciosa se esgota. A finitude constatada passa a ser responsabilidade do ser humano, ser consciente com potencial de garantir uma diversidade inconsciente por meio de suas ações. O segundo aspecto consiste na gestão planetária, originalmente regulada por um jogo natural de elementos, se vincula aos impactos das atividades humanas e opera a partir dessa lógica em crescimento. É o resultado de um movimento de fluxos em torno do planeta: ventos, correntes marítimas, além de migrações de pessoas e animais, visto que as espécies nômades se encontram constantemente misturadas e redistribuídas. Ao contrário do ser humano, a única espécie capaz de superar as condições climáticas com o auxílio de múltiplos apêndices (habitações, vestimentas, veículos climatizados, etc), as plantas e animais se redistribuem segundo suas capacidades de vida, ao cerne de grandes zonas climáticas sobre o planeta, denominados biomas (CLÉMENT, c2007).

A imagem do continente teórico, Figura 7, é composta pela sobreposição do conjunto de biomas em que todos os continentes se confundem, e traduz uma realidade biológica atual, ainda que imageticamente. A gestão planetária ameaça a diversidade específica de cada bioma ao colocar espécies que possuem vitalidades desiguais em competição, induzindo novos comportamentos, ou ainda, novas paisagens (CLÉMENT, c2007).

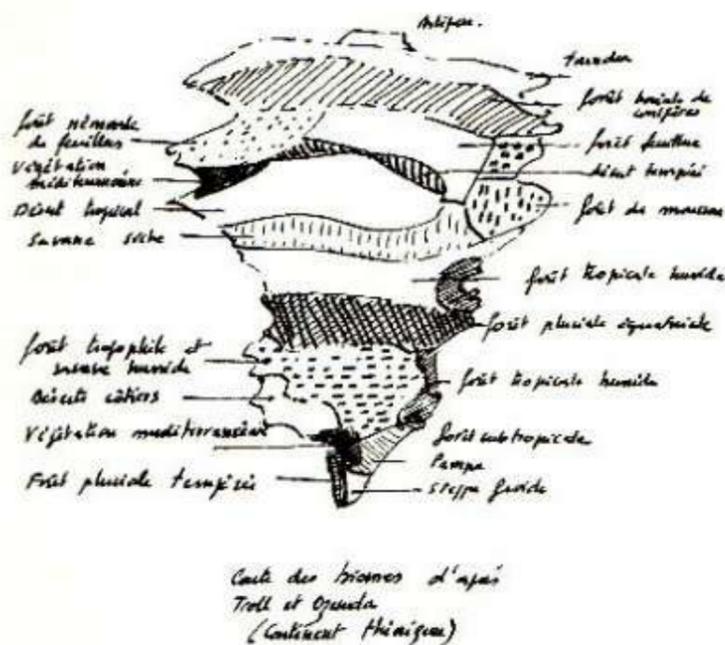
O terceiro aspecto, considerado como ferramenta do jardim planetário, se volta à cobertura antrópica, e é considerada no nível da “sobrevivência” do território atribuída ao regimento do ser humano. As espécies abandonadas do jardim aparecem voluntariamente, por comodidade ou por necessidade, mas o espaço abandonado não é mais necessariamente um espaço desconhecido (CLÉMENT, c2007).

O jardim planetário de Clément é uma maneira de refletir a ecologia integrada ao ser humano em múltiplas escalas, seguindo a filosofia do jardim em movimento de “fazer o máximo possível com o menos possível contra”. Visto isso, o objetivo do jardim planetário consiste na busca de experimentar a diversidade sem destruí-la, de continuar a operar a máquina planetária, fazendo viver as múltiplas espécies do jardim (CLÉMENT, c2007).

O diferencial da terceira paisagem

A terceira paisagem é considerada como fragmento incidente da política territorial jardim planetário e aborda questões referentes ao jardim em movimento (ANDRADE et al., 2019). O conceito da terceira paisagem surge a partir de uma análise paisagística de Vassivière, um dos maiores lagos artificiais da França, localizado em Limousin. Ao observar a paisagem de Vassivière no ano de 2002 por meio da proposta estabelecida pelo Centro de Arte e de Paisagem, Gilles Clément reconhece um contexto em que as aparências e características artificiais manifestam-se naturalmente, tendo como imagem de pensamento, as represas geradas pelas barragens hidrelétricas, a monocultura de árvores direcionadas para o extrativismo e a pastagem para criações bovinas. Na análise, a paisagem foi evidenciada pelos conflitos entre as reservas florestais delineadas pelos engenheiros florestais, e as explorações agrícolas destinadas principalmente à pastagem bovina e delimitadas pelos engenheiros agrônomos. Ao reconhecer a dicotomia da paisagem apreendida, levando em consideração o número reduzido de espécies vegetais identificadas (não atendendo a diversidade média prevista) e consequente limitada biodiversidade, a terceira paisagem surge em contraponto a esse caráter binário da paisagem. Desse modo, um terceiro conjunto foi estabelecido para análise da paisagem em Vassivière, englobando territórios de planícies, pântanos, várzeas, colinas íngremes e bordas de rodovias, que acolhem a totalidade de espécies capazes de viver no clima e contexto específico (CLÉMENT, 2004).

Figura 7: Continente teórico proposto por Gilles Clément.
Fonte: Manifesto da Terceira Paisagem (c2004).



A crítica do autor se apoia nos vestígios de uma policultura e ressalta o grande número de espécies que desapareceram por serem suprimidas pelas monoculturas e pastagens. As disputas territoriais entre as florestas e as superfícies bem delimitadas, como por exemplo as pastagens e plantações, se configuram e operam de acordo com um dispositivo no qual surge a economia. A análise da paisagem concebida por perspectiva mais ampla do que habitualmente se apresenta seria um objeto de uma indústria específica.

As cidades, as explorações agrícolas e florestais, bem como os lugares destinados à indústria, ao turismo e as atividades humanas, modificam a paisagem por meio de decisões territoriais que por vezes consideram a diversidade e por outras a excluem totalmente. Nesse viés, Clément ressalta os espaços ainda não decididos, que estão “despovoados” de funções e são difíceis de denominar, são aqueles espaços que estão localizados nas margens, pertencem aos abandonos urbanos e/ou rurais situados em espaços intersticiais, zonas de transição, seja em terrenos baldios, pântanos, planícies alagadas, na beira de florestas, ao longo das bordas de estradas e rios, beira de linhas férreas, ou ainda, em diversos cantos esquecidos pela cultura humana, onde as máquinas não passam. A quantidade de espécies vegetais identificadas no conjunto de territórios submetidos à matriz de exploração do homem é falho em comparação a quantidade de identificações levantadas em um abandono (CLÉMENT, c2007). Apesar de se encontrarem dispersos e não existirem semelhanças entre as formas desses fragmentos de paisagem (Figura 8), Clément propõe a junção desses fragmentos para um termo único: a terceira paisagem (CLÉMENT, 2004). Dessa maneira, a terceira paisagem constitui um território de refúgio para a diversidade, consiste em uma reserva genética do planeta, ou ainda, o espaço do futuro.

A temática da terceira paisagem, está presente nos espaços residuais da cidade contemporânea, oferecendo situações e provocando sentimentos nos corpos que a testemunham. Pode-se considerar que o diferencial da terceira paisagem é o olhar voltado para a sucessão ecológica. A sucessão ecológica³³ é expressa por uma sequência de alterações graduais que modificam a composição do solo e a estrutura das comunidades vegetais até que aconteça o surgimento de uma comunidade estável ou clímax. Entretanto, a noção de sucessão ecológica na contemporaneidade aparece de modo aleatório e acontece muitas vezes de maneira descontínua, ou não-linear. Necessita de condições para acontecer, por esse motivo é contingente e histórica.

Implementação da terceira paisagem

Os espaços residuais, principalmente na contemporaneidade, chamam a atenção de projetistas, urbanistas, paisagistas e gestores territoriais, que ocupam cargos eleitos e são responsáveis pelas comunidades locais. Nesse contexto, os promotores de projetos que desenvolvem propostas por uma visão tradicional, almejam o desaparecimento dos espaços residuais e se questionam sobre o como fazê-lo. O conceito da terceira paisagem foi desenvolvido para valorizar e reconhecer as potencialidades desses espaços residuais. A importância de integrar as portarias aos planos urbanísticos locais e às políticas de gestão do espaço agrícola, aparecem como princípio válido que gera leis próprias. Para tanto, é necessário a utilização de uma pedagogia adequada. A abordagem de biodiversidade, que permeia a proposta de refúgio para a vida futura, necessita ser compreendida e apresentada a partir de uma perspectiva que justifique o interesse em seu desenvolvimento.

Atualmente, a terceira paisagem se situa na confluência de aspectos contraditórios, por um lado está o impulso de proteger das espécies com o intuito de favorecer a vida, por outro, se aproveitar dos valores e da vida com o risco de provocar o desaparecimento de certas espécies. Uma outra possibilidade aparece como ilusória, a proteção desses espaços

33 “Na sucessão, primeiramente têm-se ambientes desprovidos de vegetação, seguidos por populações pioneiras (ou eceses), posteriormente as intermediárias (ou seres), até que se alcance o clímax. Geralmente as espécies vegetais climáticas (e.g. típicas do estágio Clímax) são de maior porte, além de mostrar alta eficiência entre produção e consumo de nutrientes. No estágio clímax, quando uma espécie é extinta, outra espécie típica de clímax a substituí, mantendo a ciclagem entre as comunidades de florestas e outros habitats de topo na sucessão ecológica. Comunidade clímax representa uma situação natural em que a comunidade permanece com um nível estável em frequência de espécies (biodiversidade), onde a variabilidade dos recursos ambientais mantém-se pouco ociosa. Em clímax, a comunidade apresenta apenas leves modificações, causadas por pequenos distúrbios, que não a descaracterizam e rapidamente normalizam sua eficiência funcional. Ao se aproximar do clímax, a comunidade demonstra uma tendência ao aumento na variedade de espécies, na complexidade funcional e alimentar das populações de plantas e animais.” In: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunidade_cl%C3%ADmax>

Figura 8: Esquema de desenvolvimento concêntrico dos espaços residuais na malha urbana da cidade. Fonte: Manifesto da Terceira Paisagem (2004).



em detrimento da exploração financeira, o que seria, invalidado pela característica de nossas sociedades modernas.

Alguns trabalhos realizados, exposições, estudos e projetos em curso se referem diretamente à noção da terceira paisagem. Dentre eles, destaca-se a primeira exposição da terceira paisagem que foi celebrada no Canadá, pelo Centro Canadense de Arquitetura de Montreal. Grande parte dos trabalhos são desenvolvidos em locais acessíveis ao público e apresentam propostas pedagógicas voltadas à terceira paisagem e a expansão do potencial comunicativo que parte do imaginário. O único projeto que amplia a proposta para uma cenografia da terceira paisagem é o Parque Matisse à Lille ou a Ilha Derborence, em que o objeto central é elevado a 7 metros do nível térreo e recebe em 3500m² uma “floresta ideal” instalada apenas pela natureza. Inacessível mas observável (2004).



Figura 9: Parque Matisse à Lille. Fonte: Gilles Clément, c2007.

Dentre as propostas práticas que surgiram da terceira paisagem, estão: a cobertura da base submarina, Saint-Nazaire, na França; o Parque da Terceira paisagem em Tijuana, no México e o Parque da Terceira paisagem em Ramallah, na Palestina. Além do Parque André Citroen, que apesar de conter os jardins seriais e as estufas frias, concebidos de maneira mais convencional, reserva um setor específico à observação cotidiana das interações entre as diferentes espécies, do surgimento espontâneo de novas brotações e de suas dinâmicas naturais (CABRAL, 2020).

A tomada de consciência da terceira paisagem como necessidade biológica, condiciona o devir dos seres vivos modificando a leitura do território e valorizando os lugares habitualmente considerados como negligenciados (CLÉMENT, c2007). Por esse motivo, a terceira paisagem possui uma variedade muito grande de propostas e sugere uma mudança na compreensão da paisagem e da natureza a nível estético e ecológico, conectando o movimento estético e ético da paisagem no século XXI.

Estudo Estratégico para a Gestão dos Terrenos Abandonados de Montpellier/França

Os questionamentos acerca da cidade do futuro, complexa e múltipla, ganham respaldo em ferramentas e métodos contemporâneos, que suportam tanto o crescimento e a densificação das cidades, como a necessidade de desenvolvimento sustentável que seguem os princípios da ecologia e equilibram os territórios baldios³⁴ remanescentes presentes na malha urbana. Nessa perspectiva, a procura coletiva que considera o desenvolvimento das tendências de evolução botânica/espontânea em cada território, aparece como alternativa processual de planejamento e gestão de áreas específicas dentro da cidade. Os registros coletados aparecem como pistas de uma relação de sinergia para o enriquecimento da cidade e de seus ecossistemas (COLOCO; CLÉMENT, 2010).

A presença de uma diversidade vegetal espontânea nos interstícios urbanos permite o desenvolvimento de vidas que escapam às normas e regras da sociedade contemporânea. A organicidade presente nos processos de dispersão de sementes e pólenes, ou ainda, no papel de insetos ou pássaros dentro desse contexto, não possuem uma lógica centrada na cidade densa, construída. É como se outra lógica de funcionamento existisse e operasse de modo que, a cada caso, uma outra territorialidade é apresentada. Essas outras territorialidades são tecidas com complexos fios de oportunidades que frustram e confundem a cultura das cidades modernas, que possui uma cartografia que parte da rigidez e ortogonalidade de forma e função, característica muito preconizada durante o modernismo. As tendências de cada território aparecem como transgressões de continuidade das escalas urbanas e atrela-se a qualidade de vida rompendo com a exclusividade dos aspectos técnicos e funcionais de trabalho humano. Sendo equívoca a existência da espécie humana indissociável das outras espécies que cooperam para a simbiose entre bem estar e vida na terra (CLÉMENT, 2008).

Seguindo os princípios ecológicos e de sustentabilidade, a associação APIEU³⁵ solici-

34 Considerado aqui como área disponível para a preservação, terrenos onde brotam espécies vegetais espontâneas.

35 A associação APIEU é uma associação que desenvolve desde 1982 projetos em diferentes campos do meio ambiente e desenvolvimento durável, as energias, a biodiversidade, o patrimônio, e até mesmo a alimentação. Propõe um olhar diferenciado sobre a cidade, que se baseia na apreensão do funcionamento, interrelações e

tou para a cidade de Montpellier o estabelecimento de um inventário de abandonos de três bairros em desenvolvimento: *Le Millénaire*, *Les Aubes* e *Croix d'Argent*. Esses levantamentos serviram de base exploratória para as aproximações territoriais apresentadas e evidenciadas no documento “Gestão estratégica dos terrenos abandonados” que foi elaborado em 2010.

No estudo para o desenvolvimento de uma gestão estratégica dos terrenos abandonados, o conceito de terceira paisagem aparece como uma categoria de fragmentos de parcelas livres. A caracterização dessas parcelas territoriais se originou tanto em locais fechados como em locais abertos. E, a cada vez que a distância do centro histórico da cidade se afastava, a superfície de extensão dessas territorialidades aumentava. No contexto de baixa ocupação industrial de Montpellier, esses espaços eram na maioria das vezes de origem agrícola ou ferroviária (COLOCO; CLÉMENT, 2010).

O levantamento desses fragmentos de natureza espontânea (Figura 10) se desenvolve com a constante busca de possíveis relações com outros espaços “naturais” (Figura 11). Foram avaliados o potencial biológico, paisagístico e prático de cada espaço visitado com o intuito de evidenciar e estabelecer uma relação sistemática entre eles. Aderindo a terceira paisagem a uma outra territorialidade que tem a possibilidade de coexistir em meio às tramas urbanas (COLOCO; CLÉMENT, 2010).

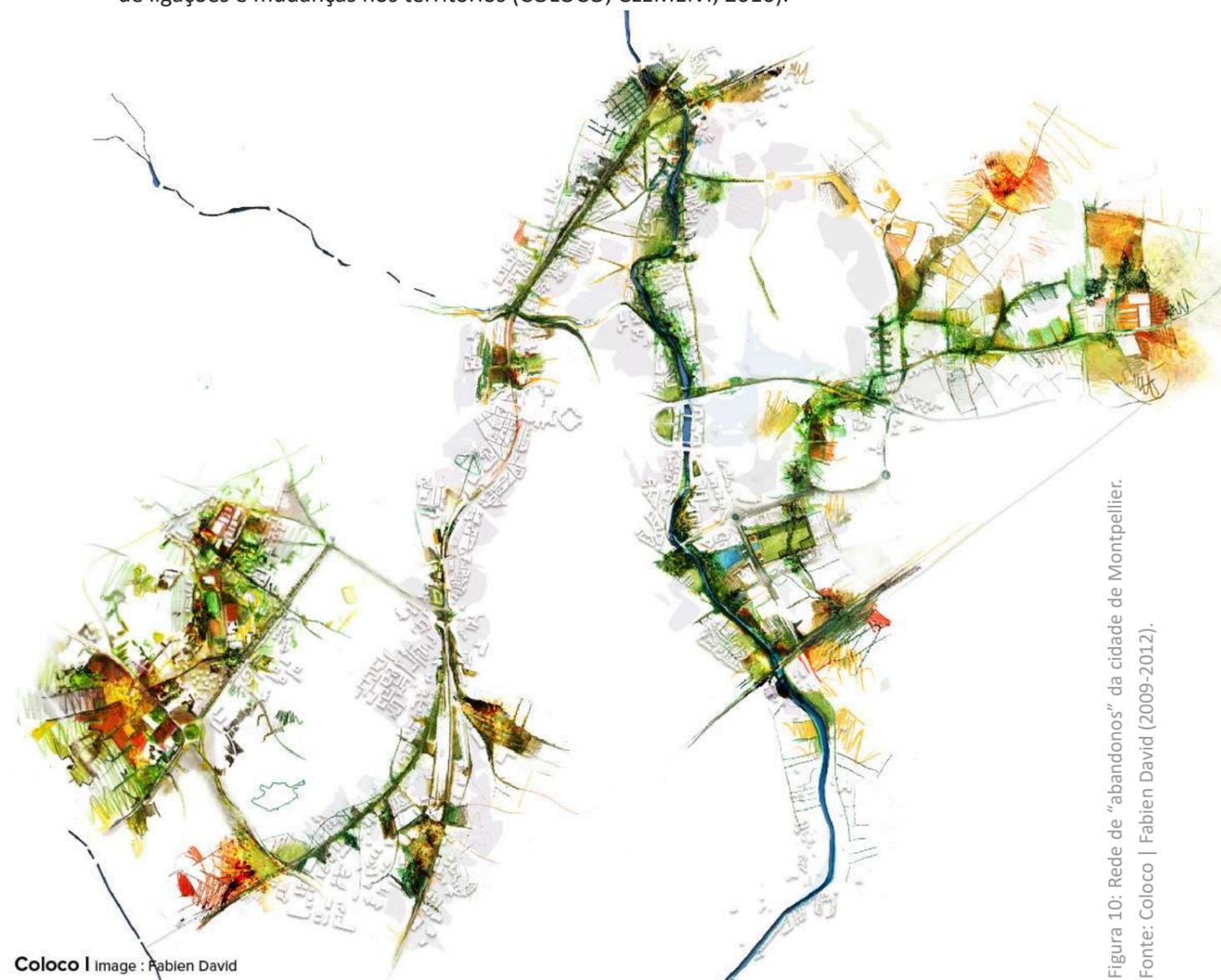
As lógicas de ordenamento territorial e planejamento urbano se conformam de acordo com combinações variáveis que se enquadram no âmbito de um projeto político de construção, caracteriza-se uma cultura em construção. Os elementos que estão em jogo apresentam dinâmicas que se conformam em função dos limites e das permeabilidades existentes entre essas estruturas. De acordo com o caso analisado, as dinâmicas a serem reforçadas ou instaladas por diferentes atores da cidade. Para a compreensão dos diferentes níveis de ações possíveis, foram contactadas responsabilidades municipais de planejamento rodoviário, jardineiros e gestores urbanos com a finalidade de estabelecer objetivos comuns, ferramentas e processos de trabalhos coordenados. Esses aspectos serviram para engajar uma dinâmica geral dos serviços institucionais para uma produção de cidade que respeita cada vez mais os ecossistemas urbanos.

A ação cidadã, associativa, coletiva ou participativa permite criar espaços de reencontro no cotidiano para aumentar o conhecimento da flora e fauna urbana presente no cotidiano e o impulso dos habitantes se integra a forma ativa de um projeto global de integração às questões ecológicas no espaço urbanizado. A responsabilidade cidadã proposta pelo estudo estratégico de gestão dos terrenos abandonados ultrapassa o papel usual e implica como força de proposição, de gestão e de ação. Considerando que a maioria dos espaços residuais são permeáveis, às águas da chuva e de escoamento dos espaços adjacentes, se infiltram naturalmente no solo,

redes, habitantes e arquitetura. Busca encontrar pessoas e atores do cotidiano, valorizando a apropriação do quadro de vida por meio de práticas e ações locais. In: <<https://cpie-apieumontpellier.fr/>>.

reduzindo os problemas ligados à impermeabilização dos solos urbanos. No caso de Montpellier, devido às condições climáticas, é prioridade viabilizar a infiltração das águas pluviais pelo solo contribuindo para a redução dos escoamentos superficiais. Ainda assim, os abandonos podem resultar em espaços de deságue de água e abrem-se como possibilidades para um devir urbano e, por consequência, a proposta de diversificação de lugares. Frequentemente, os abandonos abrigam uma vegetação capaz de assimilar parte do gás carbônico gerado pelas atividades humanas e de reintroduzir o oxigênio (COLOCO; CLÉMENT, 2010).

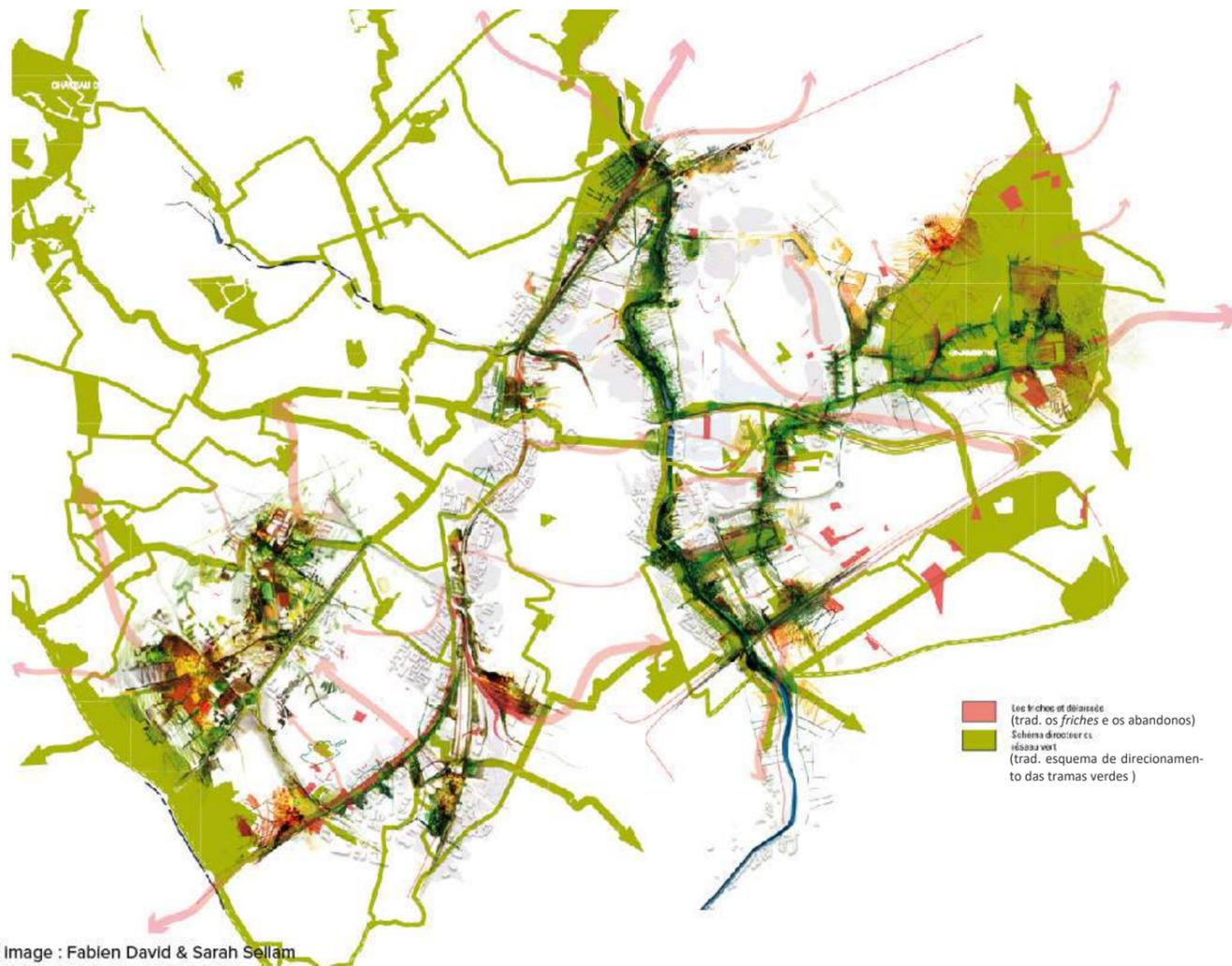
Os territórios situados entre os espaços residuais e a cidade, são caracterizados por verdadeiras mudanças biológicas, hídricas e gasosas. Apesar disso, a rede de espaços residuais participa da trama ainda confusa e indecisa de espaços urbanos que não foram elucidados. Essas demandas contemporâneas exigem mudanças indispensáveis às condições de vida do meio urbano natural. Nesse contexto, as mudanças biológicas internas entre os diferentes tipos de espaço: privados e/ou públicos; agrícolas e/ou abandonados, e acontecem por meio de ligações e mudanças nos territórios (COLOCO; CLÉMENT, 2010).



Coloco | Image : Fabien David

Figura 10: Rede de “abandonos” da cidade de Montpellier. Fonte: Coloco | Fabien David (2009-2012).

Figura 11: Rede de “abandonos” e espaços verdes da cidade de Montpellier. Fonte: Coloco | Fabien David (2009-2012).



Coloco | Image : Fabien David & Sarah Sellam

A criação de tipologias práticas para orientar as transformações em meio urbano, fazem parte do reconhecimento de tendências na malha urbana permitindo o estabelecimento de princípios de ação. Os espaços foram classificados em função de seu contexto, sua origem e seu potencial. A sugestão das tipologias (Figura 12), por vezes caracterizada de maneira subjetiva, é apresentada pela classificação de *friches*³⁶, ou vazios urbanos, e permite desenvolver um olhar particular sobre cada terreno (COLOCO; CLÉMENT, 2010). Nessa classificação operacional entram superfícies de variadas formas e dimensões, bem como as escalas macro e micro, consideradas durante o processo de associação das tipologias, e os espaços bem ou mal geridos. As diferentes categorias de abandonos (Figura 13) podem ser consideradas de acordo com critérios distintos e combinações variadas. Partindo da premissa de um projeto conjunto, que orienta e direciona os tipos de relações a serem estabelecidas entre os diversos fragmentos “naturais” presentes na malha urbana, independente da escala (COLOCO; CLÉMENT, 2010).

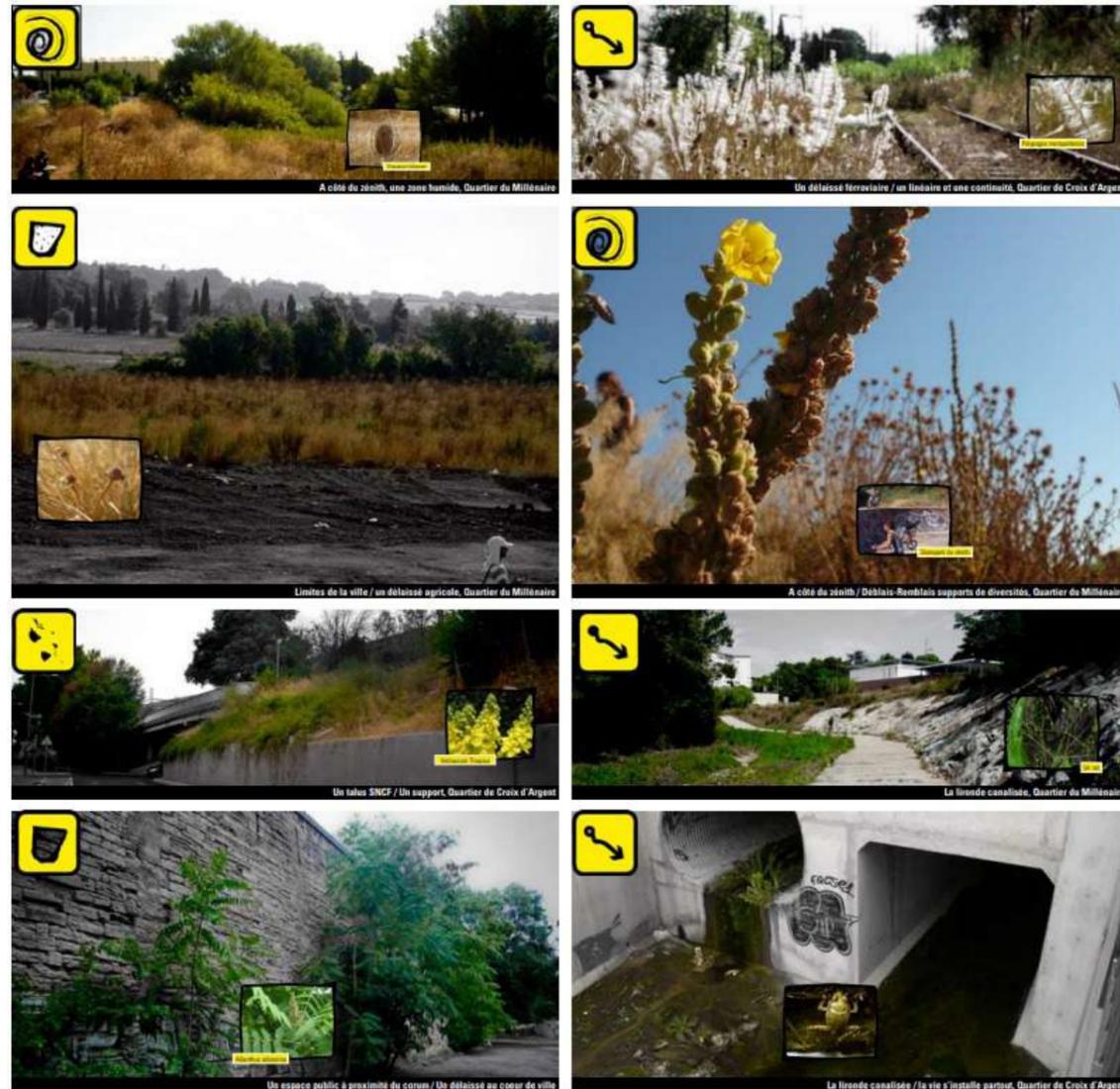
³⁶ Os friches também são considerados como locais de atividades que se operam ao abrigo de olhares, lugares que funcionam como atalhos, locais artísticos, espaços de jogo e de expressão. A essência de liberdade desses lugares deve ser conservada no caso de intervenções ou de projetos de participação.



Figura 12: Tipologias de “abandonos” da cidade de Montpellier. Fonte: COLOCO, 2010.

De acordo com as tipologias de “abandonos” da cidade de Montpellier, os *noyaux* (trad. núcleos), são lugares que possuem uma biodiversidade interessante, potencial de conservação ou enriquecimento. Esses espaços podem ter uma tendência à expansão, por se conectarem a outros habitats. Os *vecteurs* (trad. vetores) são importantes estruturas de conexão entre meios e na maioria das vezes possuem forte impacto visual. As *particules* (trad. partículas) oferecem acolhimento às plantas pioneiras em terrenos muito pobres e consideram as espécies espontâneas que brotam nos materiais permeáveis ou em muros. As *isolats* (trad. isoladas) são as parcelas desconectadas, em transformação ou restos de canteiros abandonados ou de obra. Integram-se na rede natural urbana. Os *aménagement sur-entretenus* (trad. instalações planejadas ou preservadas), ou ainda, *non-délaissés* (trad. não abandonados) possuem uma gestão paisagística “sofisticada” e custosa (em relação ao material, tempo de trabalho e/ou energia), são lugares reconsiderados e podem participar de uma gestão global integrada. Os *désaménagements* (trad. superfícies impermeabilizadas e sem uso), são locais em que é necessário encontrar um solo para acolher a diversidade.

Figura 13: Categorização das tipologias dos espaços residuais de acordo com a paisagem. Fonte: COLOCO, 2010.



A possibilidade de criação de uma pluralidade de espaços permite a visualização a longo prazo de conexões entre os três bairros experimentais de Montpellier. Seja pelos modos de gestão diferenciados, pelos novos princípios práticos delineados para projetos futuros ou pelas redes de espaços naturais urbanos que exemplificam um planejamento de gestão territorial com enfoque nos sistemas de abandono em conjunto com as redes biológicas, tanto as presentes no território durante o levantamento dos espaços residuais como as futuras. Nesse panorama, as reflexões sobre o abandono se cruzam e oferecem espaço para um plano coerente e global que integra o potencial biológico dos resíduos urbanos, que, ao serem evidenciados em função da composição e localização, possibilitam a conexão mais eficaz dos espaços naturais (COLOCO; CLÉMENT, 2010). Essas aproximações auxiliam no desenvolvimento de práticas que se conectam as tramas verdes e azuis³⁷.

37 “A Trama Verde e Azul integra as redes azuis (recursos aquíferos) e redes verdes (ecossistemas) e pode ser desenvolvida desde a escala local até a continental. Ainda pouco explorada no Brasil, a Trama Verde e Azul tra-

No contexto atual de forte pressão urbana, o imperativo de trabalhar em todos os tipos de espaços e abranger todas as escalas apresenta uma diversidade de possibilidades que se alinha a uma qualidade integrada à vida urbana, ligada à vida cotidiana dos habitantes. Para tanto, é necessário prever uma pedagogia adaptável a destinação dos usuários desses espaços. Esse caso estudado propõe uma direção prospectiva para a natureza urbana de Montpellier, em que a percepção das questões ambientais da cidade ultrapassa os aspectos funcionais, sociais ou culturais. Há um comprometimento por meio de interações práticas e verdadeiras que se compõem através de diferentes tempos de construção da cidade e a sistematização de uma rede de continuidade de organismos. Mesmo que cidade do futuro se interroge profundamente sobre as ferramentas e métodos de construção e de adensamento urbano, uma aproximação paisagística e ecológica possibilita o equilíbrio de questões de cunho prático (COLOCO; CLÉMENT, 2010).

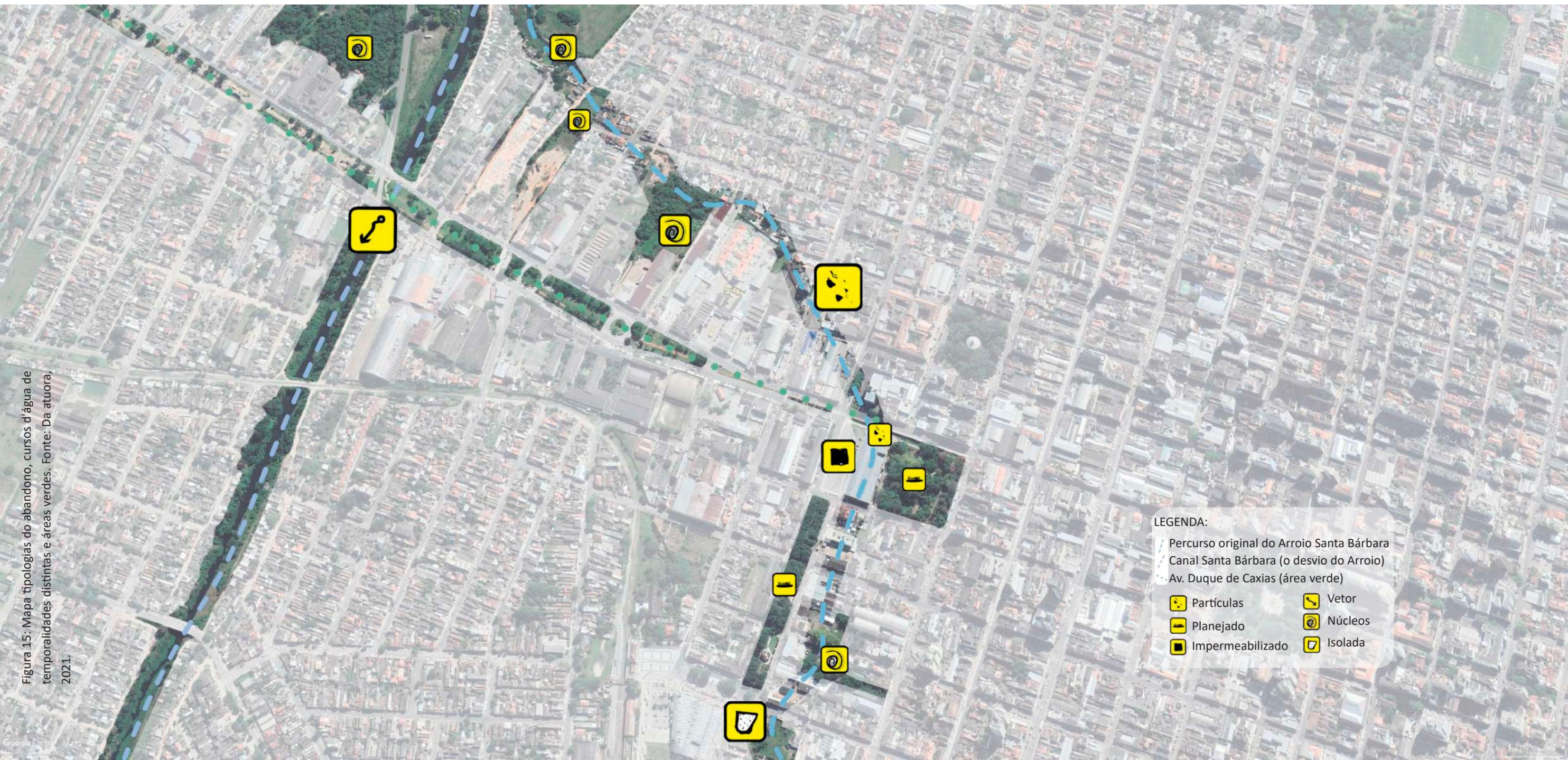
Tentativa de apreensão das tipologias do abandono em Pelotas

O embasamento do conceito de terceira paisagem alinhado ao diferencial de sucessão ecológica e o Estudo Estratégico de Gestão dos Terrenos Abandonados realizado em Montpellier, na França, contribuíram de maneira significativa para uma leitura integrada dos espaços residuais, ao costurar na malha urbana esses territórios às redes de áreas verdes e de cursos d'água. O Estudo Estratégico de Gestão dos Abandonos foi explanado para criar repertório e evidenciar as potencialidades dessas leituras diferenciadas da paisagem urbana.

O encontro da terceira paisagem em meio a paisagem urbana surgiu para a cartógrafa como meio de experienciar a imbricação entre a cidade e a natureza. Após as caminhadas realizadas em Pelotas no ano de 2021, os inúmeros fragmentos capturados por registros fotográficos precisavam ser organizados para auxiliar no processo de movimentação de pensamentos. Com esse propósito, as fotografias foram associadas às tipologias do abandono do estudo de Montpellier. Ao romper a visão dissociada de uma cultura praticada pelo olhar, os fragmentos não aparecem mais dispersos mas compõem grupos.

Os mapas (Figuras 14 e 15) serviram de subsídio para a investigação e fazem parte do processo de deslocamento de pensamento da cartógrafa. As reflexões a respeito das territorialidades do abandono e suas dinâmicas no país tropical ainda não eram sustentadas. Por mais que as tipologias do abandono fossem encontradas na cidade contemporânea, existiam brechas que escapavam e não foram contempladas neste primeiro movimento de caminhadas e agenciamentos, realizado em 2021. Essas brechas manifestavam dinâmicas particulares que se repetiam criando tendências, rastros cada vez mais profundos que conduziam o olhar da cartógrafa para as especificidades de cada territorialidade.

ta-se de uma abordagem sistêmica, abrangente e transdisciplinar, composta pelas dimensões físico-ambiental, sociocultural, seguridade sócio-ambiental e mobilidade, com consequente desenvolvimento e resiliência do território.” In: <<http://hdl.handle.net/10183/187408>>.



- LEGENDA:**
- Percurso original do Arroio Santa Bárbara
 - Canal Santa Bárbara (o desvio do Arroio)
 - Av. Duque de Caxias (área verde)
 - Partículas
 - Vetor
 - Planejado
 - Núcleos
 - Impermeabilizado
 - Isolada

Figura 15: Mapa tipologias do abandono, cursos d'água de temporalidades distintas e áreas verdes. Fonte: Da atuora, 2021.

3. A CARTOGRAFIA, O MÉTODO E OS MAPAS

A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO

Após o breve delineamento acerca dos referenciais teóricos atrelados a existência de paisagens em movimento, este capítulo retoma a abordagem da perspectiva filosófica da cartografia e seus desdobramentos enquanto método, iniciada no capítulo *A escolha do processo*.

A cartografia contemporânea como método de pesquisa vem abrindo espaços nas academias, tanto no campo das ciências sociais aplicadas, políticas públicas como no âmbito da saúde coletiva. No contexto brasileiro, as primeiras publicações sobre cartografia se deram com a filósofa e psicanalista Suely Rolnik, em seu livro *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo* (1989), e pelo livro escrito anteriormente com Félix Guattari, *Micropolítica: cartografias do desejo* (1986). Outros pesquisadores, durante os anos de 2005 a 2007, atravessados pela afinidade teórica da filosofia deleuze-guattariana e movimentados por inquietações a respeito dos métodos de pesquisa, se reuniram em eventos no Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como é o caso de Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Lílina da Escóssia³⁸. Em 2009, organizaram o livro *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*.

As metodologias da pesquisa moderna são constituídas por uma sucessão cronológica de etapas, caracterizadas pela coleta, análise e discussão de dados. Por outro lado, a prática cartográfica imbrica os movimentos da pesquisa como no próprio caminhar, a sucessão dos passos acontece simultaneamente, “um passo segue o outro num movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 59). Como na cartografia o objeto é o próprio processo de investigação, a pesquisa processual e a processualidade expressa em cada passo é capturada em todos os movimentos, desde a coleta até análise e discussão.

A estrutura da dissertação ainda se mantém em um formato acadêmico e estruturado por questões de comunicação e acesso. Apesar da filosofia de pesquisa suscitar o rompimento com a repetição, manifestando a diferença. O modo de fazer pesquisa exige um processo de aprendizado da própria cartógrafa e pressupõe abertura para habitar um território existencial. Para tanto, a postura da cartógrafa é de receptividade, atravessada pela permeabilidade evidenciada pelas linhas de força, presenças e/ou ausências capturadas direta e/ou intuitivamente gerando registros.

O objetivo da cartografia é “desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno

³⁸ Esses autores também possuem capítulos no livro *Cartografias e Devires: a construção do presente*, organizado por Tania Mara Galli Fonseca e Patrícia Gomes Kirst, Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente” (ROLNIK, 2007, p.66). Apresenta-se como distinta do método empregado pela ciência moderna, que busca isolar um objeto em busca de um controle de variáveis. Em um certo grau, o método pressupõe ser conduzido pelo campo coletivo de forças, a atitude de pesquisa propõe uma concentração sem focalização, já que, por todos os lados o que existe são intensidades buscando expressão. Tal lógica possibilita a apreensão de dinâmicas que escorregam a um repertório já consolidado sobre o contexto de investigação. Nesse sentido, o papel da cartógrafa é “dar língua para afetos que pedem passagem”, ao mergulhar nas intensidades expressivas do presente (ROLNIK, 2007).

A cartografia provoca no ato da produção de conhecimento o fazer e criar uma realidade de si e do mundo, que gera por consequência reflexos políticos. Dessa maneira, o processo de pesquisar revela uma complexidade que nos força a transcender os limites de nossos procedimentos metodológicos, “é menos a descrição de estados de coisas do que acompanhamento de processos” (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 135). O aprendizado será pensado “como um trabalho de cultivo e refinamento” e não como uma sequência de etapas pré-definidas desenvolvidas linearmente, se dá a partir do próprio processo e na transformação desse processo, no movimento de transformação. Assim, o aprendizado não pode se restringir ou ser delimitado em uma técnica ou no conjunto de procedimentos que foram adotados para a pesquisa, é construído no próprio percurso da investigação (ALVAREZ; PASSOS, 2015).

Para investigar o processo, é relevante apresentar dois sentidos distintos da palavra, um que remete à ideia de processamento e o outro à de processualidade. O termo processamento indica um conhecimento que é guiado pela teoria da informação, assim, a prática de pesquisa parte da coleta e análise de informações. Entretanto, os inputs processados, operam a partir de regras lógicas. As competências e habilidades configuram à pesquisa uma lógica determinada. Os fatores que não são abordados, considerados “extracognitivos”, abrangem perspectivas relacionadas à história, ao socius e o plano dos afetos (BARROS; KASTRUP, 2015).

Já a processualidade, ao ser entendida como processo, compõe a prática cartográfica. A cartógrafa se encontra, desde o momento que se inicia a pesquisa de processos de produção de subjetividade, no meio de um processo em curso. Essa situação paradoxal, de começar pelo meio, “**acontece não apenas porque o momento presente carrega uma história anterior, mas também porque o próprio território presente é portador de uma espessura processual**” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 58). Essa espessura processual, impede que o território seja composto de formas representativas ou ainda, de informações a serem coletadas. O território espesso se contrapõe com o meio informacional raso para dar expressividade e voz para a subjetividade.

O MÉTODO DA CARTOGRAFIA URBANA

A cartografia urbana aparece como crítica ao urbanismo moderno da década de 1970 propondo uma abordagem experimental de análises dos acontecimentos que compõem realidades distintas, tendo como referência as linhas de pensamento baseadas na filosofia da diferença e no pós-estruturalismo, composto por personagens como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Jacques Derrida e Michel de Certeau³⁹. Além das análises situacionistas propostas por Guy Debord e os Situacionistas, podemos citar a existência dos processos realizados e desenvolvidos por artistas visuais, envolvidos no giro etnográfico das artes (Hal Foster), Gordon Matta-Clark, Vito Acconci, Krzysztof Wodiczko, Rakowitz, entre outros, fazem parte desse movimento (ROCHA, 2008).

A cartografia urbana engloba a perspectiva da cartografia direcionada para o reconhecimento do urbano dentro da crítica de funcionalidade da cidade racional e apreende novas maneiras de interpretar as dinâmicas urbanas advindas das artes visuais, arte urbana, literatura, filosofia, dentre outras. Nesse viés, a cartografia urbana se dá pelo encontro entre a geografia, a filosofia, a arquitetura, o urbanismo e as artes contemporâneas. No campo disciplinar da geografia, a cartografia faz parte de uma representação gráfica que envolve comunicação e análise, diferente da proposição de cartografia urbana, cuja intenção é comunicar algo à alguém por meio dos sentidos e das sensações (ROCHA, 2008).

A cartografia urbana é apresentada em meio a contextualização dos movimentos e correntes críticas que influenciaram fortemente a apreensão ou construção de uma outra realidade praticável. Dentro da historiografia, os paradigmas metodológicos da modernidade e pós-modernidade expõem visões que se alternam entre as cidades e suas lógicas de intervenção. Dentre essas visões, dois momentos são evidenciados, o primeiro no qual as concepções ideológicas são associadas ao discurso do movimento moderno sobre a arquitetura e a cidade durante a primeira metade do século XX, fundamentado na concepção racional-funcionalista da cidade, com bases reducionistas e sistemáticas. E o segundo, produto da aplicação do modelo urbano, a própria crise do projeto moderno (ROCHA, 2008).

Devido a reações críticas às ideologias espaciais implantadas durante o urbanismo moderno, a experiência da rua se resumia em parâmetros objetivos e científicos. Correntes críticas foram surgindo, tais como os situacionistas⁴⁰, e outros expoentes como Jane Jacobs, Henri Lefebvre, e grupos como Archigram. A reivindicação da diversidade das ruas se disseminavam por meio das críticas às questões políticas da época, recusavam a formulação ideológica e o modelo qualificado, impositivo e autoritário (ROCHA, 2008).

39 Especialmente pela obra *A invenção do cotidiano*, livro publicado pela primeira vez em 1980.

40 Membros da Internacional Situacionista. “A Internacional Situacionista (IS) foi um movimento internacional de cunho político e artístico. O movimento IS foi ativo no final da década de 1960 e aspirava por grandes transformações políticas e sociais. A primeira IS foi desfeita após o ano de 1972.” In <https://pt.wikipedia.org/wiki/Internacional_Situacionista>.

Ao utilizar ferramentas visuais por meio de fotografias e imagens filmicas, as artes visuais, etnografia e estudos culturais aparecem como expressivos referenciais metodológicos para a cartografia urbana. Aliado ao movimento dadaísta e a arte conceitual a partir dos anos 20, tais referências surgem com força para a representação da experiência cotidiana sustentando a criação de mapas de cidades não-visíveis, daquilo que está às margens, soterrado, dos abandonados nas cidades em que vivemos, desvios de sentidos e transformações em outras lógicas (ROCHA, 2008).

No Brasil, a proposta do método da cartografia urbana incita uma posição metodológica utilizada potencialmente em pesquisas sobre as realidades urbanas contemporâneas, em meio a complexidade e possibilidades de subversão, destaca-se o trabalho do grupo de pesquisa do Laboratório de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA, coordenado pela pesquisadora Paola Berenstein Jacques (JACQUES; DRUMMOND, 2015).

As pesquisas sobre o espaço urbano contemporâneo imersas nessa linha procuram incorporar múltiplas e distintas camadas que tecem o cotidiano da cidade. A cartografia é do campo das multiplicidades, entretanto, a pesquisa se volta para a cartografia urbana permeada pelas práticas de caminhadas. Com base na errância urbana (JACQUES, 2012), inspirada sobretudo nos modos de apreender a cidade, as flanâncias na metade do século XIX, as deambulações dos anos 1910 aos 1930, parte das práticas dadaístas e surrealistas e as derivas urbanas situacionistas que viraram movimento nos anos de 1950 a 1960 (JACQUES, 2005). Desde a corpografia⁴¹ de Paola Jacques, à transurbância dos Stalkers (CARERI, 2017) até a caminhografia urbana⁴² que está sendo desenvolvida pelo grupo de pesquisa Cidade + Contemporaneidade, da UFPel, o caminhar aparece como ato político, ou ainda, política de vida.

OS MAPAS

As concepções ao redor da cartografia e do mapa enquanto textualidades, foram resignificadas para além do tradicional domínio da Geografia, atingindo um contexto filosófico através dos pensadores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, em sua obra *Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia* (SANTOS, 2007). A cartografia se propõe a compreender as diversas forças – maquínicas e subjetivas⁴³, que influenciam um território existencial (DELEUZE,

41 Corpografia urbana é um tipo de cartografia urbana. In: JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>.

42 Criada pelo Grupo Cidade + Contemporaneidade da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel, funciona como método ou procedimento no qual os desdobramentos do processo de investigação apresentam alternativas de intervenção nas tramas urbanas. In: <https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/>

43 “Ao colocar no centro de sua filosofia o conceito de máquina, Deleuze e Guattari traçam um diagnóstico do pensamento e vida, dos processos sociais e de subjetivação, demarcando então, os sistemas, bem como seu

GUATTARI, 1995). Ampara-se na produção subjetiva de mapas (extensivos e intensivos) e suas análises.

De acordo com Deleuze e Guattari,

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. [...] Um mapa é uma questão de performance. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22)

A produção de mapas parte da experiência e traz as marcas dos encontros, que por sua vez, formam imagens, sendo de responsabilidade do cartógrafo se doar para que esses encontros apareçam. De acordo com a filosofia que permeia a investigação, a criação subjetiva desses mapas se justifica pela construção do presente.

As cartografias que produzem mapas clássicos, ou ainda, os mapas oficiais⁴⁴, nos dizem mais sobre um território distante, estático, considerando as permanências daquilo que aparece como sintomas e manifestam espacialmente uma fragmentação socioespacial e cultural. É imprescindível reconhecer que os mapas clássicos e oficiais fazem parte e são ainda fundamentais para a construção histórica da humanidade. Os mapas oficiais possuem esse nome por estarem vinculados a políticas alinhadas à normativas rígidas pautadas pelo estado. Assim, os protocolos que são colocados para a produção dos mapas oficiais padronizam realidades distintas dentro da perspectiva historiográfica. A existência de forças hegemônicas presentes no campo, interferem e fazem parte da construção da estrutura social e o acompanhamento a longo prazo dessas representações mostram certo dinamismo, mas também revelam fragilidades. As micronarrativas, nesse caso, são desconsideradas a partir desses retratos, apresentando uma visão restrita e generalizada. Desse modo, os mapas oficiais pedem complementação, visto que, são incapazes de expressar a experiência e visões possíveis.

Por outro lado, os mapas cartográficos, abertos, auxiliam na captura de múltiplas

funcionamento, que conectam o campo social e individual às engrenagens de uma produção maquínica. Desse modo, conferem um novo estatuto ao regime de produção social subvertendo a imagem tradicional de constituição da sociedade baseada em um modelo homogêneo subordinada às estruturas formais e binárias. Substituem a configuração estática introduzindo um elemento empírico e dinâmico, um campo de relação de forças e conexões transversais que conjuga a dimensão psíquica e o campo energético conduzindo o enlace entre pensamento, natureza, corpo e sociedade à atividade de uma “máquina”, uma produção maquínica cuja potência opera num plano de consistência determinado pelo desejo, aliando a dimensão do socius à produção desejante.” In: DOS SANTOS, Zamara Araujo. *Entre máquinas*: a produção maquínica de Deleuze e Guattari Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, v. 14, nº 2, pp. 55-73, 2021.

44 Celma Paese cunha essa expressão em sua tese de doutorado: *Contramapas de acolhimento*, defendida no PROPAR/UFRGS em 2016.

temporalidades (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Esse modo de fazer é voltado para a combinação de diferentes fatores locais que resultam em fenômenos específicos em cada localidade. A combinação de condicionantes amplia o olhar e rompe os ciclos que se estabelecem como tendências e traumas urbanos. Os traumas urbanos apresentam causas múltiplas, ou até mesmo sistêmicas. Nessa perspectiva, trabalhar a partir de um mapa multifatorial é fundamental.

Ao abrir espaço para que o mapa possa ser flexibilizado, propõe-se incluir registros que não se sustentam apenas na representação de objetos, mas que trazem narrativas que necessitam ser reavaliadas dentro dos contextos locais. A composição de processos subjetivos territorializados, georreferenciados, ampliam a perspectiva do mapa oficial, apresentando uma paisagem em movimento contínuo, de territorialização e desterritorialização⁴⁵ de modo de pensar. A cartografia é “um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 1987, p. 23). O acompanhamento desses processos acontece por meio do rastreamento de pistas, visto que “rastrear é também acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 40).

Há na prática de investigação proposta, uma sobreposição e criação de mapas que sugerem outras narrativas possíveis, mas não restritas, ressaltando a existência de outras camadas menos hegemônicas. A cartógrafa se apresenta como autora do seu próprio mapa, não o único, mas um dos possíveis mapas que podem ser criados ou inventados, expressa um modo de enxergar a coletividade e, por esse motivo traz os aspectos da subjetividade à tona. A proposta metodológica revela afetos que passam pela experiência de fazer pesquisa. Experimentar os territórios para se posicionar perante as possibilidades que são capturadas por meio dele. A cartógrafa é antropófaga, se transforma junto com o objeto-processo de estudo de maneira natural e contínua (ROLNIK, 1989).

O entrelaçamento de necessidades e potencialidades que são condizentes com cada território, devem ser consideradas em detrimento da padronização ou generalização de preceitos já configurados. A pesquisa instiga um olhar cultural atrelado ao possível funcionamento de análises e diretrizes de planejamento territorial, seguindo critérios cada vez mais singulares. O agenciamento oferece um atrelamento de múltiplos fatores, gerando combinações passíveis de serem analisadas ao romperem com o que já é posto e fixado em determinados territórios.

Buscando o delineamento da noção de mapeamento dos territórios existenciais como método de pesquisa, orientando os estímulos com base nos desejos, a prática cartográfica apresentada aqui como registro da subjetividade por meio do cotidiano. A proposta reconhece a incorporação das forças que pedem passagem no campo e dos sentidos que configuram a

⁴⁵ O termo desterritorialização é adotado a partir das perspectivas teóricas do livro *Mito da desterritorialização* de Haesbaert (2020).

experimentação dos territórios de devir terceira paisagem em meio urbano. O estudo tem como resultado o registro do processo.

Procedimentos metodológicos

Quando já não nos contentamos com a mera representação do objeto, quando apostamos que todo conhecimento é uma transformação da realidade, o processo de pesquisar ganha uma complexidade que nos obriga a forçar os limites de nossos procedimentos metodológicos (PASSOS, BARROS, 2009, p. 30).

Os mapas narrados gerados por meio do método cartográfico possuem um caráter múltiplo e registram o percurso da investigação, possibilitam o acompanhamento das experiências e sensações provocadas ao presenciar os processos de transformação da paisagem nos territórios emergentes. O cruzamento de diversos procedimentos auxilia na produção de mapas sensíveis e servem de suporte para a compreensão de aspectos da paisagem. E, ao serem combinados, sugerem pistas para a apreensão de um outro tipo de análise urbanística, considerando a realidade como resultado de “modos de ver e de dizer produzidos num determinado momento histórico” (FOUCAULT, 1979 apud ESCÓSSIA; TEDESCO, 2015, p. 95).

O procedimento adotado se conecta com o campo da experimentação corporal do campo e das forças que coexistem dentro. Nessa perspectiva, o “conhecer, agir e habitar um território não são mais experiências distantes umas das outras” (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 149). O limite dos procedimentos é estabelecido como limite comum para a própria segurança da cartógrafa, ao reconhecermos as manifestações como in-corporações de fluxos de forças que permeiam os campos. Fluxos que movimentam e fazem com que haja uma descontinuidade ou ruptura ou ainda mudança de direção no pensar. É como se estivéssemos soltas no mar, recebendo impulsos a partir do vento que nos chega. O vento traz consigo as vozes e intensidades próprias. É preciso escutar o vento. Ao escutar o vento, traçamos uma direção.

A prática de cartografia nos “permite uma ramificação das paisagens percorridas a partir de perspectivas distintas, sendo possível a chegada ao território e a descrição do processo de imersão e chegada ao território” (DETONI et al., 2019). Para tanto, parte-se de alguns aspectos desejados, dentre eles está a presença de territórios que sugerem a presença da terceira paisagem no antigo percurso do Arroio Santa Bárbara, localizado na malha urbana da cidade de Pelotas-RS.

Os procedimentos serão especificados a seguir, dentre eles estão: a **revisão teórica** envolvendo os principais conceitos apresentados, o **caderno de campo**, as **caminhadas** realizadas no antigo percurso do Arroio Santa Bárbara, registradas por imagens e mapas e a **revisão histórica** abrangendo os mapas, textos e imagens.

Revisão teórica

A revisão teórica teve início antes mesmo do início do trabalho, o mergulho na prática e na teoria da cartografia como método impulsionaram a pesquisadora a adentrar nas referências que mesclam o campo da filosofia e da psicologia, psicanálise e transbordam para outras abordagens. Esse contato se deu também pela disciplina de Caminhografia Urbana, oferecida no segundo semestre de 2019 pelo PROGRAU e ministrada pelo meu orientador, Eduardo Rocha. Dentre os livros de referência estavam *Mil Platôs*, especialmente o volume 1 e 4, de Deleuze e Guattari, traduzido por Suely Rolnik e o livro *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, volume I, organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia.

A imersão da cartógrafa no conceito da terceira paisagem, se deu como uma pista, indicada pelo Eduardo Rocha no laboratório de urbanismo da UFPel. Na prática, a pesquisadora teve o encontro com o termo quando realizou um estágio no ateliê do Jaurégui no RJ, em 2018, o projeto de um parque linear para a República Dominicana, baseado nos preceitos da terceira paisagem de Clément.

Além das obras e textos produzidos por Clément em seu site, contei com a colaboração de alguns livros emprestados pela artista plástica e pesquisadora Márcia Regina Pereira de Sousa. Como nenhum livro de Gilles Clément foi traduzido para o português, a dificuldade de acesso ao material abriu possibilidade de ler⁴⁶ e escrever, mais sobre a intenção do autor acerca da terceira paisagem e a realidade construída pela perspectiva da paisagem em seu amplo contexto de exposições e de projetos paisagísticos de variadas escalas.

A sequência do trabalho se atrela ao urbanismo e à paisagem urbana em movimento, embasada principalmente nos pensamentos de Paola Jacques(2022) e Careri(2007, 2013). As imagens em movimento seguem em direção aos territórios atuais, abrangendo conceitos de *terrain vague*, de Solà-Morales(1995) e abandono de Eduardo Rocha (2008, 2010). No próximo tópico perpassa as desterritorializações e reterritorializações para chegar até as multiterritorialidades de Rogério Haesbaert(2003, 2004, 2021).

Apesar do conceito de paisagem se aproximar da perspectiva de ambiente, meio ambiente e envolverem outros conceitos e até mesmo outros temas, amplos, a cartógrafa escolheu delimitar o percurso aproximando a paisagem do território, um território existencial, conectado e atrelado a uma perspectiva geográfica e experimental da cartografia como método. Assim, o método da cartografia é retomado no capítulo *As cartografias, os métodos e os mapas* pelas pesquisas de Rolnik(2007) e pelo livro organizado por Kastrup, Passos e da Escóssia (2015) posteriormente. As Cartografias urbanas aparecem como influência de movi-

46 Aproveitando o conhecimento da língua francesa por ter tido a oportunidade de morar na França durante um ano, entre 2015-2016, para estudar na École Nationale Supérieure d'Architecture de Saint-Étienne, pelo programa Ciências Sem Fronteiras.

mentos e grupos artísticos e é embasada com Eduardo Rocha(2008), bem como o método da caminhografia urbana, desenvolvida pelo grupo de pesquisa Cidade+Contemporaneidade, da UFPel, no qual faço parte. Os métodos de corpografia urbana de Paola Jacques(2005, 2012, 2015) e transurbância de Careri(2017) também são evidenciados e referenciados nesse trecho. Para a produção de mapas, Deleuze e Guattari(1995), Rolnik(1986) e Kastrup(2015) auxiliam esse processo.

Além da fundamentação teórica, outros referenciais são abordados no capítulo *Experimental territórios*, ressaltando e dando suporte e sustentação para os pensamentos movimentados durante o percurso prático da pesquisa, tais como Cabral(2019), Derrida(1994), Teixeira(2010), Sousa(2016), Jacques(2020), Solnit(2016,2020), Montero(2020), Fuão(2019), entre outros.

Revisão histórica

A revisão histórica aconteceu com o auxílio e conversas com pessoas envolvidas na temática urbana da cidade, como a professora Aline Montagna da Silveira, associada da Universidade de Pelotas, cuja tese é intitulada *De fontes e aguadeiros à penas d'água: reflexões sobre o sistema de abastecimento de água e as transformações da arquitetura residencial do final do século XIX em Pelotas - RS*, que reforçou a importância do estudo dos remanescentes manifestos no antigo leito do Arroio Santa Bárbara.

Mapas

Os mapas históricos capturados pela Agência da Lagoa Mirim, UFPel, de 1953, 1964 e 1975, foram disponibilizados pela pesquisadora Shirley Terra Lara dos Santos, que realizou em 2017, no trabalho final de arquitetura, uma intervenção arquitetônica no casario colonial e prédio arruinado na rua Santa Tecla, nº 48, onde situava a Charqueada Santa Bárbara com 59 escravos na época, de acordo com o material de referência disponibilizado.

Em 2022, o site Geopelotas⁴⁷, portal de referenciamento da cidade de Pelotas, foi sendo alimentado e os mapas dos anos 1953, 1965, 1975, 1988, 1995, 2006, 2013, 2020, foram coletados.

Textos

O excelente texto de Glenda Dimuro Peter, para o Trabalho de Conclusão do Módulo I, do Curso de Especialização em Conservação de Patrimônio em Centros Urbanos, ministrado pela Profa. Dra. Sandra Jatahy Pesavento, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulado: *Santa Bárbara, Braço Morto do Arroio que ainda vive na memória*, relata a história do Arroio Santa Bárbara em Pelotas através de mapas, fotografias, narrativas, histórias, narrativas

47 In: <<https://geopelotas-pmpel.hub.arcgis.com/>>

de jornais.

Houveram indicações para a revisão histórica na Biblioteca de Pelotas, entretanto, estava fechada durante a pandemia, por esse motivo não foi a principal fonte dos recursos históricos.

Imagens

As imagens históricas foram encontradas tanto no grupo Antiga Pelotas⁴⁸, bem como no Almanaque do Bicentenário de Pelotas⁴⁹ e pelos livros disponibilizados pelo querido colega e pesquisador da iconologia e história da cidade de Pelotas, Guilherme Pinto de Almeida, que, com toda a gentileza, fotografou três de seus livros nos quais havia embasamento e informações relevantes sobre a história do Arroio Santa Bárbara original e estudos de contextualização dos projetos executados pelo escritório de Saturnino de Brito.

Caderno de campo

A utilização de um diário de bordo ou caderno de campo funciona para os registros dos detalhes durante o processo de investigação. O discurso narrado e enunciado dá voz às expressividades dos territórios. Por esse motivo, o suporte contribui para que a cartógrafa registre as experiências por intensidades, sejam elas escritas ou desenhadas, permeadas por subjetividades distintas, com base na experiência do corpo da cartógrafa e nos referenciais e narrativas urbanas das pessoas encontradas no campo. Foram utilizados para a pesquisa dois cadernos, um maior, utilizado para os relatos que aconteciam logo após a chegada do campo, e outro menor, de tamanho suficiente para caber em uma bolsa, utilizado durante as caminhadas. Esses registros, por vezes não lineares, auxiliam nas análises e criações de pistas, permeadas pelos territórios e desterritórios existenciais que foram experienciados.

Caminhadas

Para se captar questões mais próximas aos transeuntes e à vida urbana cotidiana, a proposta do percurso foi realizada com base no método cartográfico, utilizando a prática do caminhar como procedimento e suporte de pensamento e apreensão da realidade urbana. A experiência de paisagem trazida por esse estudo visibiliza uma narrativa não-hegemônica. A apreensão de paisagens emergentes torna a experiência do corpo na cidade como fundamental para a análise das paisagens urbanas. Por essa razão os afectos e perceptos, ou seja, as sensações, são capturadas e trazidas para uma análise sensível da cidade.

Como já mencionado no procedimento ponto um, *Revisão teórica*, a aproximação do

48 Da rede social facebook . In: <<https://www.facebook.com/groups/2733586010195934/>>

49 In: <<https://ecult.com.br/topo/almanaque-do-bicentenario-ja-esta-disponivel-para-download>>

conceito de terceira paisagem foi um reencontro. Mergulhei de corpo inteiro e só conseguia apreender uma possível terceira paisagem quando saía de casa para viver a cidade cotidianamente. Entretanto, com o distanciamento das ruas o viver a cidade em tempos pandêmicos não apontaria para um viver cotidiano, se possível, fique em casa.

As caminhadas pelo antigo percurso do Arroio Santa Bárbara aconteceram no verão, período geralmente seco. Entretanto, no ano de 2021 o verão foi úmido e chuvoso, e em 2022 ensolarado. Nesse caso, as estruturas reprodutivas das plantas estariam expostas, o que facilitaria a identificação das espécies, condizente com a proposta de investigação do início da pesquisa. Assim, durante os anos de 2021 e 2022, em que a pandemia da COVID-19 persistiu, foi possível reconhecer dois momentos distintos com alguns pontos de aproximação e de distanciamento. Podemos denominar de primeiro e segundo movimento, as caminhografias realizadas em 2021 e 2022, respectivamente.

No primeiro movimento do estudo de campo devido ao lockdown, a região que abriga usos e características mais comerciais estava completamente fechada, estacionamentos e miolos de quadra aguardavam o tempo e serviam de hospedagem para o brotamento das espécies espontâneas. As caminhadas e bicicletadas processuais foram realizadas pela cartógrafa ao longo do leito original do Santa Bárbara e do Canal desviado.

Já no segundo movimento, a mais intensa caminhada foi acompanhada pela pesquisadora-cartógrafa-antropóloga Valentina Machado. Em meio às práticas caminhadas, houveram encontros com as pessoas do campo, ou ainda, os personagens ritmados. As vozes do campo, capturadas pelas entrevistas de manejo cartográfico⁵⁰ foram extremamente relevantes para o direcionamento do corpo no campo, apesar de por vezes fazerem a cartógrafa questionar, estabeleceram caminhos possíveis e limites a serem ultrapassados com cuidado.

Imagens

As fotografias capturadas no campo, além de expressarem a espacialidade do percurso narrado, compuseram as coleções. No primeiro movimento de análise, todas as fotos foram separadas em pastas, indicando a aproximação com as tipologias propostas no Estudo Estratégico de Gestão de Terrenos Abandonados, já mencionadas anteriormente no texto e apresentadas pela Figura 12. Nesse processo, havia imagens que se encaixavam completamente em uma pasta e outras que eram consideradas quase como híbridas, podendo se encaixar em duas ou mais tipologias.

Concomitantemente, durante as caminhadas de 2021, houveram tentativas de grava-

50 "O procedimento metodológico da entrevista de manejo cartográfico, assume um aspecto qualitativo, se aproxima de uma conversa, em que há um roteiro de perguntas flexíveis e adaptáveis a cada situação. O processo da entrevista não se restringe a perguntas e respostas, extrapola também o campo da percepção, do ambiente inserido, e da apreensão de todas as forças coletivas envolvidas. "A entrevista visa não à fala sobre a experiência, e sim à experiência na fala" (TEDESCO, SADE, CALIMAN; 2014, p.100). In: <<https://wp.ufpel.edu.br/travessias/entrevistas-de-manejo-cartografico/>>.

ção do percurso com vídeo, de uma maneira ainda experimental: cortei o formato da câmera do celular na doleira, coloquei em meu corpo transversalmente de modo que o celular ficasse na altura do peito, depois disso, fui realizar o percurso de bicicleta, em um ritmo intermediário que me possibilitava parar em alguns trechos em que o campo me puxava para perto. O que foi mais evidenciado nesses percursos foi a topografia e a diferente sensação de andar sobre as ruas de paralelepípedos, as ruas esburacadas sem asfalto e as asfaltadas, o modo como se apreende a paisagem em desestabilização também sofre distorções pelo estremecimento das imagens e sensações captadas pelo corpo inteiro. A utilização da bicicleta está entre o caminhar na cidade a pé e o deslocamento através de outro tipo de veículo, entendendo que o deslocamento pietonal proporciona maior liberdade e proximidade do campo, já que o corpo é colocado em sua vulnerabilidade máxima por um tempo de contato maior, entretanto, o tempo depende do ritmo de cada passo, ou do conjunto dos passos. Nos territórios que acolhem, os passos se demoram, são suaves, em outros, naqueles em que há repulsa, os passos se intensificam, apesar dos diferentes ritmos todos são condizentes com a duração e as expressões do território-existencial, a presença do corpo em meio aos deslocamentos.

Na caminhada de 2022, além das fotografias tiradas pelo celular, o teste de filmagem foi com a câmera Go Pro fixada na minha bicicleta. Esses registros por vezes marcaram experiências intensas, como no caso das situações encontradas na extremidade norte do Arroio, a rua viva, repleta de desenhos de cabeças no chão, pareciam palhaços de relance, uma senhora reforçava com tinta as marcas já apagadas pelo tempo, as bandeirinhas apareceram como fitas coloridas e mostravam a intervenção das pessoas na paisagem, na rua, no chão, e sobre a rua, no ar. Apesar dessas experiências não serem contempladas dentro da composição do caderno de bordo, estavam presentes e foram capturadas pela cartógrafa. Posteriormente, as coleções foram reorganizadas formando novas composições e expressando paisagens que revelam o deslocamento cotidiano de um caminhar na cidade.

Mapas

Os trajetos até o leito antigo do Santa Bárbara foram registrados a partir do aplicativo Strava⁵¹. Contudo, em dois momentos diferentes, os registros foram interrompidos por conta da falta de bateria do celular. Logo quando a cartógrafa voltava das caminhadas, desenhava o percurso no mapa do celular em captura de telas para que não houvesse perda.

Foram testados aplicativos para fotografias georreferenciadas, tais como: Kobol-toolbox⁵², UTM GEO MAP⁵³, entre outros. Além do Relive⁵⁴, para a produção de vídeos dos percursos registrados no Strava, que auxiliaram no processo de desenvolvimento do trabalho

51 In: <https://www.strava.com/?hl=pt-br>

52 In: <https://www.kobooltoolbox.org/>.

53 Cartographie simple et outils SIG. In: https://play.google.com/store/apps/details?id=info.yogantara.utmgeomap&hl=pt_BR&gl=US.

54 In: <https://www.relive.cc/?hl=pt-BR>.

mas que não aparecem necessariamente ao longo do texto. Além disso, foi elaborado um formulário no Google Forms propondo o *Mapeamento de iniciativas transformadoras em Pelotas*, com ele, foi localizada uma pessoa que plantava árvores arbusto, folhagens e outras plantas, por achar que a cidade era carente de movimentos como este, e a Casa na Árvore de Pelotas, que fomenta atividades agrícolas, educacionais e culturais, envolvendo principalmente temas em torno da alimentação, economia solidária e agricultura urbana. O espaço também comercializa e redistribui produtos advindos de processos de reforma agrária e cooperativas agrícolas da região. Essas respostas confirmaram a existência de intervenções de microrresistências que abordam a temática da pesquisa, consideradas pela cartógrafa como camadas de multiterritorialidades.

É importante ressaltar que o mapa, é aberto e não se restringe a um modelo tradicional de representação. O mapa o qual me refiro poderá, a partir de palavras e imagens, sugerir uma combinação possível dentre tantas outras existentes e auxiliará no processo de desenvolvimento de pistas para a apreensão da paisagem urbana contemporânea. Os mapas surgem da combinação e sobreposição de imagens e percursos, tanto das imagens que tiveram maior potência de duração, quanto aquelas que receberam o impulso do registro.

Para conduzir as inúmeras matérias produzidas e coletadas, foi criado um projeto no Google Earth, intitulado *Mapa das Paisagens Moventes*⁵⁵, no qual a cartógrafa inseriu todos os percursos caminhados, de 2021 e 2022, as estações e alguns pontos entre, melhor especificados no capítulo *Experimentar territórios* e o antigo leito do Arroio Santa Bárbara. Esse mapa serviu de base para a organização e estruturação do subcapítulo *Entre paisagens e caminhos: caderno de bordo*.

Análise cartográfica

Cada mapa marca um movimento do percurso, sugere um ritmo captado através das dinâmicas urbanas. Assim, “a realidade não é capturada como forma dada, tida como natural, mas tomada como forma a ser posta em análise” (BARROS, BARROS, 2013, p. 377). Ao acompanhar os processos de transformação, os mapas possibilitam a compreensão das dinâmicas que sugerem e estão atreladas à experiência de um devir terceira paisagem.

A experiência abre espaço para a existência de multiterritórios e fazem parte desse movimento de composição, fotografias, relatos e desenhos retirados do caderno de bordo. A captura da paisagem urbana estabelece outras narrativas, no sentido crítico, abrindo espaço para outras discussões que devem ser pensadas para a cidade contemporânea. A utilização de registros fotográficos, percursos georreferenciados e do caderno de campo, possibilitam a captura de forças e fluxos presentes no território. Tem-se a fotografia como registro temporal

55 In: <https://earth.google.com/earth/d/10nj8kTvND2JEfuaCXZSbq7GP8LP88W0h?usp=sharing>.

e a narrativa como estrutura verbal que consolida paisagens existentes na cidade.

A etapa de análise em pesquisa cartográfica se dá durante a continuidade da pesquisa, pois “a atitude de análise acompanha todo o processo, permitindo que essa compreensão inicial passe por transformações” (BARROS; BARROS, 2013, p. 378). Algumas forças cogitam a ideia de ficar, outras, propulsionam a vontade de seguir. Agenciar é articular o campo ensaiado com o campo de intervenção, pontuando a consistência da investigação. É necessário refletir sobre os acontecimentos e forças, e pesar as medidas na tomada de decisões e caminhos durante o processo, explorando as possibilidades de inscrição do mapa.

Do primeiro movimento caminhado saem o ensaio das tipologias da terceira paisagem. Com o distanciamento das ruas, após a transformação dessas paisagens, consegui enxergar junto a terceira paisagem uma coexistência de outras paisagens, suportes de manifestação, criando no segundo movimento caminhado afinidades que surgem de outras dinâmicas capturadas. Essas dinâmicas, registradas por fotografias, são organizadas em coleções. Essas coleções geram tipos de ícones que marcam o mapa do antigo percurso do Arroio.

A composição dos registros e coletas auxiliam na análise e agenciamento das diferentes intensidades que compõem a paisagem, criando ritmos pausados (ainda descoordenados, mas pulsantes) que abrem espaço para o acolhimento da experiência de um devir terceira paisagem. A produção de sentido e o processo de sustentação do problema direcionam o trabalho para a criação de pistas que servem para a reflexão sobre caminhos alternativos para a apreensão da paisagem urbana.

O Santa Bárbara

Nelson Nobre Magalhães

O Santa Bárbara ainda vive,
Arroio de minha lembrança,
É um pouco da
saudade
Dos meus tempos de criança.
Cortava a nossa cidade,
Presente da natureza,
A sua paisagem verde,
Tinha um toque de beleza.
Tinha peixes... tartarugas,
Pequenas embarcações,
Tinha também poesia,
Seus belos salsos - chorões.

A mão de Deus quem o fez,
Mas o homem por maldade
O levou para mais longe
Do coração da cidade.
Hoje paga um alto preço!
Um crime sem precedentes,
Desviaram nosso arroio
Aumentaram as enchentes.
Suas pontes eram belas
Num cenário sem igual
Uma delas sempre eu lembro;
A ponte lá do Ramal.
Pontezinhas de madeira,
As recordo com carinho:
A ponte lá da Uruguai
E também a do Moinho.
O Santa Bárbara ainda vive,
Arroio da minha lembrança,
É um pouco da saudade,
Dos meus tempos de criança.

4. EXPERIMENTAR TERRITÓRIOS

(...) construímos um conceito de que gosto muito, o de desterritorialização. (...) precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte. (Gilles Deleuze, em entrevista em vídeo⁵⁶)

Retomando a perspectiva da cartografia urbana, busca-se o encontro dos interstícios. A proposta tem o intuito de ativar a escuta do território, marcado por tendências que criam rastros de força e pulsam sob o território existencial da cartógrafa. Utilizando a caminhada como prática estética, a cartógrafa procura analisar os diversos sentidos despertados ao andar na rua, os acontecimentos que atravessam a homogeneidade e provocam a diferença e os territórios que definem a organização e/ou subversão. Compreendendo o espaço e suas territorialidades, a cartógrafa acompanha o processo de territorialização-desterritorialização-reterritorialização⁵⁷, “três aspectos em uma só e mesma coisa, o Ritornelo” (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 102). O desafio não é apenas aprender a escutar o território, mas aprender a dizer como ele se expressa a partir das forças captadas por registros, visualidades, sons, percepções e afetos se entrelaçam e se permeiam em um devir-mulher, devir-humano, devir-paisagem. Devir não é evolução, é uma “zona de experiência de potência múltipla” (ROCHA, 2010, p. 191). Devir a paisagem rompe com a ideia de que há uma representação fora, e reforça aquela que existe, de que somos inevitavelmente a própria experiência daquilo que é sentido.

A experiência, seja na perspectiva teórica e/ou prática, é política e crítica. A palavra experiência na língua portuguesa é “o que nos acontece”, em espanhol, “o que nos passa”, em francês “ce que nous arrive”, em italiano “quello che nos succede” ou “quello nos accade”, na língua inglesa “that what is happening to us”, em alemão “was mir passiert”(BONDÍA, 2002). Os seres humanos são viventes pelas palavras, as quais criam realidades e produzem sentidos, e, por esse motivo, são consideradas potentes mecanismos de subjetivação. Conecta o existencial a uma estética oferecida pela experiência sentida. Refletir sobre a experiência existencial nos territórios é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece, a

56 O filósofo Deleuze, em Diálogos (1998), evidencia que Félix Guattari inventou as palavras territorialização e desterritorialização.

57 Territorialização-desterritorialização-reterritorialização são movimentos do ritornelo. O ritornelo tem os três aspectos e os torna simultâneos ou os mistura: ora, ora, ora. Ora o caos é um imenso buraco negro e nos esforçamos para fixar nele um ponto frágil como centro. Ora compomos em torno do ponto uma pose calma e estável. Ora enxertamos uma escapada nessa pose, para fora do buraco negro. Esse processo de deslocamento é territorial, visto que o agenciamento é territorial, ou ainda, de um território existencial – como forma de agir e produzir subjetividade. Em Deleuze e Guattari, 1995.

criação de sentido é algo que tem a ver com as palavras, é sobre o modo como agimos em relação ao que foi experienciado.

O acontecimento nos é dado pelo estímulo, sensação pura expressa na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. A abertura na experiência traz a possibilidade de sermos tocados, requer a presença e atenção aos detalhes, a suspensão da opinião, do juízo e do automatismo da ação, falar sobre o que nos acontece é sobre escutar os outros, cultivar a arte do encontro, deixar ir os pensamentos. A experiência como dimensão de travessia e perigo tem a capacidade de formação e/ou transformação. “Somente o sujeito da experiência está aberto à sua própria transformação. O sujeito da experiência é um território de passagem” (BONDÍA, 2002, p. 26).

A paisagem por vezes é compartilhada e por vezes não, envolve a noção de imersão, visto que a experiência e a apreensão das paisagens são indissociáveis. Não tem como separar as experiências e mudanças de direção do curso d’água da vida. A relação da experiência de abertura em um contexto de fechamento. A presença está ali, mas é uma presença que exige protocolos. Atenção, cuidado, o vírus se transmite pelo ar.

A dificuldade em descrever paisagens nos direciona para o campo estético da apreensão de uma realidade e leitura de um mundo possível. Como não homogeneizar as diferenças e particularidades existentes em cada território? Como dar voz em meio ao silenciamento daquilo que tem potência de se transformar? O que é normal ao território, é normalizado, entretanto, ao reconhecermos a potencialidade e a capacidade própria do corpo de adaptação, estabelecemos um vínculo com a possibilidade de escuta com o corpo.

O que se pode ou não pode fazer é ditado por uma lógica que perpassa e se manifesta a partir da normatização apresentada por Foucault. Assim como o estudo do poder, estabelecido pelo autor, podemos conectar o campo como o local de encontro das forças e coexistências. As práticas corporais in-corporam o território e as paisagens, ao considerar, mesmo as não discursivas ou de visibilidade, tais práticas “referem-se às ações mudas dos corpos e criam modalidades de ver” (FOUCAULT, 1979 *apud* ESCÓSSIA, TEDESCO, 2015, p. 95). Os corpos captam percepções e afetos diferentes de uma mesma paisagem, apesar de existirem padrões que se fixam, heranças culturais e de patrimônios, discursos hegemônicos ou não. A valorização desses discursos já pré-concebidos referentes à percepção anestesia o próprio sentir e impossibilitam a prática cartográfica de construção do presente.

ENTRE PAISAGENS E CAMINHOS: Caderno de Bordo

A intenção é re-orientar conceitos e práticas para fazer deles outro uso, “desenraizá-los de seus vínculos pré-estruturalistas com uma subjetividade totalmente ancorada no passado individual e coletivo. O que estará daqui em diante na ordem do dia é o resgate de campos de virtualidade “futuristas” e “construtivistas”. O inconsciente permanece agarrado em fixações arcaicas apenas enquanto nenhum engajamento o faz projetar-se para o futuro. Essa tensão existencial operar-se-á por intermédio de temporalidades humanas e não-humanas” (GUATTARI, 2012, p.20).

A sequência dos passos, um ritmo

Na primeira caminhada experimental, que aconteceu no dia 13 de janeiro de 2021, levei comigo apenas o meu celular para o registro fotográfico das espécies vegetais espontâneas que brotavam no percurso que tracei espontaneamente conforme os fluxos – de pessoas e automóveis. Durante o processo de pesquisa, os acontecimentos do campo são combinados, ativando conexões junto às relações já construídas. Os estacionamentos aparecem como ponto inicial, marca o primeiro percurso da caminhada de verão. Estacionamentos, casas abandonadas, brotações vegetais em ruas e calçadas, apresentam dinâmicas e complexidades interessantes para serem analisadas, que se entremeiam e coexistem. É preciso ter calma para continuar seguindo, tudo se transforma a uma velocidade muito alta. Os veículos auxiliam no processo de disseminação das sementes, se espalham com o vento que segue novos fluxos projetados, o que era natural passa a sofrer influências do que foi construído, da materialidade e vice-versa.

Na segunda caminhada, a memória e a percepção foram aguçadas, vi prédios abandonados e uma paisagem impermeável, ciclovias e a remodelação de um canteiro central com concreto na Av. Duque de Caxias. Também senti as árvores, gramíneas e brotações de variadas espécies em outros territórios mais hospitaleiros. Pareciam estar em seu estado mais selvático, já não sabia quais eram as forças que estavam dominando a cidade. No terceiro encontro com o córrego oculto, as linhas e vetores são capturados. Linhas que estruturaram e influenciaram na evolução urbana, dentre elas estão o canal desviado, a linha férrea (encontro na passarela da Estação Ferroviária de Pelotas, extensão da Av. Dom Pedro II), além das principais avenidas (Duque de Caxias, Av. Presidente João Goulart) e da estrada RS. A título de curiosidade, foi buscado o corredor verde da cidade de Pelotas no qual o parque linear da Av. Bento Gonçalves faz parte. Avenida essa que abrigava o antigo camelódromo, hoje situado sobre o antigo leito do Arroio Santa Bárbara, em frente à ponte de pedra.

É importante ressaltar dois momentos distintos da pandemia, o primeiro deslocamento, com as caminhadas que aconteceram em 2021 e o segundo deslocamento, que abrange as caminhadas realizadas em 2022. Nas duas situações, darei uma ênfase maior às questões que

se apresentam como pontos catalisadores. No primeiro deslocamento, estávamos no contexto de pandemia há um ano praticamente, ainda não tínhamos vacinas disponibilizadas para a maioria da população. A apreensão da paisagem no caderno de campo da cartógrafa se deu de maneira cronológica⁵⁸, pela necessidade de registro temporal de um espaço-tempo suspenso pelo lockdown. Os lugares fechados, a permanência limitada e os protocolos de higienização se uniam com a confusão a respeito dos encaminhamentos e procedimentos a serem tomados em relação às pessoas infectadas pela Covid-19. Época em o kit covid apareceu e foi amplamente divulgado por meio de fake news juntamente com muitas outras notícias que confundiam a cabeça da população brasileira. Em meio ao caos, governantes sem proposições e opiniões alinhadas, agravavam a situação pelo negacionismo e pelo descaso referente ao acesso às vacinas. Mortes, mortes e mais mortes aconteceram.

Naquela época eu ainda escutava as notícias, ainda sentia um aperto no coração em saber a tragédia e o desmonte que estava sendo ocasionado pelo nosso desgoverno. Lamentável, não sei se é só isso que poderia dizer, tantas mudanças, tantas revoltas, tantos sentimentos de raiva e rancor baseados em discursos de ódio que eram proferidos diariamente, como resistir? Como uma pesquisa que busca olhar para as outras espécies da cidade, para as não-humanas poderia resistir a um cenário como esse? Concomitantemente as queimadas e desmatamento não apenas na Amazônia, no Pantanal e em outros lugares do Brasil, o que afeta diretamente e as regulações climáticas do Brasil e do Mundo.

Pleno caos. Pausa, pausa de escritas que faziam sentido, o sucateamento da educação, troca de 4 ministros da educação. Fechamento do Ministério das cidades. Descasos, indiferença. Ainda morava em Pelotas, o medo no ar, estava em tudo. É como se os sentimentos estivessem diluídos em ondas mentais, todos em meio de uma tempestade, estamos no mesmo barco. Barcos diferentes, algumas pelotas, outros cruzeiros. Mas a vida em si, a vida é muito frágil. É preciso seguir mesmo nesses tempos caóticos de escrita caótica. Caminhada mais pedalada, me dei conta que as pessoas não estavam vivendo a pandemia na extremidade do arroio⁵⁹. Ali tinha movimento, tinha vida, eu estava sozinha, já se passava 8 meses de isolamento e ainda estávamos na época mais crítica da pandemia.

Nas frestas a cartógrafa consegue espiar. Fechamento de tudo, comércios, serviços, horários reduzidos. Nessa fase, quase um ano após o início da pandemia, as pessoas enchiam os espaços verdes para as práticas de atividades físicas e mentais. A falta do verde nas casas durante os períodos de lockdown intensos deixavam os espaços verdes públicos ainda mais lotados. Áreas amplas, abertas e ventiladas, pouco a pouco tudo se voltando ao “novo normal” como haviam comentado, como haviam desejado tanto, desde o início da pandemia em 2020. Entretanto, não há um “normal” para se voltar. Quantas vidas se perderam? Vidas que

58 A disposição do material coletado e agenciado foi modificada para a entrega final da dissertação.

59 A extremidade do Arroio é apontada no mapa como o ponto: Rua Viva, abrange a Rua Dr. Cassiano até o final e virando à direita, a Rua Albuquerque Barros(especialmente essa!). Localizadas acima da ponte de pedra.

sustentam vidas, vidas preciosas. Não é possível esquecer. A distância física nesse ponto se apresenta, tive muitas perdas. As maiores que se pode imaginar, mãe, pai, avó. Estive longe por um tempo, em outras terras e voltei para Pelotas para a mudança.

Em 2022, retornei para a realização das caminhadas, já distante da cidade de Pelotas há quase um ano. Os percursos foram realizados em dois dias e, com a combinação das caminhadas realizadas em 2021, geraram estações. Esse termo **estações** remete às experiências nas quais as durações das imagens foram mais intensas, afectos⁶⁰ e perceptos transbordaram do corpo e se tornaram independentes, expressões ritmadas de uma paisagem em devir outra.

A passagem de um ponto a outro, de uma estação a outra, não necessariamente teve uma ordem cronológica bem definida. Dentre todas as experiências de paisagens capturadas e suas tentativas de registros, foram escolhidos cinco pontos que se diferem pelo modo como são apresentados.

As duas primeiras são consideradas pela cartógrafa como estações-passagens, *O Canal Santa Bárbara: um desvio* e *A ponte de pedra: a travessia de uma história* trazem mapas e fotografias que marcam a existência de paisagens de outras temporalidades e tiveram suas intensidades capturadas principalmente nas caminhadas de 2021. As outras três são apontadas como estações-paradas, intituladas *Os miolos de quadra*, *A antiga Fábrica de Papel: uma arquitetura do abandono em devir terceira paisagem* e *O braço morto do Canal: as pontas e as pontes*. Entretanto, antes e depois da terceira estação, são apresentadas breves matérias que remetem a experiência da cartógrafa, mas que não foram de fato criações próprias. Algumas revisões teóricas voltam a aparecer nesse entremeio e dão abertura para outros sentimentos e sensações que se delinearam e manifestaram entre um ponto e outro mas não viraram estações-passagem ou estações-parada por estarem entre.

A primeira, *Entre muros*, se conecta à experiência do encontro de muros e obstáculos visuais antes da cartógrafa adentrar aos miolos de quadra e traz uma possibilidade de rompimento com a perspectiva dos limites físicos experienciados. *Sobre o medo de caminhar, mulher na cidade*⁶¹, é a outra matéria, introduz uma perspectiva histórica da mulher no contexto do espaço urbano, oferece subsídio para posteriormente retomar as narrativas experienciadas por um corpo mulher na prática de habitar e existir em um território desconhecido, seja ele estigmatizado e rotulado ou não. As duas últimas estações-parada, *A antiga Fábrica de Papel: uma arquitetura do abandono em devir terceira paisagem* e *O braço morto do Canal: as pontas e as pontes*, se concentram em narrativas próprias do corpo em territórios existenciais.

60 “Não há perceptos sem afectos. Tentei definir o percepto como um conjunto de percepções e sensações que se tornaram independentes de quem o sente. Para mim, os afectos são os devires. São devires que transbordam daquele que passa por eles, que excedem as forças daquele que passa por eles. O afecto é isso.” (DELEUZE, 1997)

61 Apesar desses medos terem sido intensificados pela pandemia, pelo esvaziamento das ruas e pelo fechamento da cidade em aspectos culturais, sociais e econômicos, essa breve matéria não traz essa perspectiva para a discussão.



Figura 16: Mapa das estações de intensidades.
Fonte: Google Earth e intervenção da Autora, 2022.

O CANAL SANTA BÁRBARA: um desvio

Desvio, começamos pelo desvio. O desvio pode ser considerado aqui como uma força que movimenta, retifica a sinuosidade de um curso d'água ou desestabiliza e rompe com a linearidade de uma reta. De repente, de um ponto para outro, um desvio. Em meio a outras temporalidades (Figuras 17 e 18), o Arroio Santa Bárbara é evidenciado junto ao Canal São Gonçalo⁶² e Arroio Pelotas⁶³.



Figura 17: Fotografia aérea de Pelotas em 1953.
Registros aéreos do Arroio Santa Bárbara. Fonte: Lagoa Mirim.



Figura 18: Fotografia aérea de Pelotas em 1964.
Registros aéreos do Arroio Santa Bárbara e do Canal Santa Bárbara. Fonte: Lagoa Mirim.

62 "O canal São Gonçalo é uma via fluvial brasileira que faz a ligação entre a lagoa Mirim e a laguna dos Patos, tendo uma extensão de 76 km. É considerado um canal e não um rio porque, ao contrário deste, as suas águas não correm naturalmente sempre no mesmo sentido, pois a corrente depende do nível de água de cada uma das lagoas cuja ligação faz. Se o maior nível de água for da Lagoa Mirim, as águas correm no sentido da Lagoa dos Patos e vice-versa." In: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Canal_S%C3%A3o_Gon%C3%A7alo>.

63 "Considerado patrimônio cultural do Estado desde 2002, o Arroio Pelotas concentrou a maioria das charqueadas no século XIX." In: <<https://pelotaturismo.com.br/estudante/237>>.

As alterações na morfologia urbana ocasionadas pelo desvio do curso d'água implicam em processos de apagamento do leito original do Santa Bárbara e são registradas pelo aerolevantamento realizado de 1953 até 2020. Na Figura 19, o leito original aparece evidenciado até 1965. Em 1975 o apagamento do curso d'água é mais evidente, trazendo a tona o seu desvio como transformador da paisagem.

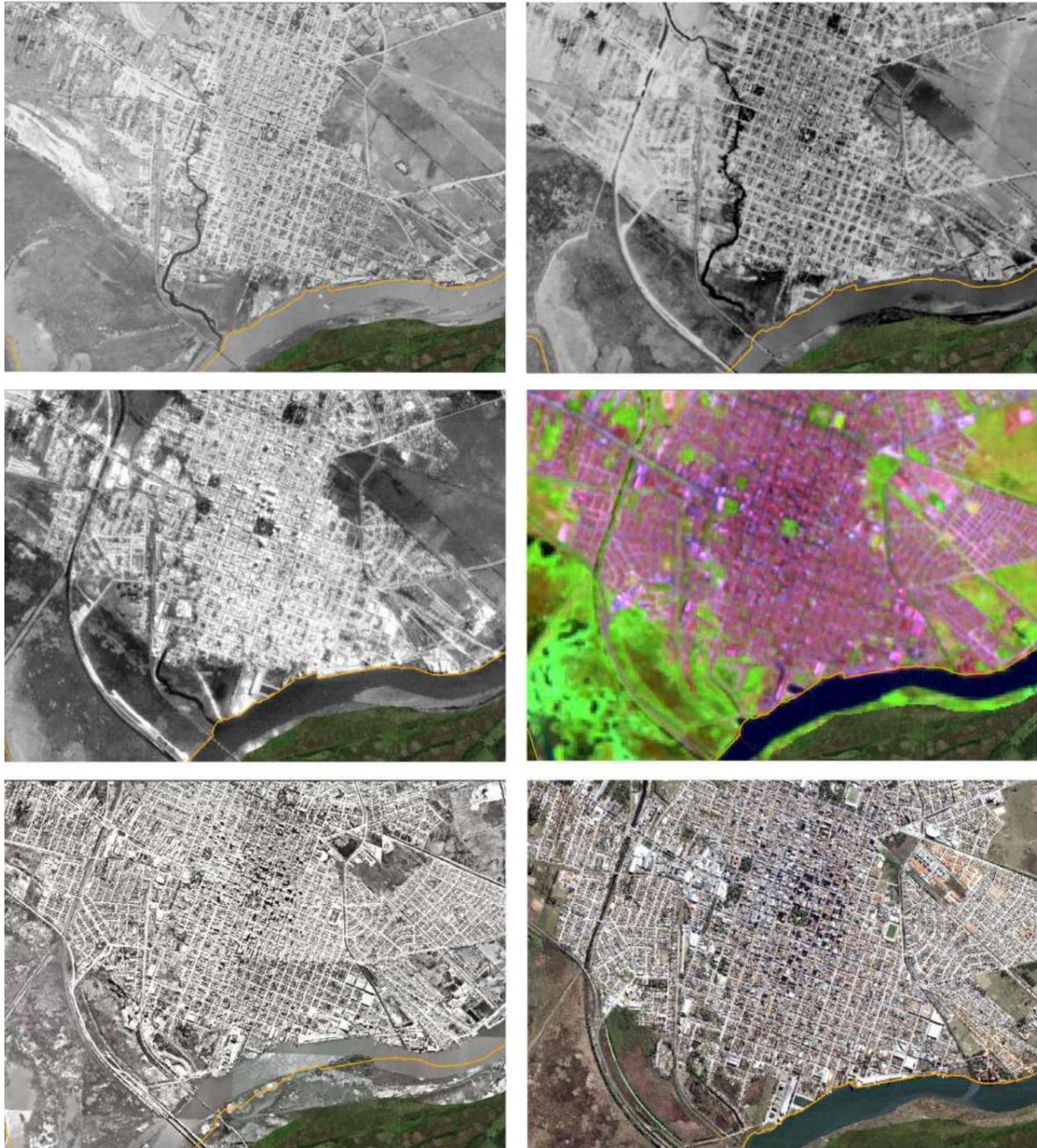


Figura 19: Aerolevantamento de 1953, 1965, 1975, 1988, 1995, e 2020 respectivamente. Fonte: Imagens Aéreas - Série Histórica, GeoPelotas, modificada pela autora em 2022.

A mudança de rota de um curso d'água traz consigo mudanças de cursos de vida, com a transposição do leito do Arroio, o Banhado Santa Bárbara referenciado no projeto de Saturnino de Brito de 1947 (Figura 20) se tornou a Barragem do Santa Bárbara e atualmente abastece cerca de 50% do município⁶⁴. Ainda assim, a transformação de uma paisagem em outra é sempre uma morte, uma entrega, um abandono de uma identidade que transforma uma paisagem em outra. Tais desdobramentos envolvem tensões e contradições.

Mudanças climáticas, enchentes, alterações nos regimes de chuva, eventos hidrológicos extremos, inundações e períodos de seca. Tudo acontecendo no momento presente. Pausa, fechamento, enclausuramento, lockdown. O que permanece mesmo em meio aos desmoronamentos da vida, da sociedade, dos preceitos que imaginávamos ser intransponíveis? Por um lado o movimento se mantém constante e por outro os desvios surgem como tensões e códigos individuais de lugares múltiplos.

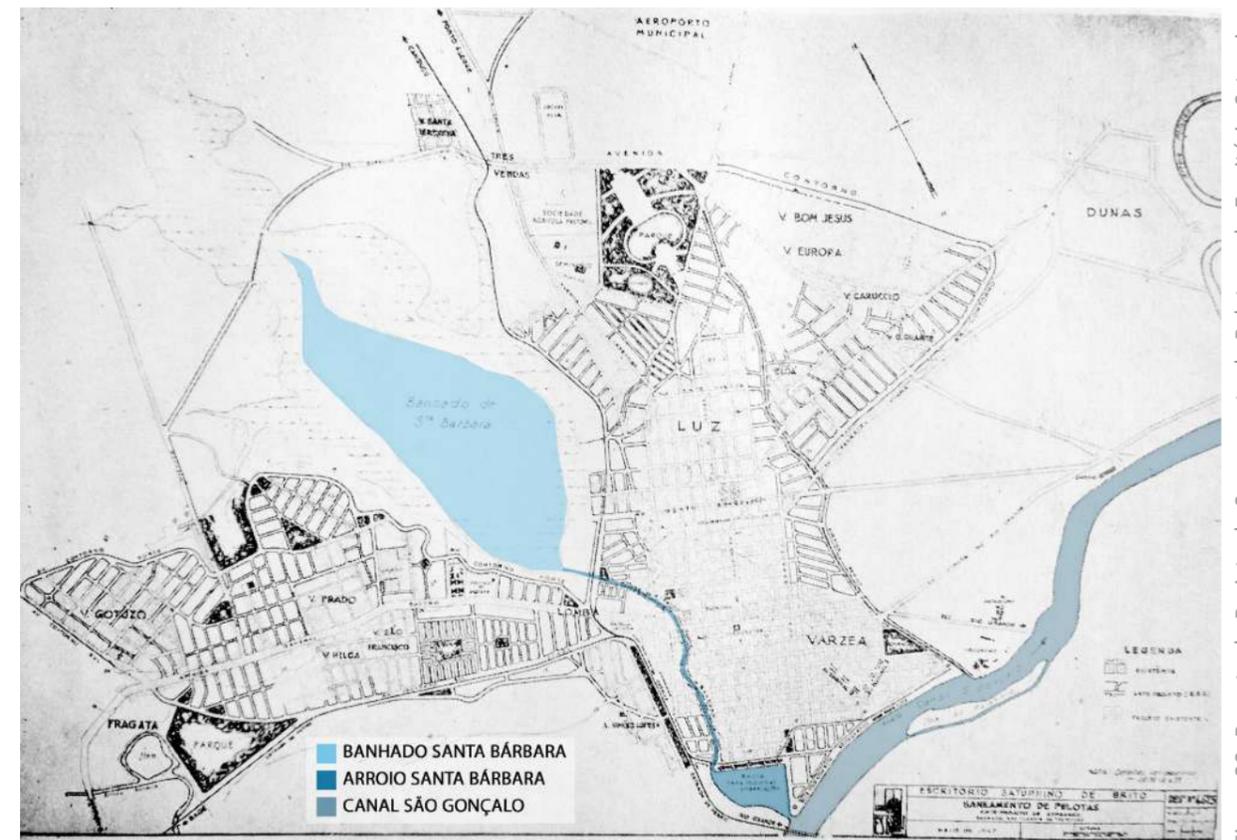


Figura 20: Recorte do Projeto de Saneamento de Pelotas pelo Escritório Saturnino de Brito. O Banhado de Sta Bárbara agora é a atual barragem. Fonte: Saneamento de Pelotas (novos estudos) Relatório de Projetos 1947.

⁶⁴"A Barragem possui 359 hectares de proteção e o volume de água estimado é de 10 bilhões de litros. Tem como finalidade fornecer água bruta por gravidade para a planta de tratamento da ETA Santa Bárbara e para a zona industrial, através de bombeamento. Cerca de 50% do Município recebe a água tratada da Estação, abastecendo o Centro, o Porto, Bairro Navegantes, Vila Fátima, Bairro Fragata, Distrito Industrial e Vila COHAB." In: <<https://portal.sanep.com.br/noticia/barragem-santa-barbara-comemora-50-anos-de-historia>>.

Alguns **desvios** impõem direções pré-estabelecidas, como é o caso da transposição do Arroio, enquanto outros desobedecem a ordem do sentido original do percurso. Estes envolvem o corpo, transpõem limites e abrem-se para um **devir**. Devir Outra⁶⁵ paisagem, devir paisagem emergente, aquela negada, abandonada e negligenciada. Impõe a necessidade de experiência, próxima ou distante e afasta a necessidade de controle, já que as forças do campo atravessam os sentidos nos mostrando os impulsos e as repulsas em seguir, continuar ou parar. A potência dos trajetos está nas intensidades dos devires, devir-corpo-mulher e devir-paisagem-urbana. O **desvio** como um **devir**⁶⁶ aparece como um exercício de compreensão urbana que sugere a experiência de paisagens através do corpo em movimento.

A experiência atrela a perspectiva de desvio de um corpo d'água a uma narrativa em devir-corpo-mulher em meio a paisagem urbana. O desvio do antigo leito do Arroio Santa Bárbara, localizado em Pelotas, culminou com a experiência do corpo-ilhado⁶⁷ anterior ao ingresso do programa de metrado no PROGRAU. Em meio as plantas espontâneas que nasciam nas canaletas da rua, as bocas de lobo⁶⁸ estavam com as grandes gargantas entaladas, engasgadas de lixo urbano, o abandono humano.

A cartógrafa é impulsionada pela mudança de um curso d'água, pelas paisagens que são como águas correntes e se transformam em um ato narrado, uma paisagem experienciada por um corpo-mulher durante o período de pandemia. Corpo agente que exerce funções em agenciamentos, converte os encontros em possibilidades de percursos, abrindo espaço para uma montagem do mapa seguindo as forças do campo e conduzida por uma escrita. Deleuze e Guattari expõem o ato de escrita⁶⁹ pensado como impessoal:

Então se é como o capim: se fez do mundo, de todo mundo, **um devir**, porque se fez um mundo necessariamente comunicante, porque se suprimiu de si tudo o que impedia de deslizar entre as coisas, de irromper no meio das coisas. Combinou-se o “tudo”, o artigo indefinido, o infinitivo-devir e o nome próprio ao qual se está reduzido. Saturar, eliminar, colocar tudo. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 64)⁷⁰

65 Fazer referência ao Outro de Derrida, em letra maiúscula.

66 Devir é tomado como movimento não definitivo, implica em um processo de desterritorialização e agenciamento.

67 A cartógrafa, como moradora de Pelotas na época, experienciou a sensação de estar ilhada justamente nessa área em uma das últimas enchentes que aconteceu no ano de 2019. Uma ilha, um arquipélago fractal. Estar ilhada me afectou, estar ilhada é quase ser uma ilha. A cidade residual é composta de ilhas, fragmentos isolados no grande oceano planetário.

68 As bocas de lobo ou bueiros, auxiliam na drenagem das vias urbanas, é para onde escoam as águas da chuva drenadas pelas sarjetas com destino às galerias pluviais.

69 Considera-se a escrita como criação literária.

70 In: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/letras/devir-e-escrita>>.



Figura 21: Vegetação das margens do Canal. Fonte: Da Autora, 2021.



Figura 22: Pata de vaca florida, vista nas margens do Canal Santa Bárbara. Fonte: Da Autora, 2021.



Figura 23: Tartarugas do Canal Santa Bárbara desviado, vista da Av. Duque de Caxias. Fonte: Da Autora, 2021.

O aspecto **devir** é amplo e considera as espécies vegetais (Figura 21 e 22) e narrativas que se conectam aos desvios. No mapa (Figura 16), o desvio das águas do Arroio Santa Bárbara para o Canal Santa Bárbara (Figura 30) é abertura para se enxergar outros caminhos e paisagens em movimento. Iniciamos o percurso pelo canal desviado.

Figura 30: Canal Santa Bárbara desviado, vista da Av. Duque de Caxias.
Fonte: Da Autora, 2021.





Figura 31: Mapa das estações de intensidades.
Fonte: Google Earth e intervenção da Autora, 2022.

A PONTE DE PEDRA: a travessia de uma história

Bem ali, onde tem os camelôs, tinha um pontilhão do Santa Bárbara – ali dá para ver, só as cabeceiras do viaduto que ainda dá para ver.

Ao passar por cima da ponte, os meus pés doíam, a ponte era de pedra pontiaguda, meus solados eram finos, preferia passar por baixo contornando paralelamente a sua distância. A ponte já foi abrigo, isso quando a cartógrafa cursava a disciplina especial de mestrado no segundo semestre de 2019, Pesquisa em Educação e Maquinações com Arquivos: meios, modos e ritmos, ministrada pelo professor Dr. Róger Albernaz de Araújo, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PGEd), no Instituto Federal Sul-Rio Grandense (IFSUL-Pelotas). Via gente ali, colchão, cadeira, tudo bem apoiado nas aduelas⁷¹ (Figura 32). A ponte foi abrigo, casa e morada antes de sofrer um abandono, o movimento natural de deslocamento de sentido(s) ou significado(s) temporal e/ou estético.



Figuras 32: Aduelas da ponte de pedra.
Fonte: Da Autora, 2021.

⁷¹ Tubulações de concreto.

Figuras 33: Vista para ponte de pedra.
Fonte: Da Autora, 2021.



Pisava no chão e sentia as pedras, o asfalto, a areia, a grama e as plantas resistentes no solo, a cada ida encontrava algo interessante curioso que se manifestava a partir do caminhar. Na pandemia ninguém mais morava ali, pelo menos eu não via mais esse movimento. Na temporalidade que antecede o desvio do Arroio Santa Bárbara, várias pontes e pontilhões existiam em Pelotas, dentre as inúmeras que um dia existiram, atualmente só resta a Ponte de Pedra (Figura 33). Apesar de estar localizada no mesmo lugar de antigamente, onde hoje é o encontro da Rua Marechal Floriano com a Praça 20 de Setembro, não serve mais como ponte e muitas vezes passa despercebida.

A histórica ponte já foi abrigo e travessia e ainda é a única sobrevivente. Tombada pelo IPHAE⁷² é datada de 1867, com 20 metros de comprimento por 17,80 de largura e 5m de altura⁷³. A Ponte de Pedra foi reformada em 1914 e era um grande marco de separação entre a cidade de Pelotas e o comércio com a colônia⁷⁴. Na margem oeste do Arroio, situava-se a antiga Praça Constituição, também chamada de Praça das Carretas (onde hoje é o estacionamento do POP Center – camelódromo de Pelotas). No passado, a Praça das Carretas funcionava como local

72 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul.

73 In: <<https://pelotasturismo.com.br/historias/269>> acesso 24.06.2022.

74 O termo é utilizado frequentemente para remeter às áreas rurais do município de Pelotas em que algumas(-nem todas) famílias de imigrantes vivem, cultivam alimentos e produzem outros tipos de produtos coloniais como doces, geleias, queijos, etc.

de troca, compra, venda e estacionamento de cavalos e charretes que traziam o alimento da colônia (da Campanha e da serra dos Tapes) para Pelotas. Ali se estabelecia um “ponto estratégico” de recebimento das mercadorias, já que os cavalos tinham sido proibidos de adentrar a cidade em determinada época. Nos registros fotográficos, a Antiga Praça das Carretas (Figura 34 e 35⁷⁵) e a Ponte de Pedra sobre o Arroio Santa Bárbara, ao fundo, edificações assobradadas (Figura 36).



Figura 34: Antiga Praça das Carretas.
Fonte: Almanaque do Bicentenário de Pelotas. 2012.



Figura 35: Antiga Praça das Carretas.
Fonte: Almanaque do Bicentenário de Pelotas. 2012.

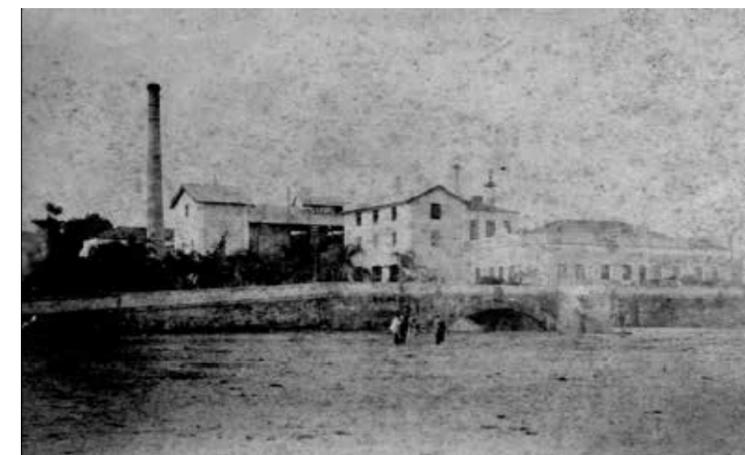


Figura 36: “Antiga Praça das Carretas, vendo-se a ponte de pedra sobre o Arroio Santa Bárbara (hoje desviado). Ao fundo, a Cervejaria Ritter” (GUTIERREZ, E. J. B.).
Fonte: Almanaque do Bicentenário de Pelotas. 2012.

75 Data aproximada da foto: 1900. Fotógrafo: Henrique Patacão. Fonte: Almanaque do Bicentenário de Pelotas. 2012.

Figura 37



Figura 38



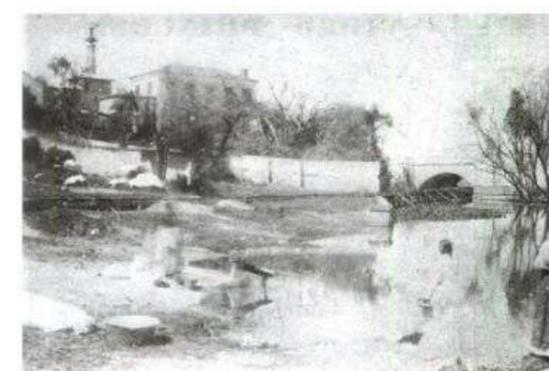
Figuras 37 a 40: Antigo leito do canal Santa Bárbara. Ao fundo, o complexo pertencente à cervejaria Ritter. Fonte: Almanaque do Bicentenário de Pelotas. 2012.



Figura 39

A planta da cidade de Pelotas foi levantada em 1835 pelo engenheiro Eduardo Kretschmer, o qual projetou o segundo loteamento da cidade. Ele conservou o traçado regular existente, com as ruas principais perpassando na direção norte-sul e as secundárias no sentido leste-oeste. A escolha da hierarquia das ruas norte-sul sobre às ruas leste-oeste foi essencialmente devido ao sentido de escoamento águas pluviais, que conforme pontuado pelo Código de Posturas de 1834, é “(...) mais fácil o escoamento das águas da Vila pelas ruas que estão de leste a oeste, conforme nivelamento dos edifícios e a inclinação dos terrenos” (PETER, 2004, p.7). Isso ocorreu em virtude da localização da várzea do Arroio Pepino a leste e da várzea do Arroio Santa Bárbara a oeste. Por muitos anos, o Santa Bárbara foi considerado como limite da cidade, entretanto, em meados do século XIX, Pelotas começou a crescer em direção ao Santa Bárbara, trazendo transformações em suas margens como mostram as Figuras 37 a 40. (PETER, 2004).

O curso d’água tinha o potencial de servir as indústrias fabris da época (situadas principalmente na zona sul do Arroio), começaram a surgir pequenas indústrias caieiras, barracas de couros, tanoarias, a fábrica de cerveja Ritter, na rua Marechal Floriano, que posteriormente foi transferida para o bairro do Porto. O Moinho Pelotense, que também se localiza atualmente no Porto, funcionava naquela região como distribuidor de água para a população que morava nas proximidades do Arroio Santa Bárbara. Além disso, charqueadas, como a Santa Bárbara que passava na Rua Conde Porto Alegre existiam ao longo do canal. Também eram às margens do Santa Bárbara que as lavadeiras⁷⁶ (Figuras 41 e 42) ficavam, classe trabalhadora fundamental em uma época em que não existia água encanada (PETER, 2004).



Figuras 41 e 42: Fotos de lavadeiras às margens do Santa Bárbara. Início do século XX, 1909. Fonte: Peter, 2014.

No século XIX, além da utilização das águas para lavagem das roupas, o Santa Bárbara era um local de banho utilizado pela população da época. Os banhos de rios eram uma prática usual e recomendada por conta dos aspectos terapêuticos e de lazer. Os ‘banhos frescos de rio’, para ‘o asseio do corpo’ das crianças passa a ser recomendado pelo médico pernambucano Carolino da Silva Campos em 1855, ‘além de preencherem o fim relativo à limpeza’, concorriam para ‘fortificar os tecidos’(Del Priore *apud* PETER, 2014).

76 As lavadeiras eram figuras comuns do século XIX e início do século XX. (PETER, 2014)

Os tecidos do corpo retomam a temporalidade presente. Em outras vias perpasso lotes de terrenos ainda em construção, concessionárias de automóveis avançando com a proposta de estacionamentos e vagas de garagens que sustentam os meios de locomoção atuais. O estacionamento e o capitalismo. A pandemia marca esse processo de encontro em um vai-e-vem. O prédio em cima de um arroio fantasma é símbolo da cidade contemporânea, detentora de realidades distintas. O POP Center (Figuras 44 e 45) estava ali, fechado. Comércio de produtos *made in china*, país no qual foi detectado o novo coronavírus pela primeira vez. Um camelódromo sobre o leito seco, desviado, retificado e aterrado.

A continuidade do arroio é marcada por diferentes temporalidades, inúmeras camadas. Há um desconhecimento por parte da população dos cursos d'água que foram aterrados. A várzea oeste do Arroio Santa Bárbara continua sendo alvo de alagamentos, até 2019, os alagamentos em frente ao IFSUL, na Avenida Saldanha Marinho e na Rua Marcílio Dias próximo à Praça Vinte de Setembro, eram constantes (PETER, 2004). As enchentes costumam assolar esses trechos, por diversos aspectos, dentre eles está a falta de escoamento e drenagem pluvial e, principalmente pelo declive e topografia natural do terreno. Atravessa-se um outro tempo da cidade, que não é cronológico. Um tempo que transborda. Um tempo vivo nas memórias. Pandemia e locais de passagem, tudo está fechado em 2021.

Figura 43: Ponte de Pedra, Rua Marechal Floriano.
Fonte: Da Autora, 2021.



Figuras 44: Vista para ponte de pedra.
Fonte: Da Autora, 2021.



Figura 45: POP Center e Av. Marechal Floriano Peixoto, vista da Rua Professor Dr. Araújo. Fonte: Da Autora, 2021.

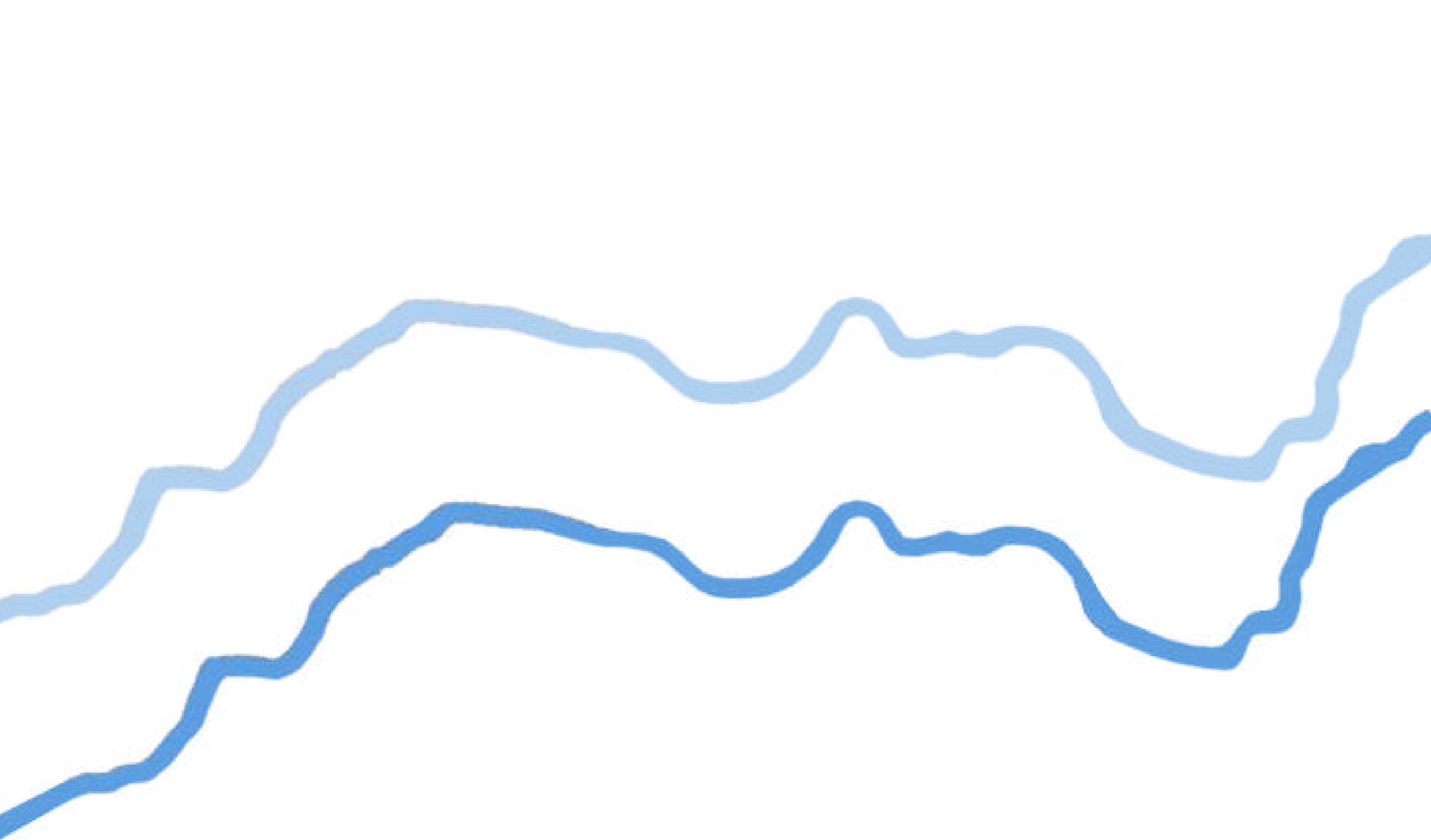


Figura 46: Muro da R. Voluntários da Pátria.
Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 47: Muro da R. Gen. Neto.
Fonte: Da Autora, 2022.



Figuras 48 e 49: Portão da R. Gen. Neto.
Fonte: Da Autora, 2022.



ENTRE MUROS

Figura 49

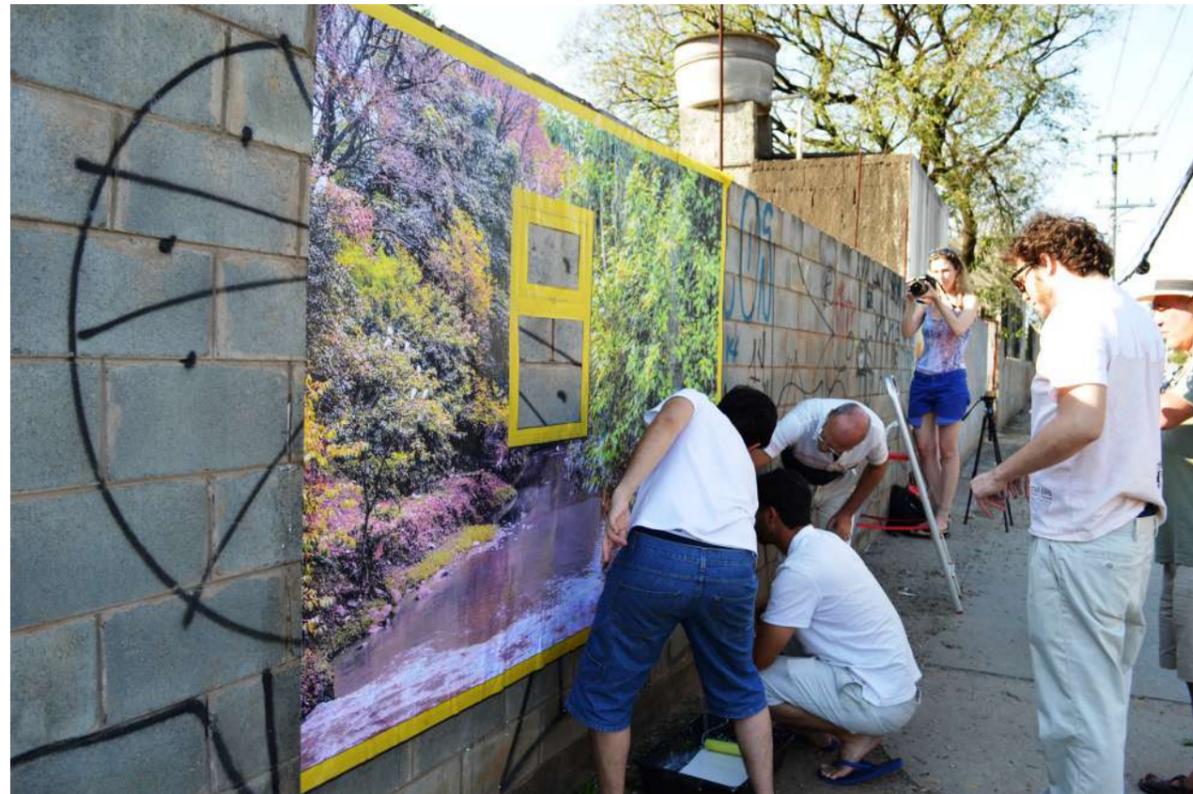


O muro, (...), participa como uma espécie de técnica de evitação e, como tal, exerce um efeito que propomos chamar de efeito-barragem, dentro de processos mais amplos de contenção territorial. Como numa represa, busca-se conter o fluxo (da água) mas nunca em um sentido temporalmente definitivo ou espacialmente completo, como nos processos clássicos de confinamento ou reclusão e seu “cercamento” por todos os lados. Faz-se a contenção de um lado ou até um certo nível mas, com o tempo, o fluxo pode aumentar, a pressão sobre a barragem pode ser maior e é-se obrigado a “abrir as comportas” – um vertedouro sempre está previsto e, muitas vezes, é ele que garante a manutenção de um determinado fluxo, ainda que sob constante controle (HAESBAERT, s.d.)⁷⁷.

77 In:<http://posgeo.uff.br/wp-content/uploads/sites/256/2020/06/da_multiterritorialidade_aos_novos_muros.pdf>

Em sua tese, *Uma poética dos interstícios urbanos: paisagens possíveis nas entrelinhas da cidade*, Arthur Simões Caetano Cabral discorre sobre uma intervenção urbana, no subcapítulo intitulado “Na cegueira de muros, em bosques perdidos”. Arthur envolve a pulsação da matéria em uma poética atrelada a Bachelard conduzindo-nos para um universo particular em meio a narrativas e experiências estéticas que compõem um olhar atento às manifestações pulsantes das naturezas das frestas. De acordo com o autor, a intervenção artística, proposta pelo cineasta Caio Ferraz, que se desenrolou no seminário Entre-rios - a cidade e sua (não) relação com as águas, contou com a instalação de um lambe no muro cego da Avenida Abraão Ribeiro, na cidade de São Paulo.

A intervenção (Figura 50) se estendia em metros, tomando uma parte considerável do muro, a imagem ilustrava uma fotografia de um rio tropical envolto a uma mata densa e exuberante, nas palavras de Cabral. A riqueza de texturas se abria para uma moldura, uma fresta, uma janela emoldurada em cor amarela rompia com a continuidade da paisagem no centro do painel. Aparentemente com os blocos cinzas que restaram do muro opaco. A colagem do painel possibilitou a abertura da janela.



Figuras 50 e 51: Instalação de painel no muro da avenida Doutor Abraão Ribeiro e Janela improvável para o córrego Anhanguera. Fonte: Vladimir Bartalini e Arthur Cabral, 2015. (CABRAL, 2020, p. 151)

A marretadas, a dureza do concreto ia, pouco a pouco se desfazendo, desprendiam-se das argamassas e, gradualmente, a janela se abre para a visão dos olhares atentos. Atrás do muro, ou por entre os muros, o córrego Anhanguera flui em meio a um bosque denso. O espaço intersticial, excluído dos olhares cegos do muro, denuncia os dispositivos urbanos e tantos outros edifícios implantados nas várzeas do Rio Tiête. O espaço intersticial se abre, como uma janela (Figura 51) (CABRAL, 2019). Aqui, neste trecho, a existência do córrego é posta sobre a visualidade de uma paisagem vedada, parcialmente enterrada. Cabral ressalta a desativação poética da parede cega, proposição de Caio Ferraz e da equipe que se engajou na intervenção, abrindo espaço para o território intersticial, um possível e potente território existencial.



Figura 51

OS MIOLOS DE QUADRA

No meio da quadra, não tem casa, eles botaram as casas assim e o meio é vazio, cada um pegou um pedaço ali para fazer qualquer coisa, uns plantam outros tem cachorros, porque na verdade era o arroio que passava ali. Então quando taparam tudo aqui, cada um pegou um pedacinho aí fecharam na volta. Esse pátio é um baixadão. Ali era o Engenho HP, era Engenho de Arroz. O arroio era daquele muro marrom ali, até a metade desse muro do Menegotto. Se tu conseguires entrar para esse lado ainda consegue ver os resíduos.

O que tem ali?

O que agora nasce do arroio?

Cada um usa para algum lado. Não funciona nada. Se eu seguir direto esse terreno eu dou de cara com o curtume. Por enquanto está desativado. Mas tem o maquinário. Uns troços lá dentro, tenta falar com o guarda e ele abre para você.

Curtume do Yurgel, que foi fechado por conta da contaminação do solo. O curtume usava a água do Santa Bárbara para trabalhar. Fábrica de papel era a mesma coisa, a fábrica de papel, para fazer papel precisava de muita água, eles tinham ali uma caixa d'água que era quase do tamanho dessa peça aqui de largura e da altura daquele prédio. Ainda está ali a ruína da caixa d'água de frente ao portão verde que eu te falei, da última vez que eu fui ainda tinha o escritório lá em cima.



ura 52: Muro Menegotto, onde p...va o antigo leito.
te: Da Autora, 2021;

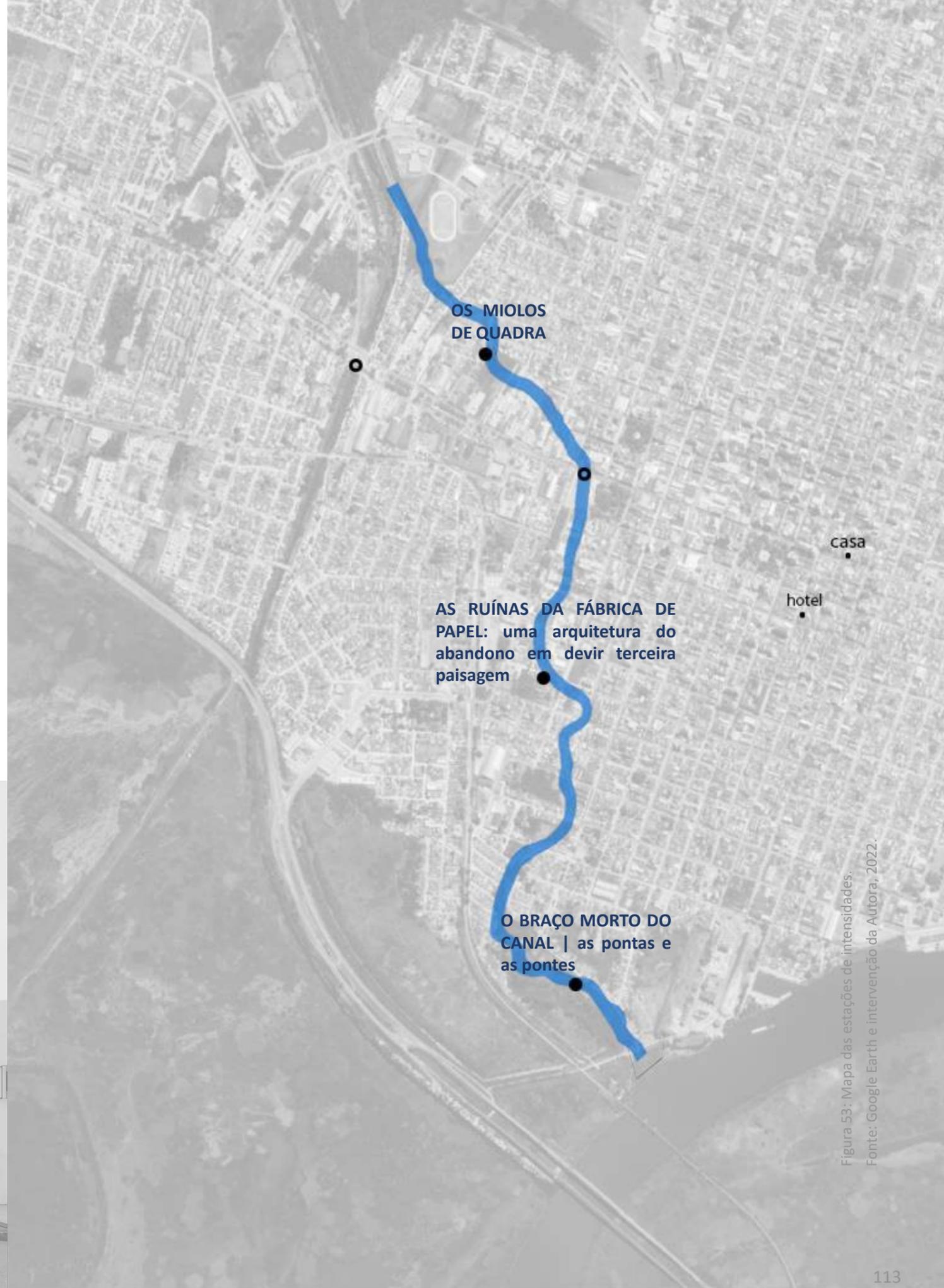


Figura 53: Mapa das estações de intensidades.
Fonte: Google Earth e intervenção da Autora, 2022.

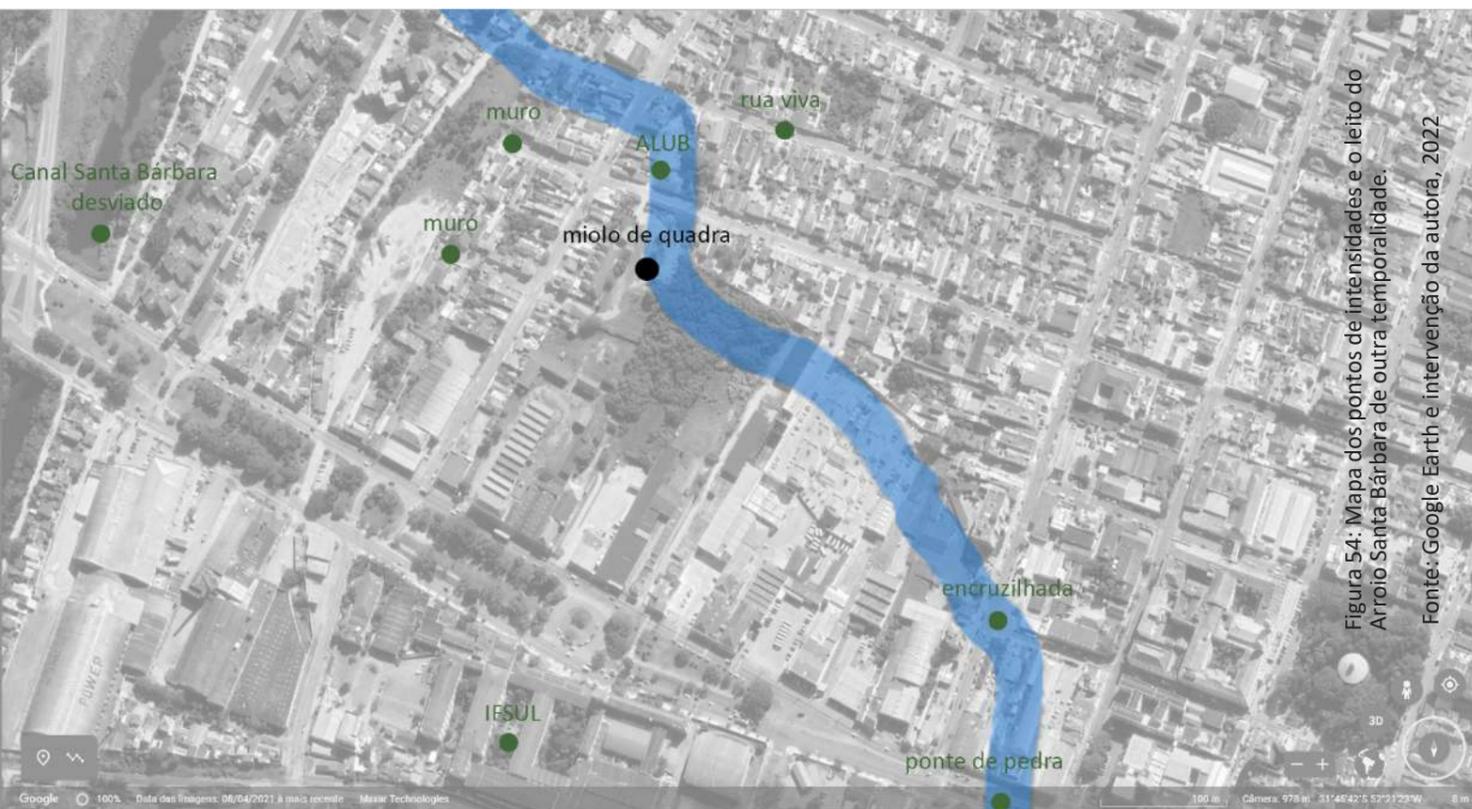


Figura 54: Mapa dos pontos de intensidades e o leito do Arroio Santa Bárbara de outra temporalidade.

Fonte: Google Earth e intervenção da autora, 2022.



Figura 55: Recorte do mapa de Pelotas de 1995, enfoque para o miolo de quadra com poucas árvores, potencial em devir terceiro paisagem.

Fonte: Geopelotas, 2022.

No primeiro movimento de caminhadas, os estacionamentos mostravam a sua presença marcante, entre escritos nas paredes e pixos, miolos de quadra vazios guardados à mercê de máquinas automotivas. Os espaços destinados aos automóveis eram abrigo das plantas espontâneas em tempos de pandemia. O que mais se via, além das partículas de espécies vegetais, eram os muros fechados dos estacionamentos que se ocupavam do espaço da cidade. Carro para que? Estávamos completamente fechados em nossas casas, em nossas redes virtuais (isso é, para quem tinha acesso) e em nossas bolhas de realidade. Estávamos privad@s das ruas.

Em algumas ruas de outras temporalidades, os muros serviam para impedir o acesso e esconder o antigo curso d'água. Em outras, a conectividade da via ainda se perde, como é o caso das ruas General Neto e Santos Dumont. As ruas cortadas se abrem para os miolos de quadra e se fecham para si próprias.

Entre conversas e encontros com as pessoas desses territórios, Laerte⁷⁸ comentou que a Marinha do Brasil (MB) auxiliou no processo de aterramento das vias públicas, as ruas, os miolos de quadra ficavam suspensos e, atualmente, há remanescentes vegetais nesses territórios. Esses terrenos, que antes pertenciam ao antigo leito, foram, pouco a pouco, sendo aterrados com entulhos pelos próprios moradores cujas propriedades estavam nas proximidades. De acordo com os relatos, alguns fizeram hortas, outros pátios cimentados. Menegotto, uma loja de construção civil especializada em madeiras, pisos e aberturas, desde 1940, localizada entre a Rua Dom Pedro II com a Avenida Saldanha Marinho - anteriormente parte do antigo leito do Arroio - sofreu com as intensas enchentes das décadas de 40 e 50, em dias de chuva forte, se preparavam com barcos para a captura das madeiras que se esparramavam por entre as vias submersas pela elevação das águas no antigo curso do Santa Bárbara. Nas narrativas, o volume de água atingia o telhado do barracão, destinado ao armazenamento de madeiras.

Água, entulhos, resíduos, madeiras, a coexistência de inúmeros espectros. A paisagem como um palimpsesto do território experienciado de maneira distinta a cada imersão. Nesta pesquisa é posta de lado tentativas de representar, reconfigurar ou até mesmo esboçar um desenho de projeto para a restituição do antigo curso d'água passado, afinal, o desvio do Arroio já aconteceu. Aqui não se busca uma intencionalidade radical de preservação do leito original que já não é o mesmo, mas sim o reconhecimento da artificialidade de uma paisagem construída *dentro* e *fora* dos miolos de quadra e nas extremidades do Arroio.

Esses tensionamentos na perspectiva urbana permeiam o campo da memória e oferecem espaço, abertura para se pensar nas possibilidades de construção, apreensão ou reelaboração do presente, imbricando passado e futuro. Entretanto, de fato, sem o desvio do antigo leito, o

⁷⁸ Laerte comentou sobre os tempos de infância, sua família comprava leite de um senhor que vinha de barco pelas águas do arroio Santa Bárbara. Morava na Z3.

“motor” da problematização do trabalho - bem técnico e artificializado - a noção de espectros, fantasmas e fragmentos, não seriam termos reconhecidos ao expressarem linhas de forças de um pensamento moderno tardio, amplamente difundido ao longo do século XX (DERRIDA, 1994).

As reflexões de Derrida em torno da espectralidade aparecem mais especificamente no livro *Espectros de Marx* (1994), no qual o filósofo interpreta o passado sob a crítica da dívida e da herança. A dimensão histórico-fantasmagórica articulada nesta obra remete aos rastros e aos fantasmas que persistem em assombrar o nosso presente. Contudo, o fantasma nesse caso parece ser um curso d'água, que teve seu corpo desviado e retificado, canalizado e aterrado. Um corpo tomado de seu território.

A vida existe e está presente além do universo antrópico. Dentre todas essas linhas que formam a trama da realidade, podemos conectar com o pensamento de Isabelle Stengers. A autora, filósofa da ciência, em seu livro, *No das catástrofes*, apresenta a necessidade de envolvimento coletivo em questões que vão afetar o futuro comum, “se atentar sobre o como as questões são formuladas e discutir soluções é dar a possibilidade de dar a outros o poder reinventar e formular problemas a serem resolvidos” (2015, p. 48). A autora salienta que só após as catástrofes sanitárias e ambientais os poderes públicos reconheceram, na Europa, a legitimidade de um princípio de precaução. No Brasil, com as enchentes que acometeram gravemente diversas cidades em 2022, sofre ainda os impactos daquilo que está negligenciado.

Conectando essa temática a produção de cidade no Brasil, o registro audiovisual *Entre rios* (2009), delinea a urbanização da capital de São Paulo com o enfoque geográfico-histórico permeado por questões ambientais e políticas, marca o processo da construção da malha urbana sobre um curso d'água⁷⁹. No campo das artes, o projeto de Isabela Prado, *Entre Rios e Ruas*, sugere uma reflexão poética das relações entre cidade, meio ambiente e indivíduo(o) e teve como ponto de partida a (in)visibilidade dos rios e córregos presentes nos territórios e a relação histórica que foi estabelecida a partir das transformações da paisagem. O processo de trabalho artístico⁸⁰, busca reativar no imaginário urbano a existência dos corpos d'água já aterrados na cidade de Belo Horizonte, algumas intervenções resultaram em placas de ruas com os nomes dos rios e córregos que passam ou passavam na malha urbana e suas respectivas bacias hidrográficas.

A arte transforma a proposta de recriação da cidade. As enchentes e alagamentos das cidades

79 In: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fwh-cZfWNlc>>.

80 A artista foi uma das vencedoras do Prêmio Funarte de Arte Contemporânea em 2011, com a série *Entre rios e ruas* (2007 - 2012). O processo de projeto envolve intervenções artísticas que vão desde performances a desenhos, vídeos e fotografias e a criação de outras obras. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpca-pcgjclclefindmkaj/https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/20/15-invis_vel_sob_a_cidade_isabela_prado.pdf> .

do século XXI manifestam a força de uma paisagem natural que insiste em trazer à tona as marcas passadas, as “dívidas” de outrora. Interpolam aspectos de saneamento e a problemática dos escoamentos de água em uma cidade impermeável. A impermeabilidade do solo em topografias que favoreciam originalmente o escoamento das águas da chuva, acarretam fenômenos naturais com intensidades maiores em pontos específicos de uma paisagem modificada.

A multiplicidade de espectros traz à tona imagens fantasmagóricas que nos frequentam ou que historicamente nos frequentaram, tais como o espectro do comunismo ou do marxismo; ou ainda, o espectro neoliberal e toda a produção de fantasmas em qualquer nível, seja ele econômico, político, social e midiático mundial (FUKE, 2018). Assim como Derrida nos alerta que um fantasma não morre nunca e está sempre a retornar, aquilo dito morto talvez não esteja tão morto. Uma responsabilidade impossível é evocada diante do reconhecimento dos espectros, em que estar com os espectros seria uma política e responsabilidade para com a memória, herança e geração.

O miolo de quadra, o *dentro*, é o lugar da espectralidade e o espaço de exercer uma responsabilidade que é impossível e, ao mesmo tempo, a única possível com o passado, com uma geração de fantasmas, com aqueles que não estão mais presentemente vivos, mas que nos habitam de forma descarnada em nome da justiça, “[...] aí onde ela não está presente, e aí onde ela nunca será, não mais do que a lei, redutível ao direito” (DERRIDA, 1994, p. 11). Derrida incita o reconhecimento daqueles que não estão mais no presente a não ser sob a forma de espectros, para uma ética possível, evidenciando novas possibilidades para uma política da memória e da responsabilidade, quase propondo uma revisão das dívidas históricas e de ações de reparação dessas dívidas.

Nessa linha de pensamento, Derrida conecta a herança e a responsabilidade com o passado, além dos desvios do caráter metafísico⁸¹ do conceito de história ligado à linearidade. Essa não-linearidade, apresentada tanto pela criação de narrativas não-hegemônicas, aparece no texto de Paola Jacques, como criação e invenção dos fantasmas modernos remetem aos dois eminentes personagens que fomentaram outras narrativas possíveis.

O primitivo sobrevive se transmutando em selvagem; cada fantasma, cada presença/ausência se transmuta, numa outra narrativa, no atravessamento e deslocamento de fronteiras e de limites, numa porosidade, num borrar das linhas que separam tempos e espaços. (...) anúncio de futuro possíveis. (...) apreendendo tempos perdidos e desconstruindo (JACQUES, 2020, p. 19-22.)

81 Metafísica é uma das disciplinas fundamentais da filosofia que examina a natureza fundamental da realidade, incluindo a relação entre mente e matéria, entre substância e atributo e entre necessidade e possibilidade. In: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Metaf%C3%ADsica>>.

Por fim, tem-se o Arroio Fantasma. Talvez durante os encontros em um território água de outras temporalidades, eu estivesse existindo na margem fantasma do arroio. E se eu fosse água? E se fosse uma parte de mim que tivesse sido enterrada? Me enterraram viva, acharam que eu não iria continuar fantasma da minha própria memória. (Relato da cartógrafa - caderno de campo)

Durante o percurso, as ruas eram sem saída, encontrei vários muros antes de entrar. Muros se manifestam como barreiras físicas e mentais. Um obstáculo palpável, opaco e material. Muros que dividem a propriedade, privada e pública, que separam o *dentro* do *fora*. De repente, me deparo com um portão aberto, a sensação de surpresa misturada com curiosidade faz o meu corpo vibrar, os muros cinzas de uma paisagem limitante querem ser ultrapassados da repetição. Várias rodas de conversa preenchem as ruas, movimento, pulsação, é dia 2 de fevereiro, dia de Iemanjá, feriado na cidade. Antes de seguir com o impulso e ultrapassar o portão, sou puxada para conversar com algumas mulheres sentadas em suas cadeiras de praia na calçada, coisa que só vejo em Pelotas. Quero mais pistas, começo a perguntar sobre o Arroio, pergunto se tem gente que mora ali dentro, começam a contar sobre a história do miolo de quadra, propriedade do dono da PentaAgrícola, deputado. Falam sobre a configuração da quadra, anteriormente a entrada era pelo outro lado. Peço licença para entrar, elas me respondem como se eu já fosse de casa.

Um corpo quadra, formado por muros construídos de *dentro* para *fora*. Mesmo depois de atravessar os portões de entrada e saída os muros se reafirmavam na repetição, entretanto, dessa vez, a vegetação se sobressaía. Arvoredos ultrapassam o limite do muro *entre-lotes* e transbordam para o *outro-dentro*, se fazendo visíveis, presentes, vivos e invasores. Ultrapassando os limites físicos existentes carregando intrinsecamente a mudança, a liberdade e abertura como caminhos alternativos para um novo domínio de vida que está muito além da polarização público-privada. Já havia sido capturada por essa vegetação mais densa, todas as vezes que eu passei pela Av. Duque de Caxias e via, ao longe, distante, um verde estremecido, quase borrado. Agora ali, diante de mim, mais próximo mas parcialmente separado pelo muro, vazava texturas de variados tons de verde acompanhando o movimento dos ventos.

Moradia de trabalhadores, comunidade ou grupo fechado, às casas, separadas por uma parede, eram dispostas lado a lado numa construção contínua e de telhado único, datam da década de 60, eram casas destinadas aos operários da fábrica na Av. Duque de Caxias, localizada na mesma quadra e no lote ao lado, a repetição na arquitetura marca a expressão de um tempo mecanizado.

A consonância entre duas realidades distintas manifestas em paisagens baldias. Existe uma energia expectante que só é encontrada naquilo que está incompleto, ou ainda, na latência de um campo em devir que precisa ser revelado e ampliado em escalas cada vez maiores. De

um lado o arvoredo e a conexão com o antigo leito, árvores que nascem e o capim que cresce e se movimenta no sentido dos ventos uivantes. As gramíneas dispostas sobre o solo eram como pintura naquele miolo de quadra amplo e sem árvores. Sentia o chão como se estivesse caminhando em capins de vigorosas pinceladas, estava em um quadro. Já havia presenciado aquele vento moldando o meu chão em outras territorialidades, pasma e absorvida por aquela sensação, mergulhei nos sons das gramíneas e dos pássaros que transitavam no céu e conduziam os ritmos do entardecer em Pelotas. O céu amplo era uma imensidão.

(Aurélio) **“Plantas invasoras, ervas más, plantas daninhas, plantas silvestres, plantas rudes, inços, mato e juquirá são alguns dos sinônimos das chamadas “ervas daninhas”, as quais incluem os capins. Capim, por sua vez, é a designação genérica das gramíneas silvestres e palavra que tem origem no tupi (ka+píi, ou “folha delgada”). São eles vários: capim barba-de-bode, capim-açu, capim-agreste, capim-amonjeaba, capim-amargoso, capim-azul, capim-balça, capim-bambu, capimpuba, capim-bodó, capim-branco, capim-catingueiro, capim-cheiroso, capim-de-burro, capim-de-cheiro, capim-do-pará, capim-elefante, capim-flecha, capim-gordura, capim-guiné, capim-jaraguá, capim-limão, capim-marmelada, capim-memba, capim-mimoso, capim-sapé, capim-trapoeiraba, etc. A maioria dessas espécies tem a inflorescência em espigas, as folhas lineares, agudas e recurvadas e a haste filiforme. Os capins são indesejados, invasores, forrageiros e provavelmente constituem a maior parte da área verde das cidades. São arrancados por jardineiros, coletados por lixeiros, queimados por incendiários e odiados por paisagistas.** (TEIXEIRA, 2010, p. 113, grifo da autora)

A força do vento impõe a estética do frio de Vitor Ramil em SATOLEP. O arquiteto e artista Carlos Teixeira, em seu livro *Entre* (2010), ao romper a lógica de contabilização das taxas de áreas verdes por habitante, evidencia a possibilidade de incluir os capins como áreas verdes por habitantes. Nessa perspectiva, as cidades não seriam tão cinzas como se apresentam as estatísticas.

Na taxa de área verde por habitante das secretarias municipais do meio-ambiente, os capins não são computados, fato que deturpa a taxa real e acentua ainda mais o déficit de verde urbano por habitante. **A quantidade de oxigênio liberada por 10 touceiras de capim-gordura pode ser comparada à de um ipê amarelo adulto, por exemplo.** Dado que representam (especulativamente) 40% da clorofila urbana, então eles produzem 40% do oxigênio do verde urbano, o que é uma porcentagem nada desprezível. **Devemos a qualidade de nosso microclima urbano, feliz ou infelizmente, aos capins.** (TEIXEIRA, 2010, p. 127, grifo da autora)

As espécies vegetais espontâneas, nas quais os variados tipos de capim se inserem, estão nas áreas públicas residuais, funcionam como lugares de compensações e mitigações para um crescimento urbano descontrolado referentes à intervenções radicais como viadutos, pontilhões, trevos e pontes. Em áreas privadas estão abandonados à deriva, à dinâmica da “natureza urbana” em lotes fechados e abertos, nas canaletas das ruas, e por todas as frestas possíveis de calçadas, muros e telhados.

A propagação dos capins, de acordo com Teixeira(2010), acontece por meios vegetativos sexuais, alguns por meio de rizomas, outros por estolões ou por tubérculos, sendo sua reprodução nunca assexuada. A maioria dos capins são originários da Europa e da Ásia e suas sementes são viajantes.

As sementes de capim geralmente não germinam logo após sua maturação, vindo fazê-lo muitos e muitos anos mais tarde devido à faculdade de “hibernação temporária” da semente. **Assim como um vírus, uma semente de capim pode ficar anos e anos na espreita, pacientemente à espera de uma oportunidade para vingar sua espécie.** (TEIXEIRA, 2010, p. 127, grifo da autora)





Figura 56: Miolo de quadra.
Fonte: Da Autora, 2022.

“O ato de ver se se manifesta ao abrir-se em dois” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 29). O acesso que se tem dos dois lados da rua preenchem o espaço como se indicassem campos de força atravessados por tensões. Alteridade, rastro e destruição? Destruição de uma cidade cinza, entulhos de construção civil de uma cidade residual. Caçambas em um cenário construído no cotidiano urbano, impacto e surpresa.

Entulhos e resíduos da construção civil é o que se tem do outro lado. Fragmentos de realidades distintas que coexistem, coexistência de abandonos, de desapareços ou de coisas qualquer. São espectros em um *friche urbain e/ou terrain vague*, manifestos em fotografia registram um tipo específico de abandono, um cenário, uma paisagem que emerge de *dentro* da cidade.

Na extensão do caminho de areia estavam dispostas de modo aleatório, amontoados de diferentes materiais, tijolos cerâmicos, telhas, gessos, resíduos de construção civil como um todo. Do lado de *fora*, ALUB – Coletora de entulhos, o serviço de coleta é utilizado para a limpeza de construções de alvenaria (RRC- resíduos de construção civil), principalmente, mas não se resumem a isso. O serviço de coleta de entulho funciona com o transporte de resíduos de um determinado lugar até o local de descarte e aterramento, usualmente em um aterro sanitário. A remoção de entulhos é realizada por empresas especializadas em recolhimento de entulho, entulho de obras, lixo, além de tipos de resíduos.

A ALUB é uma coletora localizada em Pelotas-RS. Tais empresas podem oferecer serviços de coleta seletiva (separação em grupos dos materiais recicláveis), reciclagem de resíduos (direcionamento para um centro destinado ao reaproveitamento de entulho) e o aluguel de caçambas (para a coleta e remoção de entulho). A locação de caçambas é feita através da contratação de uma empresa que disponibiliza uma caçamba estacionária por um determinado período de tempo, após esse período a empresa recolhe a caçamba estacionária com todo o entulho que foi depositado nela durante o período de aluguel. Esse serviço possibilita a destinação do lixo e a transformação de resíduos sólidos.

Ricinus communis

A **mamona** (*Ricinus communis*) é uma das melhores e mais interessantes traduções do encontro entre o magenta e o verde. (A planta é perene, arbustiva, muito ramificada, de caules glabos e fistulosos, com dois a três metros de altura, e de origem provavelmente africana). **A vegetação dos lotes vagos, por incluir comunidades vegetais espontâneas, desempenha papel fundamental na manutenção da diversidade da flora e fauna das cidades** (entre outras importâncias menos técnicas). Mas nenhuma planta confunde mais cidade e campo, magenta e verde, ecologia e anti-ecologia, que a mamona. **Uma condição quase ubíqua para seu estabelecimento é a presença de entulhos - aliados a fatores como alta luminosidade, temperatura elevada e médio a alto grau de trofismo** - a ponto de, em certo modo, **a planta servir como indicador de áreas onde ocorreu a deposição de lixo e**

entulho de construção. Por ser uma espécie que gosta de cálcio (concreto, brita), as comunidades de mamona formam micro-ambientes propícios à colonização e além disso denunciam, de um jeito ambíguo, a existência no solo da substância essencial das cidades. Ou seja, **o verde da mamona denuncia e alimenta-se de magenta: cimento, tijolos, areia e brita.** (TEIXEIRA, 2010, p. 127, grifo da autora)

Em meio aos entulhos, brotações podem existir, o que remete a intervenção realizada pela artista e pesquisadora Márcia Sousa, com a proposição artística apresentada no Caderno 2 de sua tese de doutorado⁸² “Uma casa que brota” (2016). A autora une a escrita poética para o florescimento de narrativas entrópicas. Neste trecho, permeados pela noção de casas não habitadas, o abandono e, possivelmente, o estado de ruínas aparecem concomitantemente com as brotações espontâneas.

A artista constata que as casas reais e ficcionais ao deixarem de ser olhadas e percebidas entram em entropia. Esse estado de ruína apresenta-se como efêmero e transformador. A obra de Márcia transita entre a efemeridade e questiona como reter o tempo em breves instantes de vida ou de existência em meio às frestas, seja no interior das casas abandonadas ou não: “passaram a ocorrer surpreendentes encontros com casas e lugares que brotam. Passei também a percebê-los. Algumas dessas casas brotam no abandono. Imersas no tempo que passa, tornam-se solo” (SOUSA, 2016, p. 73).

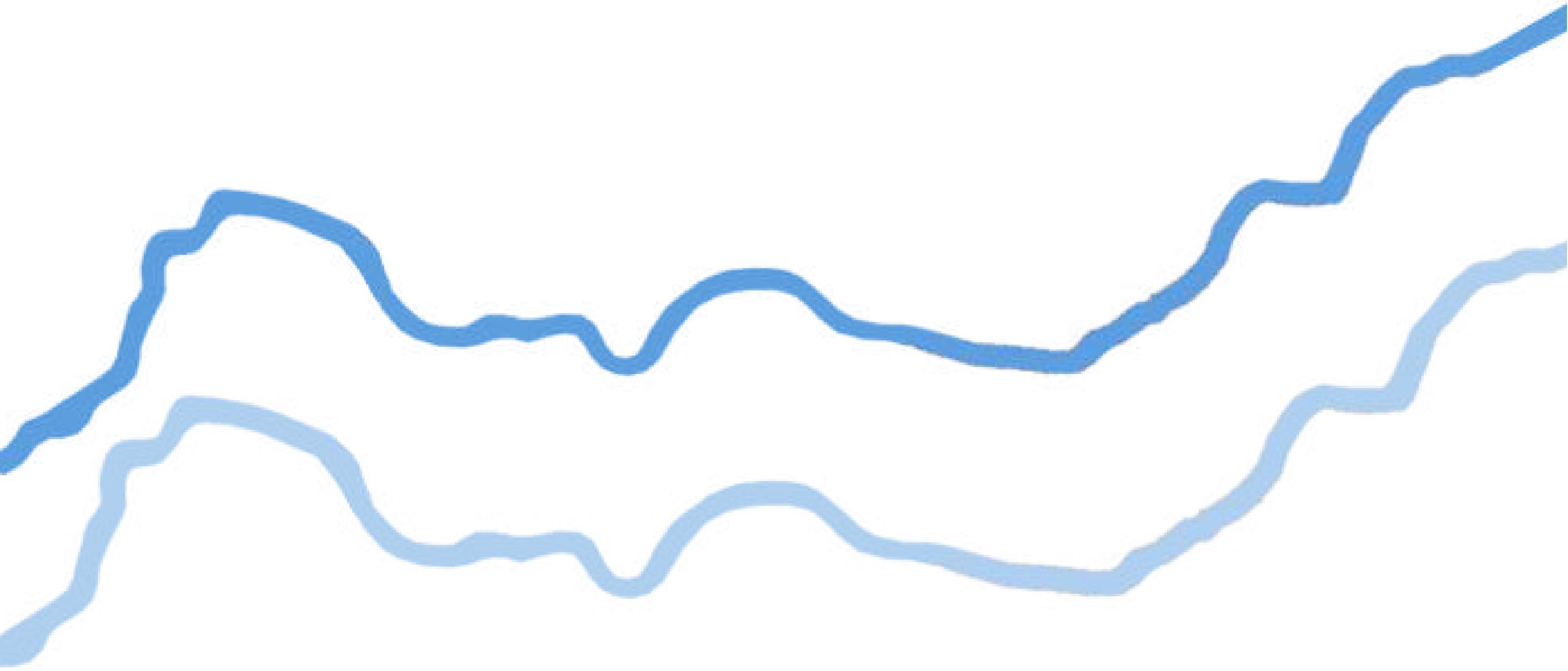
O solo aparece como suporte para o habitar existencial de um corpo. A fresta dá espaço ao brotamento de uma natureza selvagem e fluida, compartilha “a vida que se propaga no interior e no exterior” (SOUSA, 2016, p.76). As intervenções evidenciam o fato de que, por vezes, as casas vão abaixo e com o tempo germinam, mesmo entre as ruínas, reativando o potencial de vida ainda pulsante com um novo olhar sobre elas.

⁸² A tese de doutorado da pesquisadora-artista é intitulada “Retar o breve de casas que brotam, desenhos que proliferam e coletas que tocam o tempo” (SOUSA, 2016).

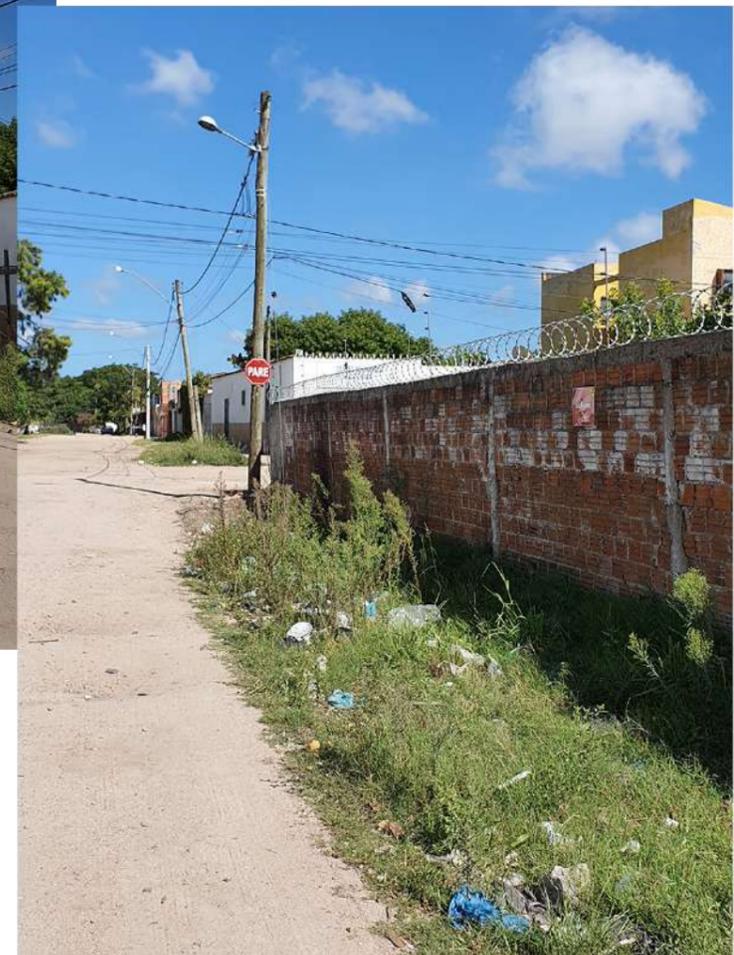
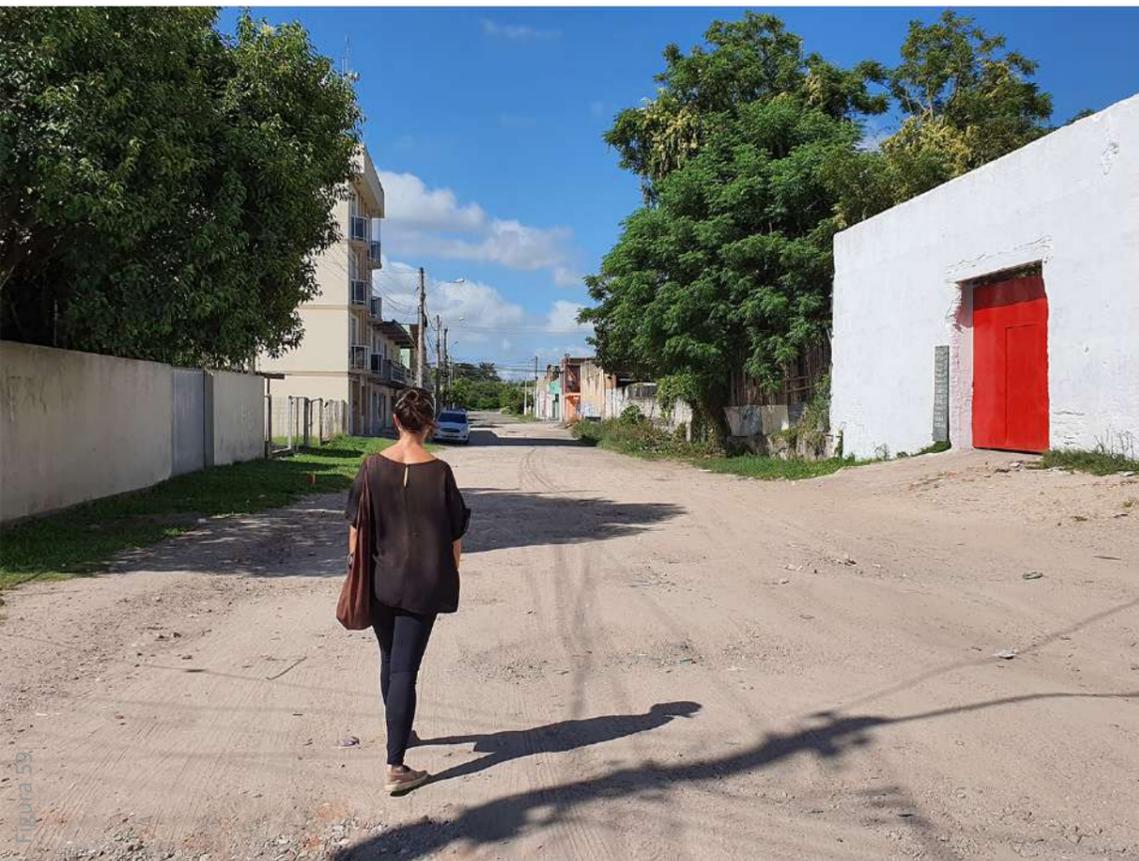


Figura 57 e 58: Intervenções em desenho em casas abandonadas, 2014. Avenida Dom Joaquim, Pelotas, 26 de novembro de 2014. Desenho a caneta sobre azulejo e sobre vidro. Fotografia: Vítor Pavan. Fonte: SOUSA, 2016, p. 142.





sobre o
CAMINHAR



MULHER
na cidade

A escritora estadunidense e crítica feminista Rebecca Solnit, em seu livro “A história do caminhar”, apresenta um capítulo intitulado: Caminhadas depois da meia-noite: mulheres, sexo e espaço público (2020). O texto discorre sobre a perspectiva de liberdade espacial e sexual em meio a contextos de vida pública e espaço urbano. Nesse contexto, os aspectos que envolvem a arquitetura e o urbanismo são ressaltados e considerados nos modos de existir e resistir das mulheres em épocas distintas.

A perspectiva de que a subordinação da mulher se originou ao mesmo tempo em que a propriedade privada e a família em um período em que os seres humanos deixaram de ser nômades e se fixaram em povoações agrícolas, aparece no pensamento do filósofo Engels e é pontuada no livro: “Nós, mulheres”, de Rosa Montero (2020), auxiliando-a na tessitura de argumentos para a sua crítica.

De acordo com o historiador da arquitetura Mark Wiggins (1992, p.335 apud SOLNIT, 2016, p.392), no pensamento grego antigo havia uma diferença entre o autocontrole interior das mulheres e dos homens. O “autocontrole” que era atribuído aos homens como sinal de masculinidade, remetia a manutenção de limites seguros, ou ainda, a rigidez de ações impulsionadas por aspectos racionais. Tais limites não podiam ser mantidos por uma mulher, já que a própria sexualidade fluida inerente a ela, transbordava e os rompia espontaneamente. A sexualidade feminina era vista usualmente como caótica, ameaçadora e subversiva, remetendo a uma espécie de “natureza selvagem a ser subjugada pela cultura masculina”.

Nesse sentido, Wiggins coloca que o papel da arquitetura seria de controlar de maneira explícita a sexualidade feminina, seja preservando a castidade da moça, ou ainda, a fidelidade da esposa. Nas palavras do autor: “a casa protegia os filhos das intempéries, mas seu principal objetivo era proteger as pretensões genealógicas do pai ao isolar as mulheres de outros homens” (WIGGINS, 1992, p.335 apud SOLNIT, 2016, p.392).

Além disso, Solnit apresenta o pensamento histórico que construía uma realidade urbana e de vida pública para as mulheres do século XIX, que “muitas vezes foram retratadas como excessivamente frágeis e puras para o mar de lama da vida urbana e se viam comprometidas quando saíam à rua sem um propósito específico” (2016, p.393). As heranças culturais estruturais interferem na liberdade de movimento das corporeidades e manifestam padrões que violam o direito das mulheres de andar pela cidade.

A leitura da paisagem urbana se constituiu pela valorização de narrativas hegemônicas, compreendendo a paisagem urbana como um processo de movimento de diferentes períodos históricos que contribuíram para a configuração atual das cidades em que vivemos. A autora Rosa Montero (2020) aponta a Revolução Industrial como um fator que impactou diretamente as atribuições usuais das mulheres ao propor uma reconfiguração de papéis específicos (como por ex. o saber ancestral de ervas medicinais para o cuidado com a saúde da família, o cultivo

de hortas e animais, a confecção de roupas) em um momento em que a população urbana crescia e o solo urbano ficava cada vez mais impermeabilizado, acarretando na redução do cultivo de hortas e animais para subsistência. Nesse momento, a saúde passou a ser domínio dos médicos.

Se caminhar é um ato primordialmente cultural e uma maneira crua de existir no mundo, aquelas que se viram incapazes de caminhar até onde seus pés levassem foram privadas não só de exercício e recreação, mas de uma boa parte de sua humanidade. (SOLNIT, 2016, p. 406)

No livro Cartografias e Devires: a construção do presente(2003), o capítulo escrito por Tania Mara Galli Fonseca, a Cidade Subjetiva, apresenta a perspectiva do urbano semelhante a um modo de encontro, de convergência e divergência entre os elementos da vida social: coisas, pessoas e signos. A realidade da cidade ganha espessura de sentidos atrelada à memória de seus habitantes. As temporalidades distintas se compõem em montagens específicas de narrativas diversas as quais possibilitam conceber a imensa casa, o lugar em que se mora como uma máquina de subjetividade individual e coletiva, tramada como um território específico no qual se cruzam questões de âmbito econômico, social e cultural. Visto que o porvir da humanidade está indissociável do devir humano, os corpos não estão meramente dispostos na cidade, mas a habitam e são sustentados por ela, uma cidade subjetiva, morada, universo referencial no qual os territórios existenciais são construídos, territórios que acolhem ou repulsam corpos diversos.

Ítalo Calvino nos coloca que, assim “como os sonhos, as cidades são construídas por desejos e medos”(1990, p. 44), um emaranhado de tensionamentos entre a racionalidade geométrica e as existências humanas. A grande complexidade da cidade remete a uma modalidade de topografia existencial praticada e produzida pelas caminhantes ao andar, geradora de relatos sensíveis de imersões ou viagens no qual revela uma ordem do (in)visível, daquilo que ainda não foi capturado pelo discurso, entretanto, nos suscita a existência de códigos, linguagens e regimes de poder hegemônicos, contra-hegemônicos, ou ainda, subversivos.





Figura 60: Mapa das estações de intensidades.
Fonte: Google Earth e intervenção da Autora, 2022.

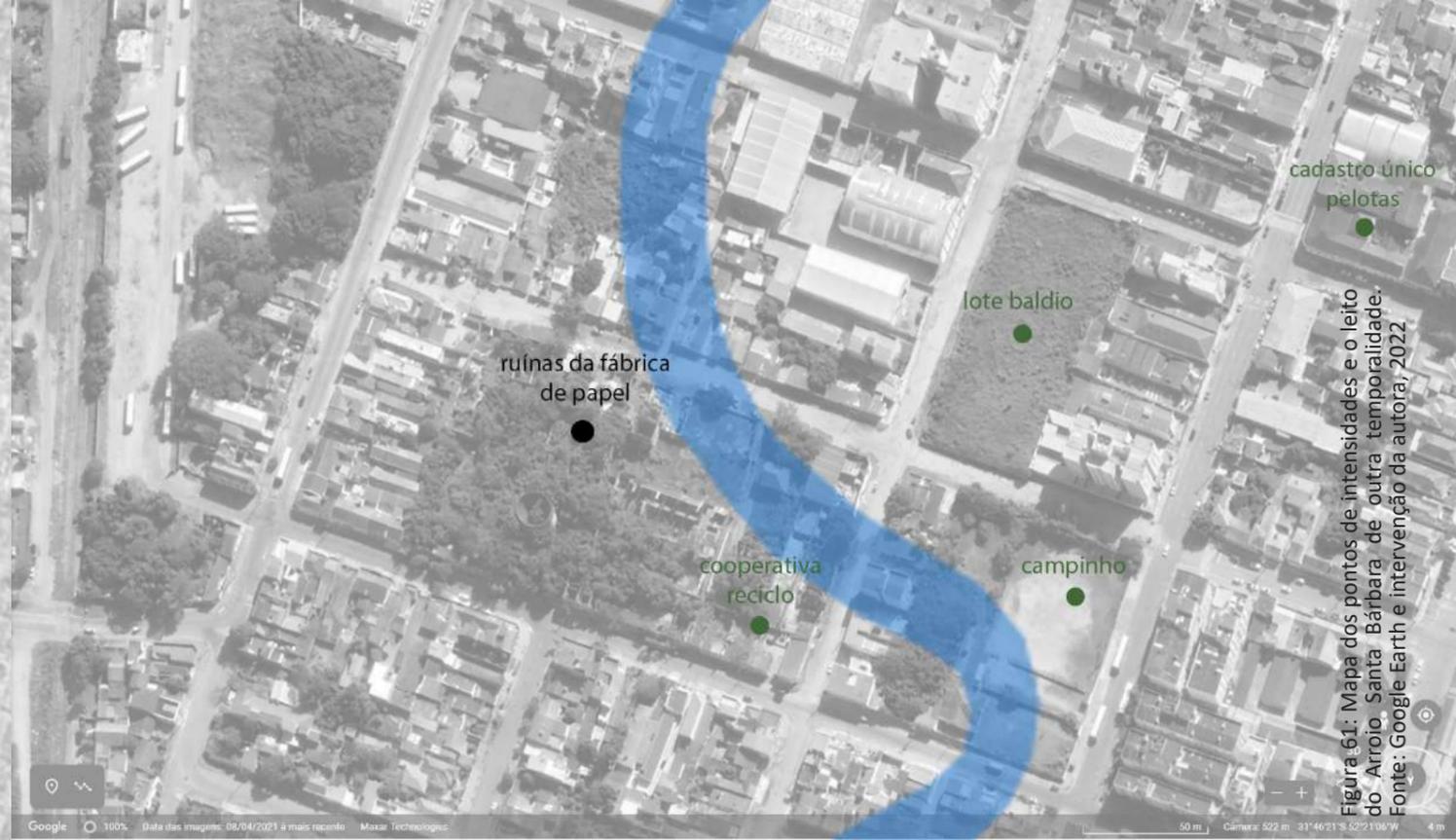


Figura 61: Mapa dos pontos de intensidades e o leito do Arroio Santa Bárbara de outra temporalidade.
Fonte: Google Earth e intervenção da autora, 2022.



Figura 62: Recorte do mapa de Pelotas de 1995, enfoque para o miolo de quadra com poucas árvores.
Fonte: Geopelotas, 2022.

AS RUÍNAS DA FÁBRICA DE PAPEL: uma arquitetura do abandono em devir terceira paisagem

Onde eu nasci e me criei: Rodrigues, dobra na rua Uruguai. Terça e quinta queimava aquele fedor. Para queimar celulose, era um fedor que a cidade não aguentava, aquele tanque amarelo. Dobra e duas quadras para lá, na rua da padaria, Mercopão que era Saraiva. Fica pela calçada de cá, quase defronte, 2297. Da minha casa para lá começa a Fábrica de Papel, contam que tem fantasma lá. De noite diz que tem um cara com uma pastinha subindo as escadas, para mim eram os cobradores de ureia.

Tem gente que mora ali, tem gente ali, padel – é paintball. Portãozinho verde que onde é que tem aqueles troços que diz que bate ali, tu ali não tens outros companheiros? Ali tem uma vila, a Caatinga, fica mais para lá um pouco, mas ali tem muito craquero, drogado, marginal, ladrão, é melhor tu pegar e

Fui levada até lá, a partir dos afectos, às forças do campo, essa história do *ser mulher na cidade*. Trata-se da dimensão política dos corpos ao caminhar, e dos deslocamentos que se operam pela subjetividade. As histórias que me vinham, o saber me portar e saber os limites estabelecidos a partir de conversas com homens, locais perigosos. Anastácia e Valentina foram as únicas mulheres que eu encontrei no campo e que me passaram uma visão diferente sobre aquele território ainda não transpassado. Anastácia morava lá, e, segundo ela, pessoas boas moram lá. Valentina, a cartógrafa-antropóloga que me acompanhou na cartografia caminhada até o Braço Morto do canal Santa Bárbara, além de excelente caminhante, já havia morado nas proximidades, em outros tempos, nos quais a memória ainda resistia como duração.

Não havia chegado até essa estação na caminhada anterior que aconteceu em 2021. Conversei com os mecânicos, Paulo e João, e falaram-me sobre o Sr. Surdina, pessoa muito conhecida no bairro, aparecia toda a manhã, por volta das 9 horas, para dar comida para o cachorro na esquina da Rua Manduca Rodrigues com a Rua Dom Pedro II. Já tinha procurado ele outros dias, ligado⁸³ inúmeras vezes, mas parece que nada adiantou, esse encontro não aconteceu. Antes disso, fui bater palma na boate que é propriedade do Sr. Surdina, ali mesmo, na Rua Manduca Rodrigues. Não via nem sinal de pessoas habitando aquele espaço, portas fechadas com cadeados. Ele não estava ali, a cartógrafa já pressumira desde a sua chegada que se deu pelo encontro com os portões trancados. Mas mesmo assim, insistia e batia palmas continua-

83 Da última vez que liguei para o Sr. Surdina ele me disse para ligar na quinta. Quinta de manhã, liguei e ele apenas falou: Tive um problema com o Inominável. Naquele dia eu não sabia que ele estava em Pelotas, mas, sim, ele estava. Espero que o problema do Sr. Surdina assim como o da maioria dos brasileiros tenha sido o próprio ser Inominável.

mente, o chamava pelo nome como se alguém fosse atendê-la.

Parecia que tudo tinha sido em vão, mas talvez não. Anastácia apareceu cutucando a cartógrafa pelo ombro, veio conversar comigo, mulher negra, estava utilizando máscara, ainda estamos em tempos pandêmicos. A sua gentileza me contagiou. Falou que tinha visto eu ali, a chamar o Sr. Surdina por algum tempo e sabia que ele e nem ninguém iria me atender. Comentou que, assim como os mecânicos, também conhecia o Sr. Surdina e me disse que ela morava ali na rua detrás, Rua Uruguai. Indicou a Antiga Fábrica de Papel como referência, as vozes do campo ainda não haviam me falado desse lugar. Ela me falou: tem muita gente boa ali. Muitos moradores antigos ainda habitavam o bairro, ainda considerado como central. Como acessá-los?

Depois disso, saiu junto com a sua risada gostosa de ouvir. Andava rápido. Sem entender direito a situação, continuo onde estou por um breve instante e, em um impulso, começo a segui-la, mas ela andava muito rápido, parece que foi ficando cada vez mais longe, distante, tentei chamar mas minha voz não saía, o ritmo dos meus passos diminui. À medida que a distância foi criando espaço entre nós, o território me repulsa, meu corpo não conseguia seguir e meus pés não obedeciam o meu comando.

A cartógrafa já não tinha domínio sobre o próprio corpo, o território manifestava suas próprias forças como em um campo magnético⁸⁴, há territórios que acolhem, aproximando-nos, e há territórios que repulsam, assim como as cargas⁸⁵ iguais dos ímãs. Lá pelas tantas, não conseguia mais vê-la e o medo tomou conta do meu corpo, tinham me falado, não vá para lá sozinha, não é legal. Anastácia me disse o contrário e ela estava confiante disso, o que me deixou confiante também, mas essa barreira não me deixava seguir a diante.

Os passos automaticamente mudaram de direção, entrei na Rua Três de Maio, mesmo assim, ainda permanecia a intenção de acompanhá-la para que ela pudesse me apresentar aos antigos moradores, outros personagens ritmados que continham paisagens de outras temporalidades na memória. É preciso saber sentir o campo. Sigo até a metade do quarteirão, encontro com uma moradora de um prédio, havia dois cachorros na rua. Ela estava saindo de casa, eu a abordei me apresentando e perguntando se conhecia alguma história sobre o Arroio Santa

84 Campos magnéticos cercam materiais em correntes elétricas e são detectados pela força que exercem sobre materiais magnéticos ou cargas elétricas em movimento. O campo magnético em qualquer lugar possui tanto uma direção quanto uma magnitude (ou força), por tanto é um campo vetorial. In: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Campo_magn%C3%A9tico> Acesso 07.08.2022

85 Convenciona-se a existência de dois tipos de carga, a positiva e a negativa, sendo transportada por partículas subatômicas. Na matéria comum, a carga positiva é transportada por prótons e as cargas negativas transportadas por elétrons. Cargas semelhantes se repelem, enquanto cargas opostas são atraídas. Um corpo que está carregado eletricamente, possui uma pequena quantidade de carga desequilibrada ou carga líquida, ou seja, se houver mais elétrons do que prótons em um corpo, ele estará carregado com carga negativa; se houver menos elétrons no corpo, ele terá uma carga positiva. Quando há igualdade ou equilíbrio de cargas num corpo, diz-se que está eletricamente neutro, ou seja, está sem nenhuma carga líquida para interagir com outros corpos. In: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Carga_el%C3%A9trica>. Acesso 07.08.2022

Bárbara. Ela era estrangeira, como eu, não conhecia os moradores mais antigos da rua ou do quarteirão.

A cartógrafa continuou o percurso, se lembrou da máxima dos “stalkers” de não voltar para trás, só se for de uma outra maneira, de trás para frente, de costas, sentindo diferente e experienciando a paisagem por uma outra perspectiva. Voltei de costas para frente e vi diferente. Em meio a rua Três de Maio, paredões dos dois lados da calçada afunilam a minha visão, um muro cor de ocre com duas janelas estreitas bem no alto e uma sequência de três prédios coloridos se destacam, a cartógrafa vê formas e cores depois de sentir medo.

Voltei para conversar com o Sr. João, o mecânico. Ele estava com um amigo, antigo morador de Pelotas, contaram várias histórias e, sem que a cartógrafa perguntasse, começaram a falar sobre a Antiga Fábrica de Papel. Dizem que à noite há ainda fantasmas lá dentro, que a antiga fábrica é abandonada. Dentro dos galpões onde ficavam os escritórios, lendas urbanas, histórias que refletem o imaginário urbano da cidade. A história do Arroio que foi construída a partir de fragmentos contados por moradores locais, apresenta um imaginário urbano ainda recortado. O mesmo leito conecta diferentes realidades, o meio, as pontes e o entre bordas. Uma linha, um curso d’água. A tomada do selvático na Antiga Fábrica de Papel abre espaço para a criação de outras realidades possíveis, imagináveis e inimagináveis, nas ruínas que persistem em assombrar o presente.

Qualquer ruína é mais misteriosa que um edifício bem conservado, assim como determinadas arquiteturas ficam bem melhor depois de solapadas pela condição de construção que não merecia persistir. (...) o desgaste dos pisos, os muros envelhecidos, as paredes com tons já esmaecidos, a ferrugem e demais resquícios da passagem do tempo são marcas que podem enriquecer e humanizar mesmo a mais desumana das arquiteturas, mesmo a mais inóspita das cidades. Difícilmente um projeto leva em consideração o que o tempo pode trazer de bom para ele, e é exatamente por isso que os arquitetos preferem fotografar seus edifícios quando recém-inaugurados, de preferência sem a presença qualquer ser humano. (TEIXEIRA, 2010, p.119)

No dia seguinte as pesquisadoras-cartógrafas se encontram no estacionamento do POP Center, quase em frente a ponte de pedra e, em meio as caminhadas. Tinha em mãos as fotografias antigas de uma Pelotas de outro tempo, era um mapa fotográfico que registrava o leito original do Arroio.

Continuamos na Av. Saldanha Marinho quase três quadras até dobrarmos na Rua Gen. Telles, semi contornando o quarteirão, seguimos a Rua Barão de Santa Tecla observando os miolos de quadra repletos de remanescentes vegetais. Avistamos as ruínas da Fabres, de acordo com as vozes do dia anterior, o lote em L só poderia ser acessado por meio da imobiliária, portadora das chaves do imóvel.

Compartilhei o mapa fotográfico, atravessamos a Rua Dom Pedro II e seguimos dobrando a Três de Maio, como se estivéssemos andando em zig-zag, as interioridades dos miolos de quadra davam o fluxo da nossa caminhada. Já estive ali, em 2020 quando avistei uma fogueira na porta de entrada. Na época, não consegui ultrapassar aquele terreno murado de meio quarteirão localizado entre a Rua Três de Maio e Rua Gomes Carneiro na Rua Barão de Santa Tecla. Tem fogo ali, assim como na Fabres, marcas e vestígios do fogo nas portas de entrada. O fogo aquece as noites frias de inverno. O atual lote baldio (Figura 65) abrigava uma ocupação em 2019, quando o solo ainda era o abrigo das plantas espontâneas, comunidades vegetais, arbustos e arvoredos (Figuras 63 e 64). Isso aconteceu depois que o Cadastro Único se deslocou para um prédio da esquina com a Rua Marechal Deodoro.

Atualmente, a porta fechada, as cercas-elétricas e as concertinas se sobressaem e transbordam um abandono hostil. Sem a vegetação densa e sem seus moradores, a paisagem emergente rompe com a sucessão ecológica suscitada por um devir terceira paisagem e sugere um abandono como ideia de movimento.



Figura 63



Figura 64

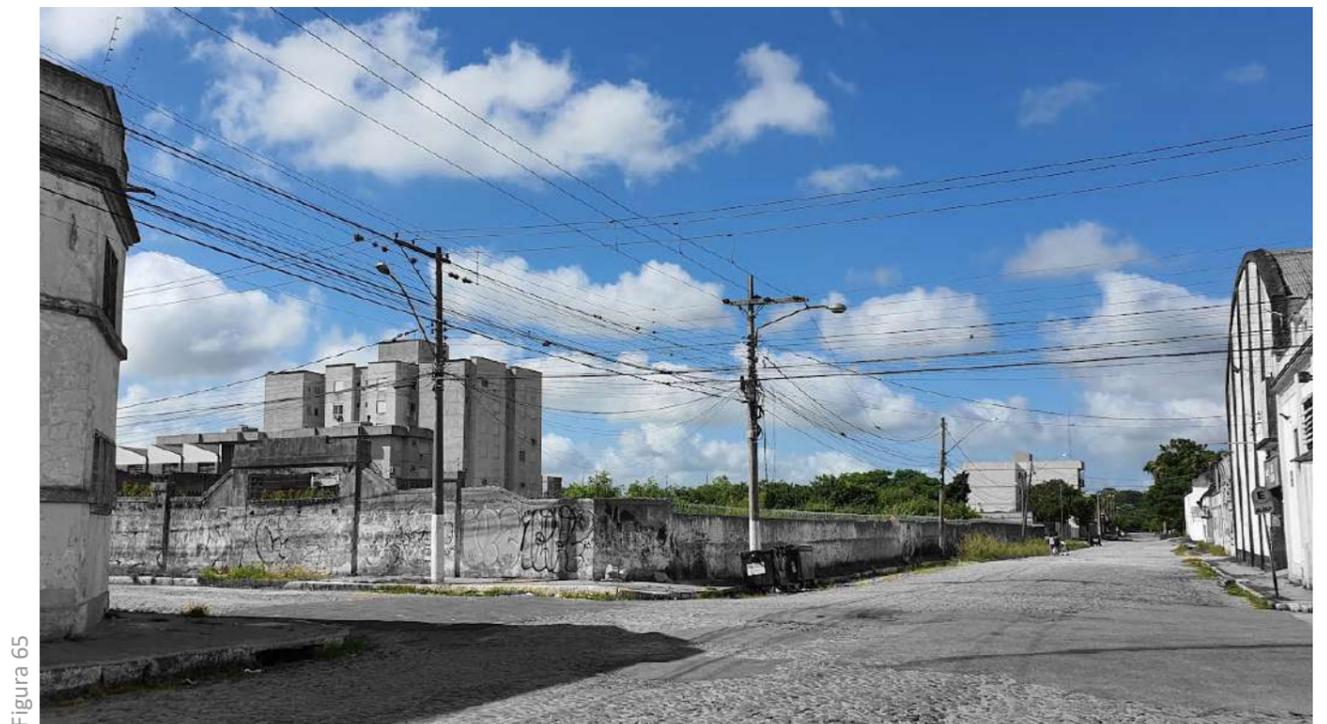


Figura 65

Figuras 63 a 65: Lote Baldio entre as ruas Três de Maio e Gomes Carneiro na Rua Barão de Santa Tecla. Fonte: Da autora, 2022. Google Street View, 2019.

Os miolos de quadra são “reservas biológicas” nas quais as plantas espontâneas brotam e são acolhidas, ora em estacionamentos que funcionam sobre o antigo leito, ora em lotes não construídos, ora em ruínas.

Mais alguns passos e o prédio azul de esquina se manifesta com sua materialidade, vejo algumas pessoas em filas. O restaurante popular estava funcionando ao lado, eram aproximadamente 10 horas da manhã.

Figuras 66 e 67: Rua Barão de Santa Tecla. Fonte: Google Street View, 2019.



Em um dado momento, as cartógrafas caminhanteres chegam à antiga fábrica de papel, estava em ruínas, uma ruína que não expulsa mas acolhe, acolhe a terceira paisagem ou ao menos um devir terceira paisagem. Nas ruínas encontram o selvático. Logo na entrada, duas ratazanas enormes parecendo duas lebres saltitantes nos dão o ar da graça. É assim que as ruínas a recepcionaram, expressando a resistência desses territórios, o abrigo, o refúgio, um tipo específico de acolhimento no abandono. Um acolhimento não-especista e temporário.

A terceira paisagem vai de encontro com a crítica em relação à cultura do desperdício, utilizando os lugares abrigos como abertura e possibilidade de transformação da visão. O abandono acolhe outro abandono, entremeado pelo conceito de rizoma, amplo, aparece como uma costura, espécies vegetais e animais se conectam em uma rede. Cenário urbano em decadência no miolo de quadra secreto. Um cenário que molda uma territorialidade distinta. Uma camada de territorialidade que se sobrepõe e coexiste com outras, de diferentes tempos. Não seria possível a visita se o jogo de *paintball*⁸⁶ estivesse acontecendo, foram as palavras daquele que cuida do espaço, cultivando o abandono selvático para oferecer a experiência de imersão

86 “No final dos anos 60, alguns engenheiros florestais americanos, utilizavam uma pistola de tinta para marcar as árvores que seriam derrubadas. Mas algumas árvores estavam em locais de difícil acesso, como o outro lado de um rio. Para solucionar esse empecilho, os engenheiros preencheram drágeas de remédios com tinta e mudaram o sistema das pistolas, assim poderiam acertar as árvores a uma maior distância. Assim foram “inventadas” as marcadoras. Mas o esporte teve seu ponto de partida no início dos anos 80 onde 12 amigos pegaram essas pistolas marcadoras e fizeram uma brincadeira em que um pintava o outro. Esta brincadeira foi tão interessante que logo ganhou novos adeptos. E foi com essa “brincadeira” que foi inventado o esporte paintball nos Estados Unidos. No Brasil, o paintball chegou a São Paulo em 1990. Em 2010, estima-se que mais de 15 milhões de pessoas no mundo eram praticantes frequentes. No Brasil, cerca de 30 mil praticantes frequentes e, pelo menos 1 milhão já tiveram contato com o esporte.” In (<<http://www.daggerofhell.com/paintball.htm>> *appud* Rocha, 2010, p. 183)

completa aos participantes do jogo, o cenário não funciona sozinho, é como se fosse uma peça de teatro, quase como um simulacro, o jogo não funciona se não estivermos jogando. Dentre as inúmeras possibilidades, o jogo faz parte de um território existencial filosófico, imagético ou concreto e material, factual, oferece possibilidades de deslocamento, abandona conceitos já definidos e se abre para o reconhecimento de outras realidades em devir paisagem.

Em meio às espécies vegetais, carcaças de carros, um tipo de abandono acolhendo outro abandono. Patrimônio que se choca com a realidade construída, “patrimônio industrial”. A antiga caixa d’água utilizada na fábrica, aparece como elemento da paisagem das ruínas, um elemento imbricado na paisagem e coexiste por e com ela. Enorme com as paredes espessas de tijolos e com um formato cilíndrico por fora. A antiga Fábrica de Papel, assim como o Cur-tume e antiga Fábrica de Cerveja Brahma (atual prédio do Ministério da Fazenda/Delegacia da Receita Federal)⁸⁷, localizada antigamente à frente da ponte de pedra, utilizavam as águas do arroio para o funcionamento.

Nas Fábrica de Papel, um filhote de gavião foi visto na cumeeira do prédio em ruínas, pica-pau, tucano, saracura do banhado e outras diversas espécies de pássaros já foram avistadas ali. A identificação de algumas espécies de plantas contou com a colaboração da professora de biologia especialista em comunidades vegetais, Dr. Elen Garcia⁸⁸. Há amoreiras silvestres (*Rubus fruticosus* L.), ipês (*Handroanthus albus*), abacateiro (*Persea americana*), goiabeira (*Psidium guajava*), paineira rosa (*Ceiba speciosa*), pés de mamona (*Ricinus communis*), samambaias (*Nephrolepis exaltata*), aroeiras vermelhas (*Schinus terebinthifolius*), boneset (*Eupatorium perfoliatum*), taioba-brava (*Colocasia antiquorum schott*), entre outras espécies (Figuras 68 a 82) .

87 Em meio às conversas com os personagens ritmados do campo, existem galerias subterrâneas nessas áreas próxima a antiga Fábrica de Cerveja, que se conectam até o hospital da Santa Casa. As galerias labirínticas ocultas da cidade.

88 O primeiro encontro da cartógrafa com a professora Elen se deu em 2019, em uma oficina de identificação botânica que aconteceu no Centro Regional de Cuidados Paliativos (Cuidativa) da UFPel, prédio onde funcionava uma antiga laneira e foi adquirido pela UFPel em 2011. A parte do prédio ainda não reformada se encontrava bem deteriorada e, aos fundos, existia uma área baldia extensa, dizem que nas épocas de cheias, o leito do Arroio Santa Bárbara alcançava os fundos daquela propriedade e possibilitava a utilização de barcos para o deslocamento ao longo de seu curso.

Figura 69: Goiabeira. *Psidium guajava*. Frutífera. Medicinal. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 68: Samambaias. *Nephrolepis exaltata*. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 71: Não identificada. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 70: Planta do gênero ficus e Aroeira ao fundo (*Schinus terebinthifolius*). Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 73: Nespereira. *Eriobotrya japonica*. Árvore frutífera. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 72: Serralha. *Sonchus oleraceus*. PANC! Comestível e rica em vitaminas A, D e E. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 75: Paineira. *Chorisia speciosa*. Paineira é o fruto comestível. Medicinal. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 74: Amoreira. *Morus nigra*. Frutífera. Medicinal. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 77: Oficial-de-sala. *Asclepias curassavica*. É tóxica! Medicinal. Utiliza-se raízes e folhas. As folhas para cicatrização. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 76: Aroeira. *Schinus terebinthifolius*. Cascas e folhas secas contra febres, problemas do trato urinário, contra cistites, uretrites, diarreias, blenorragia, tosse e bronquite, gripes e inflamações em geral. Fruto se usa na culinária. Fonte: Da Autora, 2022.

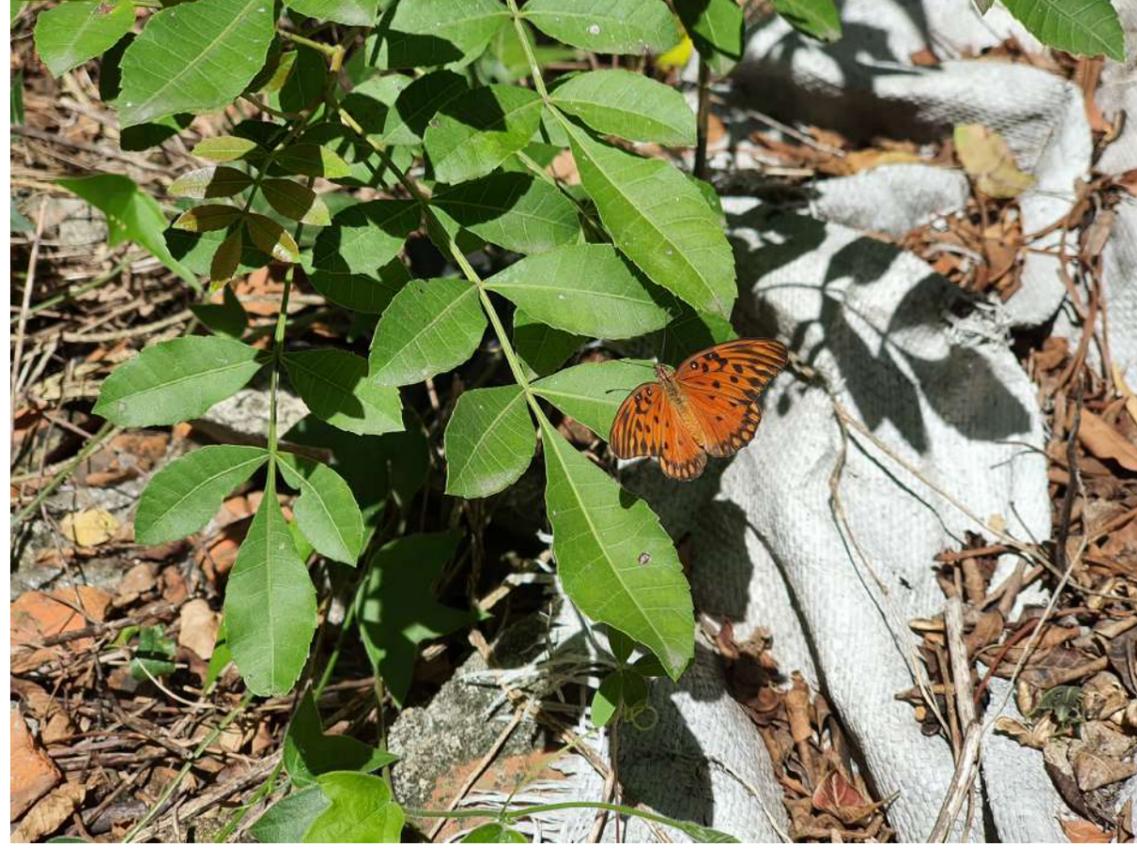


Figura 79: Quebra-Pedra. *Phyllanthus niruri*. Medicinal. Chá ajuda a eliminar pedras no rim. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 78: Fabaceae, família da leguminosas. Fonte: Da Autora, 2022.

Figura 81: Pitangueira. *Eugenia Uniflora*. Frutífera e PANC! Folhas e galhos jovens podem ser consumidos, boa para salada, chá para salada, chá combate a ansiedade. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 80: Joá-bravo. *Solanum viarum*. Medicinal. Antibacteriana, alívio de manchas na pele, urticária e furúnculos. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 82: Taioba-brava. *Colocasia antiquorum schott*. Tóxica. Pode ser confundida com a Taioba comestível. Fonte: Da Autora, 2022.



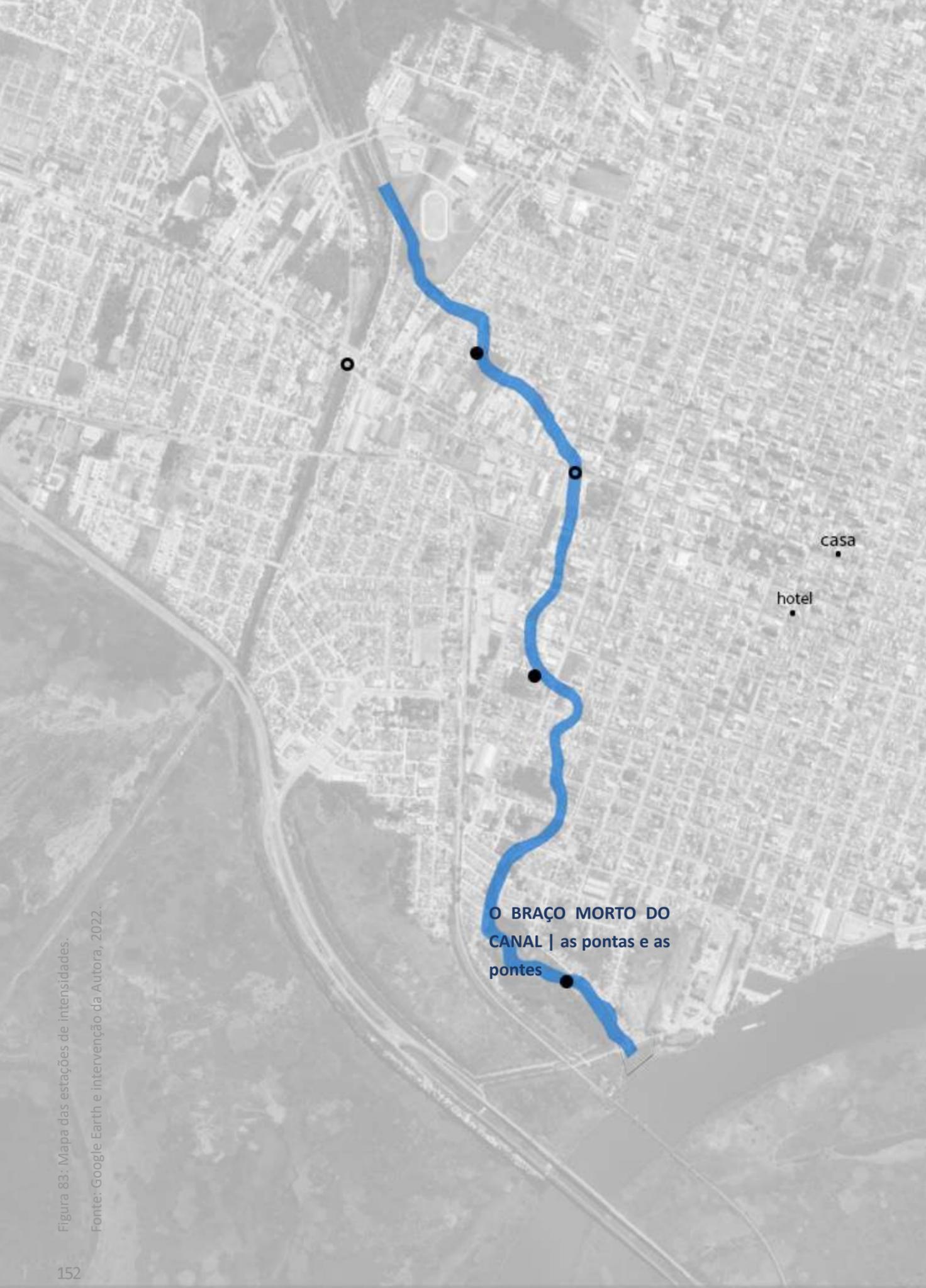


Figura 83: Mapa das estações de intensidades.
 Fonte: Google Earth e intervenção da Autora, 2022.

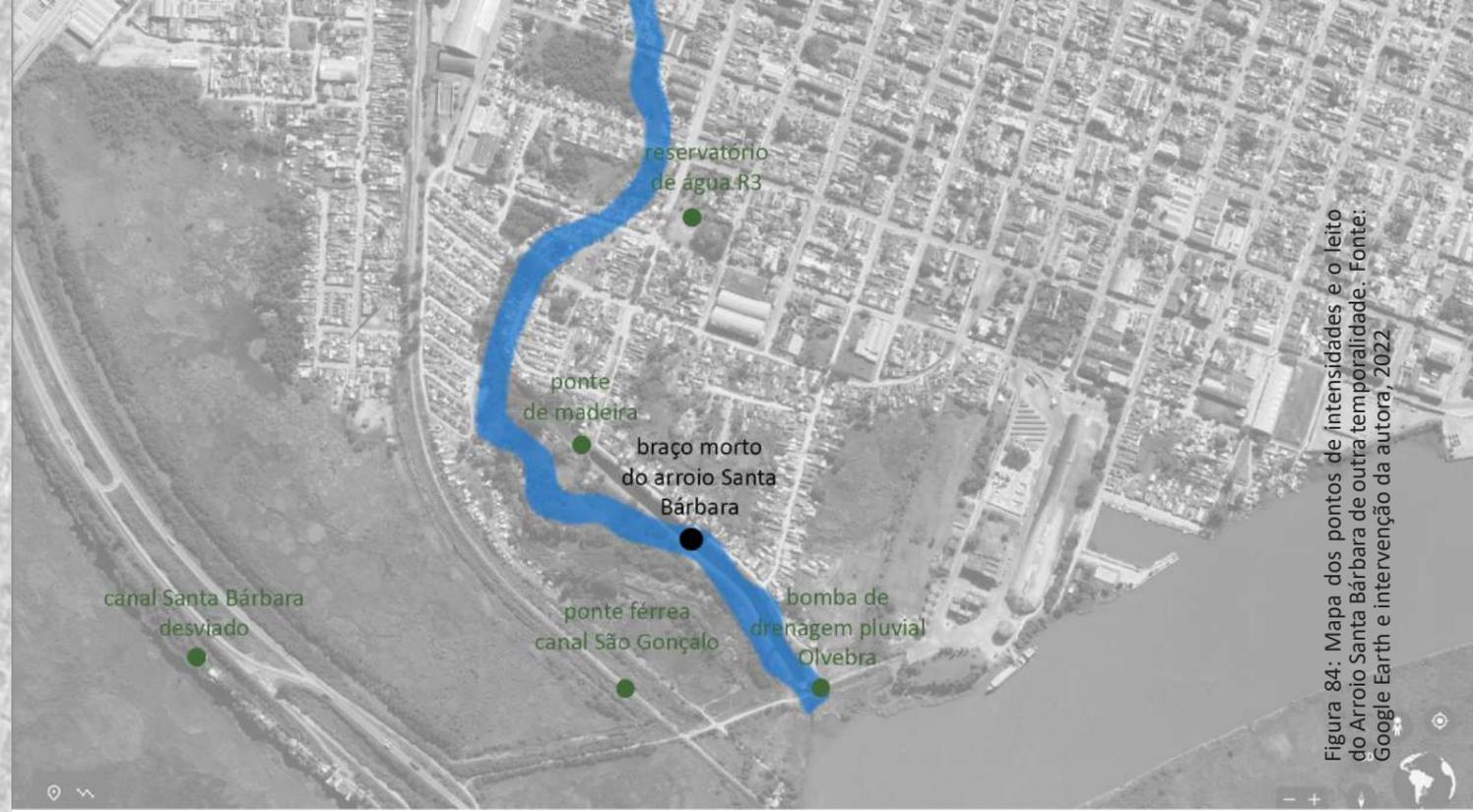


Figura 84: Mapa dos pontos de intensidades e o leito do Arroio Santa Bárbara de outra temporalidade. Fonte: Google Earth e intervenção da autora, 2022



Figura 85: Recorte do mapa de Pelotas de 1995.
 Fonte: Geopelotas, 2022.

O BRAÇO MORTO DO CANAL | as pontas e as pontes

Lá embaixo na Conde de Porto Alegre existia uma ponte, tinha medo de atravessar pelas tábuas fininhas no meio só e o pai me obrigava a atravessar de mão dada. Duas pontes de madeira, uma amarela – na Rua Uruguai, era uma ponte comprida. É como aqui naquele poste, era a maior delas na Rua Uruguai. A dos trilhos de ferro era na Barão de Mauá, passava em frente à fábrica de conserva Leal Santos - fábrica antiquíssima, fortíssima na cidade na época, tem a ruína da fábrica que é a UBS da Osório, todo o terreno onde era a UBS. A da Uruguai era pintada, cada hospital tinha a sua funerária e seus carros para carregar os seus mortos, então passava de carruagem passava lá, então quem mantinha a ponte não era a prefeitura era a Beneficência, justamente por conta dessa questão ela era pintada.



O conceito de polissemia de Derrida abarca a experiência das margens com suas fronteiras escorregadias sobre o que poderia estar à margem, às bordas. Nas sarjetas, a água acumulada gera vida e o verde cresce naturalmente, seguindo a fluidez das estações entremeadas por períodos de chuva e secas. No canteiro alongado, na Rua General Osório, passando a Rua João Manoel, variadas espécies de plantas, ornamentais e medicinais, beiram os lotes escondidos. O chão não é mais asfaltado, assim como as ruas já atravessadas, Gomes Carneiro e a Barão de Santa Tecla, aqui a terra arenosa marca a sua presença, uma experiência de borda.

Caminhamos até a Rua do Pântano, a ponta, onde se localiza o Braço Morto do Canal (Figuras 93 e 94). A caminhada foi sugerida pela banca de qualificação, mais especificamente pela artista, caminhante e professora Emanuela di Felice, com quem caminhava junto, a sugestão de caminhada seria ali, e, de acordo com a antropóloga e professora Flávia, esse nome é bárbaro! Chegamos ao outro lado da cidade, a extremidade do antigo leito do arroio, nas margens, a borda da cidade. Em 2009, a Rua do Pântano fez parte de um estudo final de graduação, intitulado Projeto Viva o Santa⁸⁹, no qual a proposta era a qualificação urbana da Orla do Canal Santa Bárbara

No extremo do percurso caminhado, uma Ponte de Madeira (Figura 86) é encontrada abrindo caminho para uma oficina de materiais abandonados (Figura 91). Do outro lado, um chalé autoconstruído e, mais ao fundo, uma chaminé bem alta de tijolinhos (Figura 92). Voltando o olhar para o chão algumas plantas espontâneas são identificadas: corda de viola (*Ipomoea cairica*) (Figura 90), mamona (*Ricinus communis*) e diversas espécies de capins. A cartógrafa volta o olhar para a margem do braço morto do canal, na Rua do Pântano, um de seus trechos é marcado pela presença das ocupações em áreas alagadiças de preservação do bioma Pampa. O braço morto do canal e as ocupações autoconstruídas pedem passagem na paisagem bricolage.

Encontramos a dona Rosa, na verdade, ela apareceu no portão de sua casa para o nosso encontro, como se tivéssemos a chamado. Quando vimos já estávamos envolvidas e conversando com ela, estava com a sua neta, Eme. Ela nos contou sobre a família e o seu pertencimento àquele território, os filhos eram todos vizinhos. “O rio mudou de lugar e a gente mudou junto”, comentou. “Todo mundo acaba pegando mais um pedacinho de terra, mas todo mundo está na beira da água”, complementa. Ela e toda a família vivem na espessura dos vínculos oriundos de paisagens moventes. A paisagem não é estática. Mudou com o rio, assim como as pessoas que habitam ali.

89 A pesquisa foi realizada para a aprovação na disciplina de Introdução ao Projeto de Graduação, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pelotas/Brasil e contribuiu com o presente trabalho pela plataforma online criada e compartilhada. Teve como objetivo principal na época fornecer as bases necessárias para a realização do projeto final de graduação da aluna Glenda Dimuro, intitulado Qualificação Urbana da Orla do Canal Santa Bárbara, no bairro Simões Lopes, localizado na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. In: <https://vivaosanta.wordpress.com/2009/07/09/o-canal-santa-barbara/> Acesso 02.05.2020 Todos os dados e fotos são do ano de 2002/2003. In: <https://vivaosanta.wordpress.com/?msckid=bb70823fd0d511ec9107404877a5f591>

A cartógrafa-antropóloga perguntou para ela sobre a vizinha dona Maria⁹⁰, da linhagem das lavadeiras do Santa Bárbara. Dona Rosa informou que agora era seu filho que morava na casa, com os netos de dona Maria. Falou de outros vizinhos e das crianças que moravam lá em outras épocas, me transporte para uma outra temporalidade. A rua, que era repleta de crianças, agora continua com as gerações posteriores, como Eme, criança que gosta de brincar na terra.

Ali o vento é suave, a vegetação se movimenta seguindo o ritmo das ondulações da água, que é rasa, quase uma tábua rasa, imprópria para banho. Nas proximidades da água, pescadores e carroceiros vivem, a cultura local é forte na borda entre o São Gonçalo e o Braço Morto do Canal. Na paisagem, os cavalos fazem parte da vida cotidiana, atrelados aos modos de vida da população, contribuem para o transporte de pescadores e a locomoção dos coletores (pessoas que trabalham e contribuem para a coleta seletiva das cidades). A brisa leve era gostosa, em meio aos passos lentos, me aproximo bem da beira do Braço Morto do Canal, o cheiro se sobressai à vista. Meu corpo reage com um impulso para o afastamento, parece querer empurrar o que é desagradável para longe, permaneço respirando ali e sentindo a paisagem. É preciso se afastar dos impulsos dos corpos para se manter presente.



Figura 87: Rua do Pântano.
Fonte: Da Autora, 2022.

A cada trecho de poucos metros, uma roda era composta por diferentes pessoas. Famílias e amig@s sentadas na rua, um grupo mais de jovens, outro mais de adultos, outras de mulheres que estavam sentadas à sombra da árvore com um bebê em um carrinho. Todas sem máscaras, estas já foram liberadas no estado do RS. A pesquisadora-antropóloga tinha se infectado com covid-19 nas semanas anteriores e ainda sentia os sintomas no corpo e nos olhos, o cansaço, a infecção é sistêmica e cada corpo reage de um jeito. Estávamos caminhando no sol quente, com a máscara grudada no rosto (Figura 87), respirando abafadamente o ar, que parecia escasso.

Não existe pandemia ali? Existe pandemia em todo lugar. Existiu pandemia em casa, perdi minha mãe, meu pai e minha avó, não havia vacina para os meus pais. Os meus se foram e a pandemia ainda resiste, dois anos depois. Embora a vida estivesse pulsando de algum modo particular e de alguma maneira única, ainda que pudesse causar a morte com a possibilidade de infecção, existia apenas conversa e rodas de conversa. Nessas áreas onde há gente, conversa e diálogo, há tempo compartilhado.

Voltei no dia seguinte, de bicicleta e sozinha, os caminhos já tinham sido abertos e o medo já não era mais uma barreira que me impedia de atravessar os limites dos territórios, estava empoderada. Encontrei os funcionários da SANEP que mantém a bomba ligada (Figura 97). Disseram que em 2018 colocaram iluminação ali, e os usuários de substâncias psicoativas, pensando que estavam sendo vigiados por câmeras, abandonaram o território. O braço morto do Canal Santa Bárbara tem 30 cm de água, o resto é lodo. As comportas contribuem no processo de não alagamento da cidade, dão vazão ao volume de água que chega, dependendo da quantidade de chuva em Cascata, distrito no qual nascem as águas do Arroio Santa Bárbara. As bombas de drenagem pluvial (Olvebra), que funcionam há aproximadamente dois anos, ficam ligadas 24 horas para evitar e prevenir o alagamento da Avenida Duque de Caxias, via de prolongamento da Rua Marechal Floriano Peixoto, onde é localizada a Ponte de Pedra. Nesses locais a topografia, naturalmente constituída pelas várzeas do Santa Bárbara, contribui para a ocorrência de enchentes e inundações, são áreas originalmente alagáveis.

Uns passos mais à frente, um empilhamento de madeiras (Figura 99). Uma companhia multinacional chinesa aluga espaço para armazenamento dessas madeiras. São madeiras para exportação? Pelo visto, sim. A exportação de madeira, o vírus, a construção desse plano. Experiência de uma paisagem emergente, repleta de vida, ao mesmo tempo a coexistência de alguns aspectos de exploração de sistemas que se sustentam (o comércio de produtos chineses e o comércio exploratório de madeira), ambos refletem na perspectiva ambiental. Gera lixo, resíduo, matéria, material de subsistência de pessoas que acabam sendo direcionadas para o trabalho corporal e exaustivo de puxar carrinho. O retorno financeiro depende daquilo que encontram no dia. A movimentação do sistema fechado, condicionante e vicioso. Quanto mais consumo, mais lixo, mais resíduo.

Figura 88: Rua Padre Anchieta.
Fonte: Google Street View, 2019.

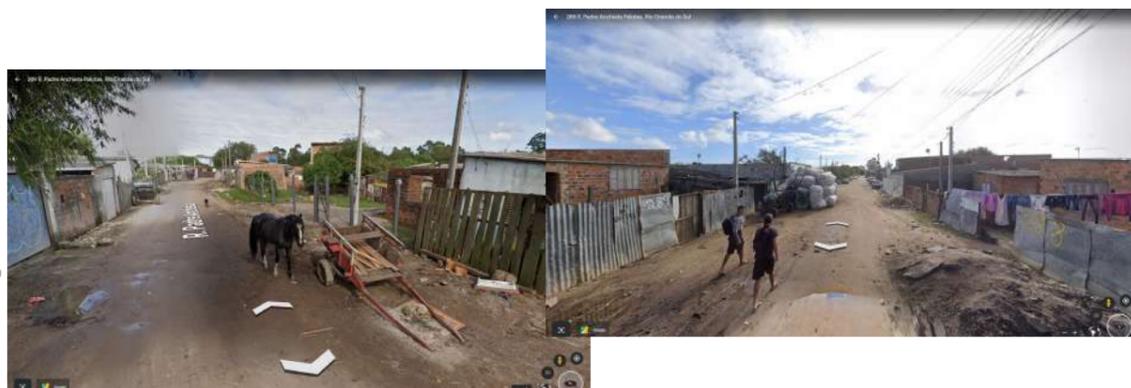


Figura 89: Rua Padre Anchieta.
Fonte: Google Street View, 2019.



A junção desses aspectos contribuem para que o sistema funcione. A lógica de ordenamento do solo é rompida, entretanto, há alienação. Quando se trabalha com paisagens emergentes, especialmente essas, fragmentos de realidades coletivas, os caminhos acabam sendo amplos. Parte de um mínimo e um todo. Grande parte das pessoas que habitam nas proximidades do Braço Morto do Canal trabalham com a coleta de materiais recicláveis. Os lixivos⁹¹, conceituados por Fuão como personagens que contribuem para o sistema, são intrínsecos ao saber alteridade. De acordo com Fuão, não há “catarse” no fim da catação, o cessar da catação será o abandono de muitas vidas. Corpos estendidos no meio das ruas e carrinhos trancados a chaves com correntes. A vida se tornou domesticada, domesticadora.

O controle dos corpos e o sentido de esvaziamento traz uma superficialização da vida. Os

91 In: <<https://fernandofuao.blogspot.com/2019/09/lixivia-mundi.html>> Acesso 02.05.2022

corpos são privados de acordo com a modificação da paisagem. Um novo corpo, criar um novo corpo. A rua asfaltada é orientadora de conduta. A gestão, a associação e a autogestão, fomentadas no cooperativismo, estão próximas às ideias anarquistas e autogestionárias colocadas em prática, se imbricam na composição de uma paisagem marcada por ocupações improvisadas e os aspectos da natureza que se tensionam.

O caráter residual da paisagem, composta por inúmeros abandonos, se transforma em matéria de reciclagem, movimenta trabalhadores que, puxam carrinhos ou conduzem seus cavalos para auxiliá-los no transporte. O caráter residual da cidade, um conjunto de fragmentos e de objetos descartáveis. Seja para a construção de um cenário para o jogo de *paintball*, envolvendo o entretenimento, seja para o trabalho de subsistência, necessário. Em ambos mundos e realidades temos tipos diferentes de abandonos, acolhedores de plantas espontâneas, espaço para potência de vida. Abandono como um caminho de transmutação, transformação.

O que está imbricado nas paisagens emergentes é um misto de abandono, negligenciamento e herança histórica e estrutural. O espaço da cidade residual se apresenta disforme, o acolhimento da terceira é um acolhimento que não exige forma definida. Máquinas ligadas 24 horas por dia em um sistema completamente dependente, que resolve o problema mas não cicatriza a ferida aberta de um arroio enterrado.

Ainda assim, a vida pulsa nas extremidades. O reconhecimento da cidade enquanto contexto político, social e urbano, territórios de tensionamentos que envolve questões de tráfico. As vias abertas de chão, areia. Mais adiante é preciso contornar a quadra, já que a rua não tem saída. Caminhávamos com os carros e caminhões levantando poeira, é como se não fosse possível ver o que estava diante de nós. Na rua Padre Anchieta (Figuras 88 e 89), o vento sobe o chão e ofusca o olhar com as micropartículas de areia. A areia no olho e novamente uma repulsa forte, uma necessidade de ir, de se afastar, sentindo as forças do campo, é hora de partir. É sobre o ir e voltar, descrito pelo sr. Teodoro⁹², outro personagem encontrado sempre à margem do Arroio, seja à do desviado ou do Braço Morto do Santa Bárbara.

Na esquina o mesmo grupo, com bicicleta, não direciono o olhar. Sigo, na esquina, é proibido jogar lixo no chão. A mesma placa parece dizer: é permitido jogar lixo no chão. As paisagens são contraditórias e as mensagens também o são. Caminhar no chão, sentir a Caatinga.

92 O Sr. Teodoro é o homem negro que aparece na Figura 88 próximo às margens do Braço Morto do Canal. Após conversar com os funcionários da SANEP me falaram sobre o Cláudio, um morador muito antigo de lá. Fui bater palma na frente da casa dele, o portão tinha uma placa de madeira entalhada com o nome Cláudio, era ali mesmo. O Sr. Teodoro, que estava do lado oposto da casa, sentado debaixo da sombra de uma frondosa árvore, disse que Cláudio não estava. Perguntei sobre o Arroio Santa Bárbara e ele me disse, gesticulando com o braço e as mãos, apontando para a margem do Canal desviado, que era sobre um “ir e voltar”. É sobre existir entre as águas.

Figura 90: Flor de corda de viola (*Ipomoea cairica*) beirando a ponte de madeira. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 92: Chalé autoconstruído e uma chaminé bem alta de tijolinhos em meio ao verde. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 91: Oficina dos abandonos, a aroeira é uma espécie pioneira e suas brotações aparecem esparramadas no terreno. Fonte: Da Autora, 2022.

Figura 93: Rua do Pântano, o cavalo e as rodas de conversa ao fundo. Fonte: Da Autora, 2022.

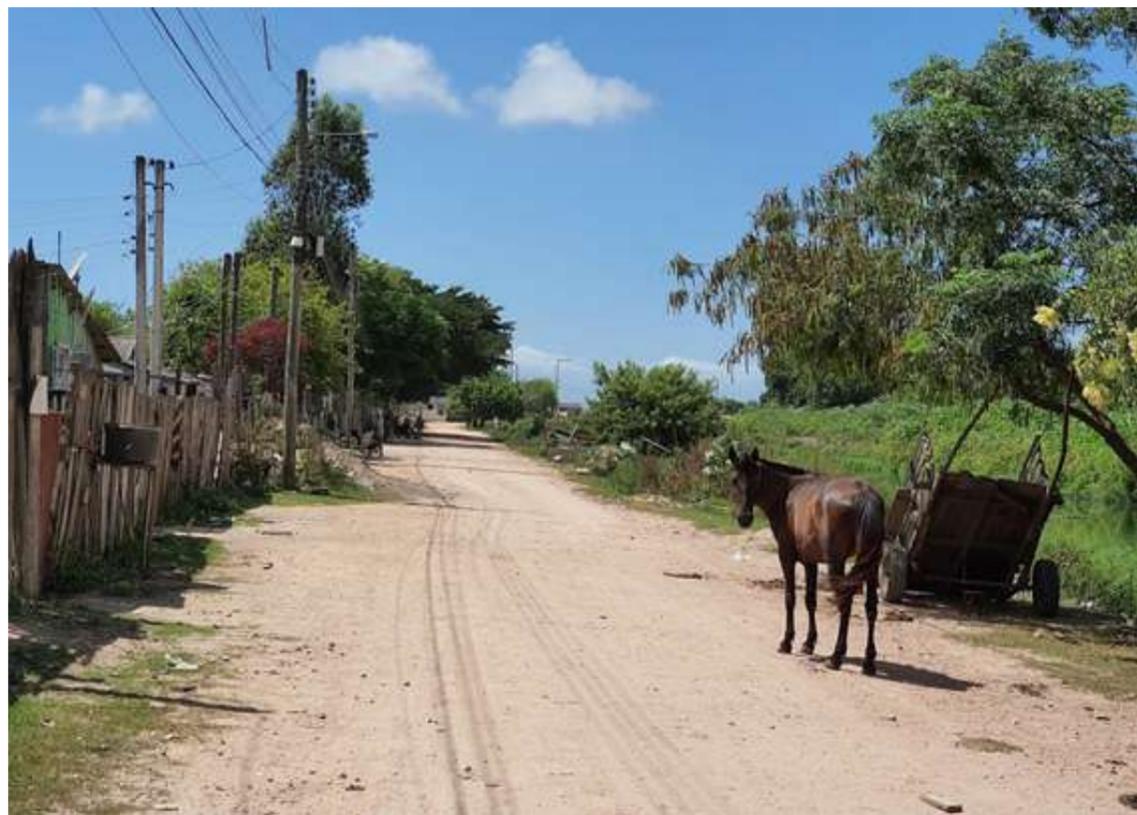


Figura 94: Rua do Pântano, Sr. Teodoro. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 95: Rua do Pântano, vista para o Braço Morto do Canal. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 96: Rua do Pântano, vista para o Braço Morto do Canal. Fonte: Da Autora, 2022.

Figura 97: Os arbusto e as plantas aquáticas, a bomba pluviual e a ponte férrea. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 98: A paisagem do Braço Morto do Canal e os funcionários da SANEP. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 99: Madeira empilhada em meio as áreas alagadas. Fonte: Da Autora, 2022.





Figura 100: Barragem Santa Bárbara. Fonte: Da Autora, 2022.

A VOLTA, de Pelotas para POA

Na beira da estrada, a ampliação da BR-116 que conecta as cidades de Pelotas e Porto Alegre trazia uma outra paisagem, o “desmonte” do relevo montanhoso servia para aterrar o solo e ampliar a nova estrada. A vegetação aparece em alguns pontos, mais ou menos complexa, pastagens e capins do pampa, áreas alagadiças de banhado. Plantação de soja preenche a maioria das paisagens, as oliveiras marcam a presença em um dos trechos, o arroz aparece alternado – quase em época de colheita – a transformação dessa paisagem pampa em vias, estradas. Uma placa avisto: aqui existe o cachorro do mato. Um outdoor com uma imagem me perguntava sobre o meu conhecimento da fauna e flora desta área. Pensar além do excepcionalismo humano, mas pensar sobre o ser. Durante a volta da viagem, vi a necessidade de discutir a paisagem urbana como construção social e também como meio de manutenção do que se sustenta como meio de vida social, cotidiano. Discutimos aqui a perspectiva de um devir terceira paisagem, uma espécie de território que abriga, acolhe, as comunidades vegetais, pensando pelo viés ecológico-ambiental e no princípio da sucessão ecológica que acontece atualmente de maneira abrupta e sem a mesma graduação e cronologia que acontecia em outros tempos com uma mistura híbrida de plantas invasoras, plantas exóticas e plantas nativas. **Ver e sentir é fazer existir uma realidade distinta.** Quando há o envolvimento dos sentidos, as afectações e os perceptos, **o corpo se manifesta como território existencial.** Além disso, a perspectiva da cidade enquanto espaço habitado prevê a necessidade de interação e (co)envolvimento entre corpo-cidade-território. Esses aspectos imbricados nos dizem também sobre análise daquilo que vem sendo construído como paisagem.

5. AGENCIAMENTOS

Os agenciamentos se dividem em alguns tópicos, dentre eles estão o *Caminhando sobre o antigo curso d'água em um fluxo contínuo*, que discorre de maneira contínua os encontros ao longo do percurso do antigo leito do Arroio, a coleção fotográfica que registram as imagens em composições, cujas combinações geram adesivos em devir terceira paisagem.

CAMINHANDO EM FLUXO CONTÍNUO

A investigação com foco na paisagem urbana no antigo leito do Arroio Santa Bárbara, localizado em Pelotas-RS, procura acompanhar os territórios remanescentes que existem pelas transformações ocasionadas pelo adensamento populacional das várzeas do Santa Bárbara, que teve suas águas desviadas e aterradas. Nesses trechos, eventualmente apareciam os problemas urbanos advindos da falta de drenagem das águas da chuva, cujos sintomas são as enchentes.

A impermeabilidade do solo apresenta de certo modo uma separatividade, que faz com que a água seja impedida de traçar o seu percurso natural. Ao considerar o território e sua multiplicidade, é relevante trazer a perspectiva histórica⁹³ para a discussão. Em enchentes de outras épocas, moradores indicam o nível atingido pela água e também a largura alcançada pelo Canal com os referenciais da paisagem atual. Histórias de alagamentos e de percursos realizados por meio de barcos são facilmente compartilhados pelas pessoas envolvidas que habitam o território. Muros que acompanham a margem de outrora do arroio delineiam um recorte, foram construídos para evitar os inconvenientes que o Arroio trazia, as enchentes periódicas do curso d'água junto com o mau cheiro decorrente de sua poluição. As águas, mesmo consideradas poluídas e impróprias para banho, estão presentes nas memórias contadas e cultivadas pelos moradores do bairro. As crianças pulavam o muro e aproveitavam desse corpo-d'água que era negado da paisagem urbana por meio de barreiras físicas.

Em meio às entrevistas de manejo cartográfico, os moradores das proximidades e trabalhadores locais relatam que os arruamentos aconteceram por meio da Marinha do Brasil. Por outro lado, dentro das quadras, os miolos eram preenchidos com resíduos de construção civil, fragmentos que auxiliavam o fechamento de um buraco criado, um buraco que era um curso, um percurso de água. O desvio e enterramento do Arroio resultou em espaços residuais no tecido urbano e, antes de atingir o Canal São Gonçalo, diversos remanescentes históricos antrópicos são encontrados no antigo leito.

⁹³ A proposta de caminhografia urbana no antigo leito do Arroio Santa Bárbara surgiu antes da necessidade de revisão histórica, entretanto, para facilitar a compreensão de quem lê, foi adotada uma estruturação de ordem não-cronológica para esse quesito já mencionado no capítulo anterior intitulado *O contexto de pesquisa: o canal escondido*.

Dentre os vestígios, as pontes que funcionavam como conexão entre as duas margens opostas do Arroio aparecem nas narrativas urbanas. No abandono de antigas fábricas construídas no século XX, posicionadas estrategicamente nas margens do Santa Bárbara por utilizarem suas águas no processo de produção, são encontradas inúmeras espécies vegetais.

Vários estacionamentos foram encontrados no trajeto, abrigo dos carros, na tendência de construção de cidades pensadas para os automóveis. Os muros desafiam o olhar a ir além, acima, atrás e por trás em uma paisagem que é fresta, além da parede cimentada. Nas frestas, a natureza se manifestando como impulso e resistência à vida, retorna a algo que remete ao selvático. No extremo do percurso caminhado, a Rua do Pântano e as ocupações irregulares que pediam passagem na paisagem construída como bricolagem. A cada trecho de poucos metros, uma roda que era composta por diferentes pessoas, crianças, adolescentes, jovens, adultas, idosas. Ruas vivas coexistindo com a força mecânica das bombas de drenagem das águas do braço morto do canal.

AS COLEÇÕES FOTOGRÁFICAS

As coleções criadas foram agenciadas durante o processo de pesquisa, levando em consideração as intensidades do que foi registrado nos cadernos de bordo da cartógrafa. O conjunto das coleções fazem parte de um caminho de composição possível, podem se associar e desassociar, por meio da combinação de outras fotografias para a invenção de outras coleções.

É num estado de profunda ignorância que se vive, aqui-e-agora, na imanência de desafiadoras condições do sentir, do pensar, do agir... condições cujos blocos se recombina a cada lance dos corpos. Há o bloco das condições longitudinais, vale dizer: dinamismos dos movimentos de que se é capaz, dos repousos que estão ao seu alcance, das velocidades que pode atingir, das lentições a que se é submetido, e isso tudo se passa sem que se saiba o que pode o corpo; e há o intempestivo bloco das condições latitudinais, vale dizer: a inesperada fulguração de afectos que tomam o corpo no aqui-e-agora, intensificações de um poder, sim, mas de um poder de ser afetado. (Orlandi, 2014)

COLEÇÃO MUROS e DEVIR TERCEIRA PAISAGEM

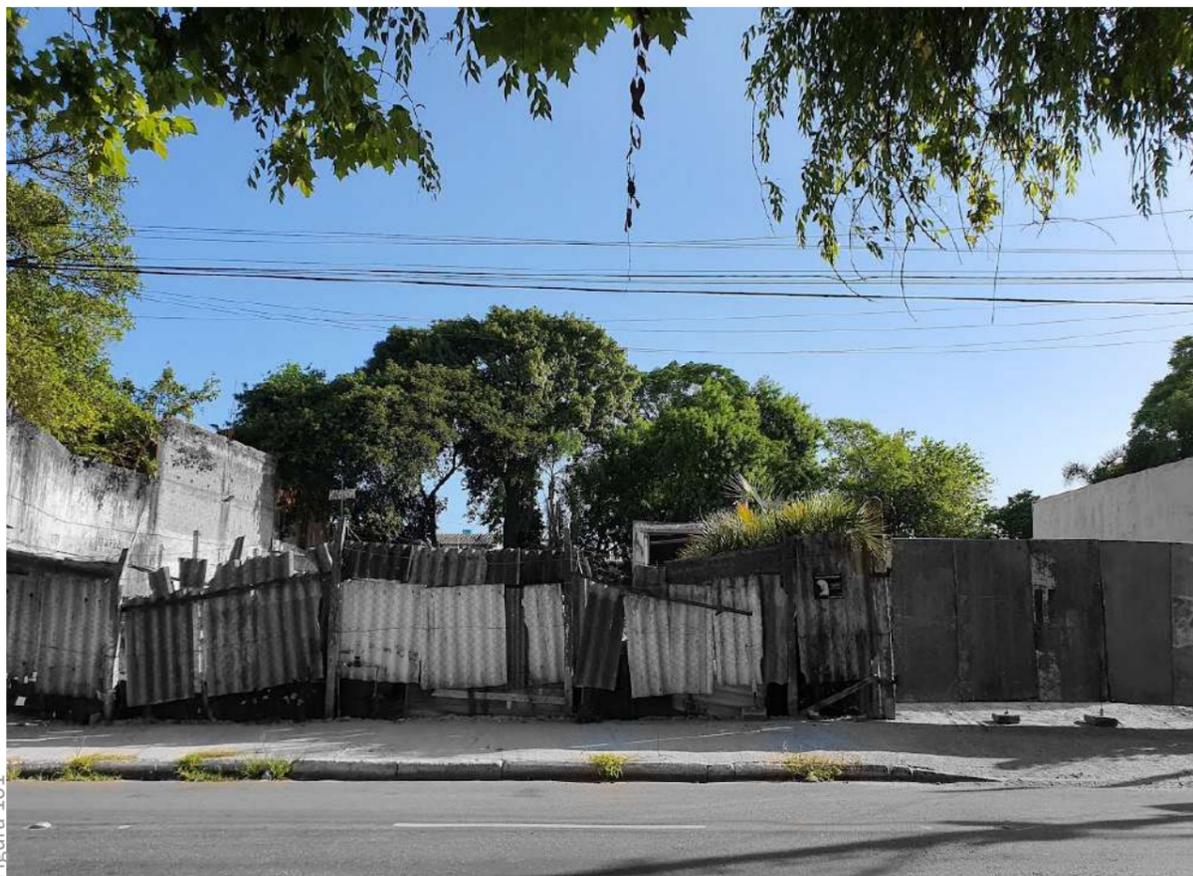


Figura 101



Figura 103

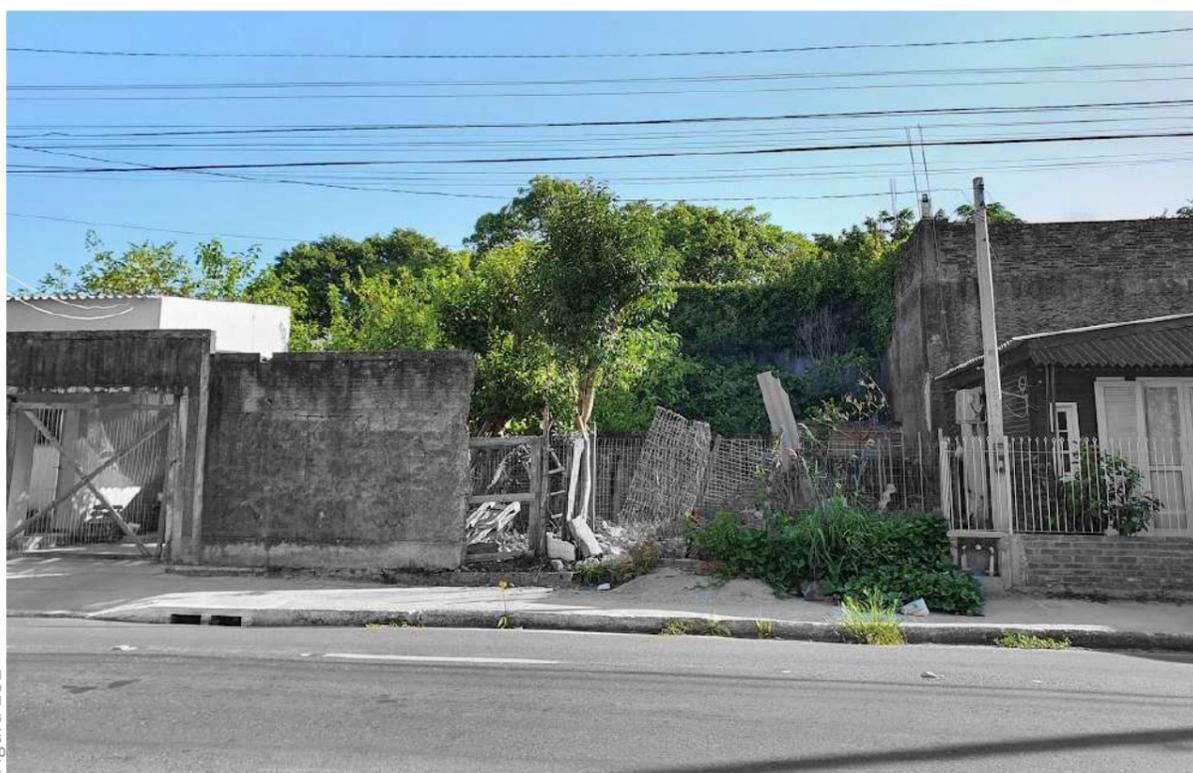


Figura 102



Figura 104

Figuras 101 a 104: Tentativa de captura, miolo de quadra Fabres. Fonte: Da Autora, 2022.

Figura 105: Tentativa de captura, Cooperativa Recicla. Fonte: Da Autora, 2022.



COLEÇÃO ESTACIONÁRIOS



Figuras 106 e 107: Rua 7 de setembro. Próximo a encruzilhada. Fonte: Da Autora, 2001 e 2022.



Figura 108



Figuras 108 a 111: Rua 7 de setembro. Próximo a encruzilhada. Fonte: Da Autora, 2001 e 2022.

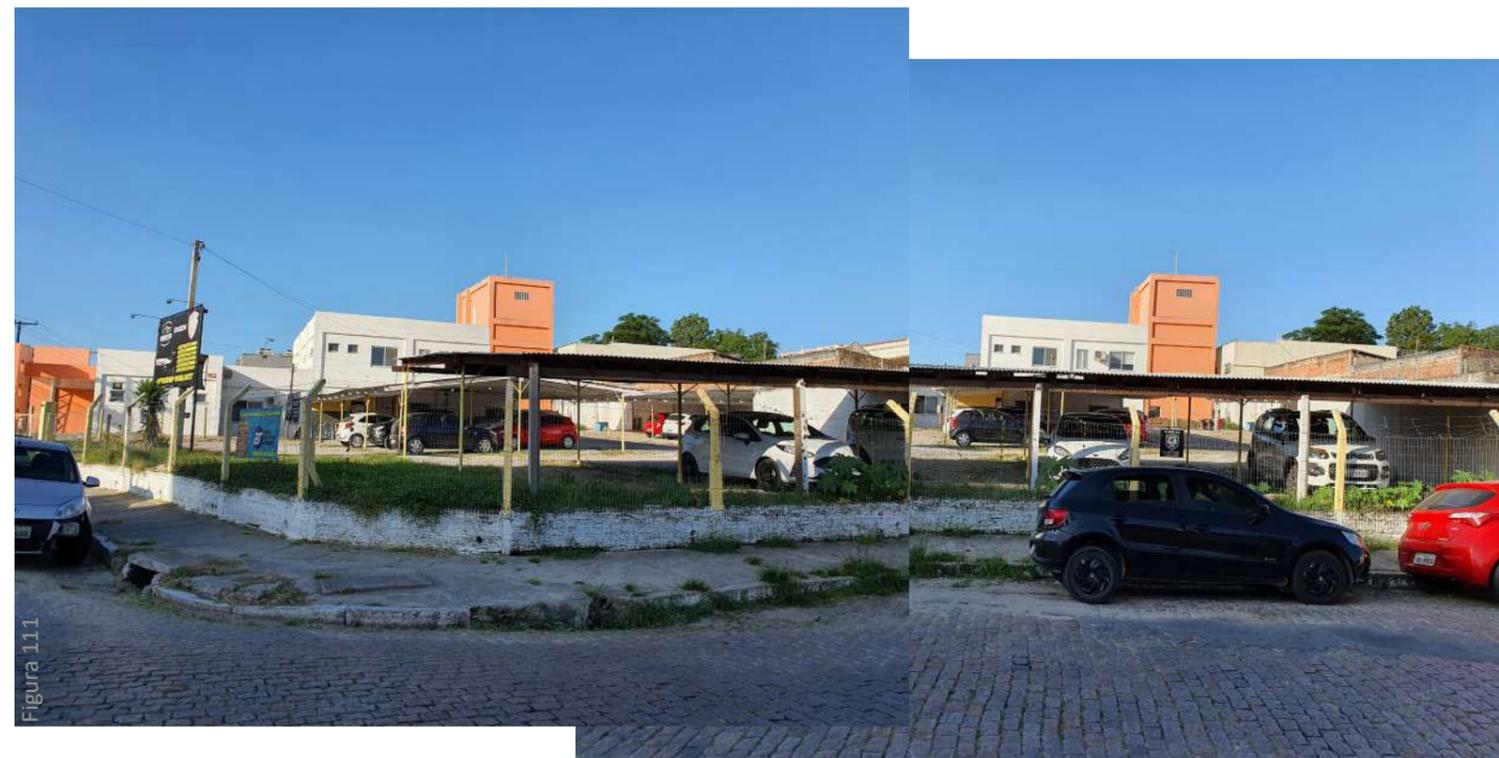


Figura 112

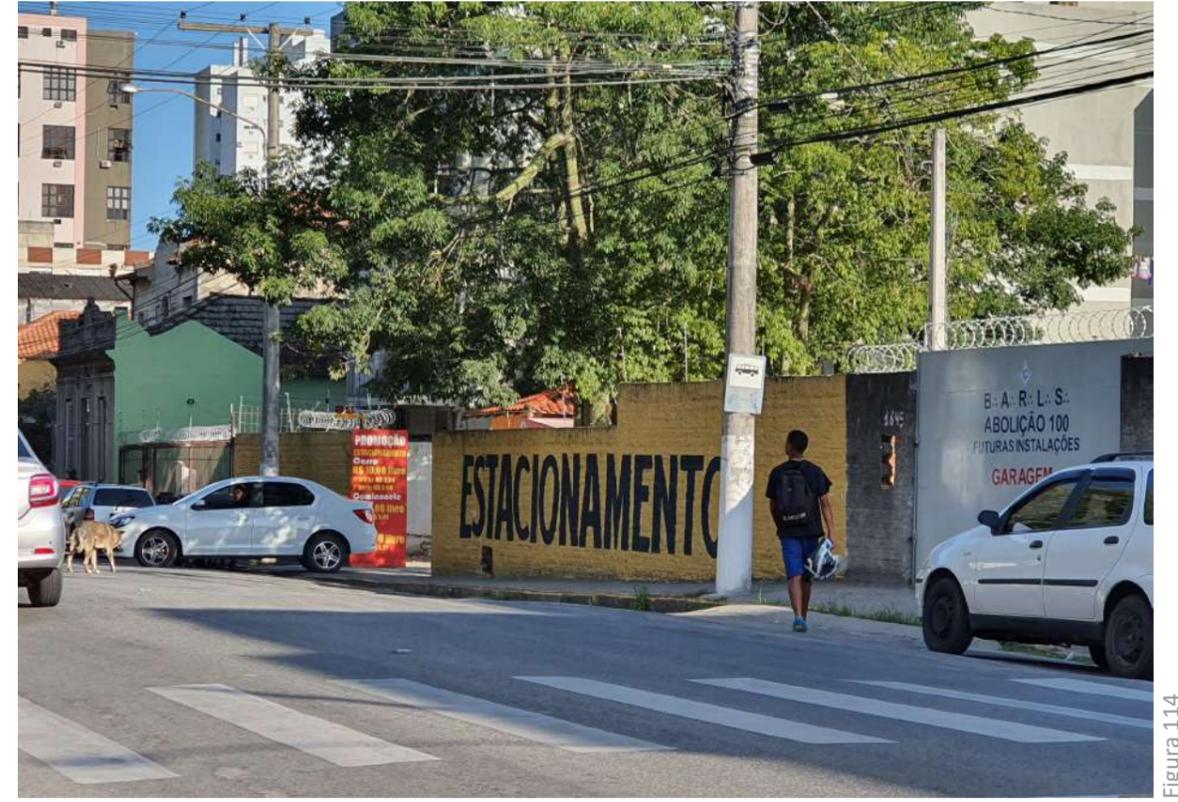
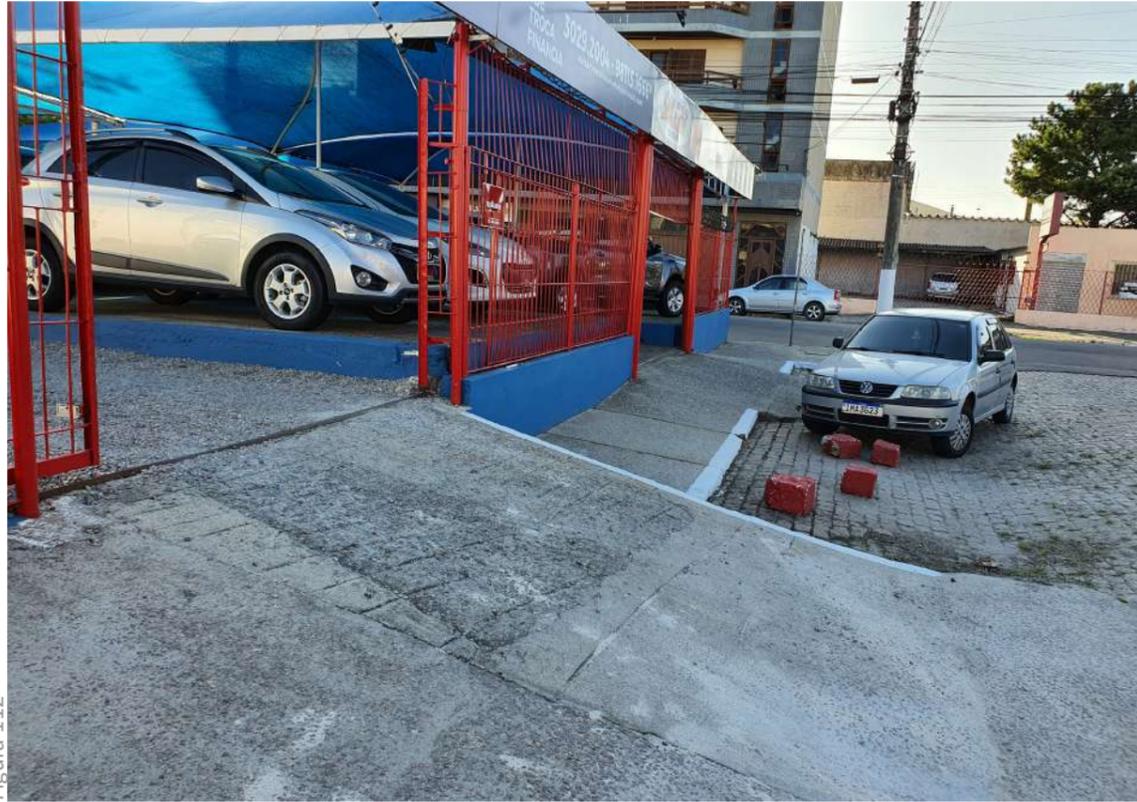


Figura 114

Figura 112 e 113: Estacionamento POP Center. Fonte: Da Autora, 2021.



Figuras 114 e 116: Estacionamentos Rua Lobo da Costa. Fonte: Da Autora, 2022.

Figura 116



Figura 118

Figura 117: Estacionamento Rua Gen. Telles. Fonte: Da Autora, 2022.



Figuras 118 e 119: Rua Benjamin Constant. Fonte: Da Autora, 2022.

COLEÇÃO



Figura 120: A encruzilhada.
Fonte: Da Autora, 2022.



Figuras 121: Rua Benjamin Constant.
Fonte: Da Autora, 2022.

ANIMALESCA



Figuras 122: Rua Benjamin Constant. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 123 Reservatório de água R3. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 125: Rua do Pântano. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 126: Rua do Pântano. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 127



Figura 128

COLEÇÃO ABANDONOS



Figura 129: Rua Gen. Telles.
Fonte: Da Autora, 2022.

FRAGMENTOS DA CIDADE RESIDUAL



Figura 130



Figura 131



Figura 132



Figura 133



Figura 134



Figura 135



Figura 136



Figuras 137 e 138: Rua Benjamin Constant.
Fonte: Da Autora, 2022.



Figuras 137 e 138

Figura 139: Rua General Osório esquina com a Rua Conde de Porto Alegre. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 141: Rua do Pântano. Fonte: Da Autora, 2022.

Figura 140: Rua Benjamin Constant. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 142: Rua Padre Anchieta. Ao fundo, os cavalos ainda marcam a sua presença, um deles atrás do muro, no lote permeável. Fonte: Da Autora, 2022.

COLEÇÃO



Figura 143

RUÍNAS



Figura 144



Figura 143 a 148: As ruínas da Fábrica de Papel. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 146



Figura 147



COLEÇÃO



Figura 149: Rua Gen. Neto. Fonte: Da Autora 2021.

EXISTE PAISAGEM NAS FRESTAS?

Figura 150



Figura 152



Figuras 154: Picão Preto. *Bidens pilosa*. PANCI Fonte: Da Autora, 2021.

Figuras 150 a 155 : Rua sem saída, Gen. Neto. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 153



Figuras 155: Brilhantina. *Pilea microphylla*. PANCI Fonte: Da Autora, 2022.

Figura 156



Figuras 156 e 157: Rua 7 de Abril. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 158: Crepe do Japão. *Youngib, japonica*
PANC! Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 160



Figuras 160 e 161: Frestas da Rua Dom. Pedro II, em frente ao antigo Engenho de Arroz. Fonte: Da Autora, 2022.

Figura 162



Figuras 162 e 163: Qual é o tamanho de uma fresta? Frestas da Rua Santos Dumont. Fonte: Da Autora, 2022.



Figura 164: Qual é o tamanho de uma fresta? Rua Benjamin Constant. Fonte: Da Autora, 2022.

INVENTÁRIO DE PRESENÇAS

Coleção muros e o devir terceira paisagem



Os muros são o limiar que acompanha a margem de outrora do arroio. Os muros cegos são como marcas variadas que permanecem na condição de delimitação de espaços, ou ainda, propriedades-público-privadas, delineiam o *dentro* e o *fora*. No entanto, o enfoque não está propriamente nos muros mas naquilo que ele nos impede de ver ou no que transborda e vaza de suas interioridades nos fazendo enxergar.

A composição da coleção abrange os miolos de quadra sem acesso, propriedade privada, na maioria das vezes mas não necessariamente, que se manifestam em um devir terceira paisagem. A qualquer momento, podem romper com o processo de evolução biológica por decisões de particulares, ainda sim, resistem ao meio urbano. Na cidade contemporânea, a ruptura contínua da sucessão ecológica nos interiores das quadras é revelada em territórios que sofrem especulação do mercado imobiliário. Para não serem ocupados por pessoas e servirem de abrigo humano, as estratégias de proteção cambiantes nesses territórios se apresentam cada vez mais hostis aos transeuntes que apreendem a paisagem de fora. Concertinas e cercas elétricas em muros cada vez mais altos, cadeados, portões e tijolos fazendo desaparecer as aberturas para uma visão ampla de cidade.

Em alguns casos podem sofrer intervenções artísticas e terem suas lógicas subvertidas, até isso acontecer, esses muros cegos nos privam das texturas das folhas e das suas variadas tonalidades nos oferecendo uma cidade cinza. Estreitam, cercam territórios e corpos. Por vezes, a paisagem em devir se sobressai à altura do muro. Ao longo do tempo, é caracterizada por árvores que contribuem com a qualidade do ar, bem como a umidade, além de oferecer sombras e sensibilizar os sentidos quando o vento passa fazendo vibrar em som folhas esvoaçantes. Possui corpo bem formado, em altura, é densa e remete a um potencial de acolhimento de outros seres. Guardam a biodiversidade em meio a selva de pedra.

Coleção estacionários



Os estacionamentos encontrados tiveram suas intensidades mais marcantes durante as primeiras caminhadas, em 2021. Vazios de carros, se faziam como abrigos das plantas que ali cresciam. Foram encontrados aqueles que são permeáveis, impermeáveis e os semipermeáveis, uma vasta variedade, todos localizados no antigo leito do Arroio.

A relação entre a existência de um devir terceira paisagem ganha força naqueles os quais as plantas brotam espontaneamente, especialmente os que recebem um revestimento de piso permeável e/ou semipermeável. Possibilitam uma melhor drenagem das águas das chuvas e espaço para as sementes germinarem com maior facilidade. Sem a necessidade de concretar

os estacionamentos deixando o contexto ainda mais estéril, impossibilitando o brotamento de outras formas de vida.

Outro ponto observado foi a presença de cobertura para a proteção contra as intempéries, as impermanências do tempo e da vida, ora delimitada em áreas específicas, ora preenchendo todo o espaço com sombra. Essa característica influenciou a existência mais ou menos intensa de plantas vagabundas⁹⁴. A coleção estacionários sobre o antigo leito do Arroio nos reforça o pensamento antrópico dominador das paisagens contemporâneas e, em contraponto, abre espaço para a existência de plantas espontâneas nesses territórios.

Coleção animalesca



Os cavalos pastam, capim, ervas, palha, são seres herbívoros e, ao longo das caminhadas marcaram a sua presença, especialmente quando estavam em lotes baldios, se alimentando para sobreviver. Bioindicadores das paisagens remotas das frestas, dos lotes e terrenos vagos. Marcam a presença do devir terceira paisagem, entremeiam e suscitam a relação natureza e cidade. Estão nas margens, vivem ali e trabalham na cidade, com seus donos ou domesticadores.

Há cidades no Brasil que já proibiram a utilização de cavalos para transporte, andar com as carroças em meio as vias repletas de automóveis, mas em Pelotas isso não é uma realidade. Esses animais fazem parte do modo de vida de pescadores e coletores de recicláveis, isso quando encontrados em meio urbano ou nas margens.

Coleção abandonos da cidade residual



Os locais que abrigam materiais recicláveis constituíam, durante as caminhadas, uma paisagem mista, quase híbrida, existiam comunidades vegetais em meio a enormes sacos de estopa e ninhos de ratazanas, um movimento do ritornelo.

Os fragmentos de todo tipo de abandono aparecem revirados na terra e se misturam em meio a lama de terra arenosa movimentada pelas águas da chuva. Subdividem-se em dois tipos, os resíduos de construção civil, nos quais contempla pedaços de tijolos, telhas, cimento entre outros tipos e os abandonos humanos, desde vestimentas, sapatos, acessórios até mobiliário, cadeiras, sofás, poltronas e tapetes.

Muitas vezes serve como barreira protetora do solo, ou ainda, contaminadora do solo, que

⁹⁴ O termo plantas vagabundas remete a um livro de Gilles Clément, *Elogio as vagabundas*. O autor utiliza o termo para se referir às espécies vegetais espontâneas, invasoras e na maioria das vezes vistas como ervas daninhas.

nos impede de reconhecer as plantas nas quais se hospedam, sabemos a proveniência dos abandonos, dos plásticos, mas a linguagem das plantas ainda nos é, muitas vezes, distantes. Está fora do mundo antrópico, criado e cultuado por nossos modos de vida atuais.

Tais abandonos não se restringem a parcelas específicas, destinadas a essa função, mas são mais condizentes com a dinâmica dos lotes baldios. Provenientes do rápido raciocínio humano de que terrenos com matos pulsantes, ervas daninhas bem alastradas e sem cercamento ou muros estão abandonados, logo, um bom local para deixar abandonos de todo tipo. Abandonos que acolhem outros abandonos, alguns descartáveis outros parte da natureza, territórios em suspensão.

Coleção ruínas



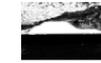
O abandono da cidade residual continua. Entretanto, os resíduos ainda não foram fragmentados em partes miúdas e se encontram em porções maiores. As ruínas se encontram em uma etapa anterior aos pequenos fragmentos de construção civil, captados na coleção anterior. Em meio a um arruinamento de uma construção ainda em pé, plantas de variadas espécies fomentam e manifestam vida.

O tempo, a umidade e o clima da cidade influenciam no tempo de degradação dos materiais, garantindo o enferrujamento das armações de concreto, o desgaste das esquadrias de metal, bem como o apodrecimento de madeiras, que quase não existem mais, em alguns casos, pela ação dos cupins. As rachaduras comprometem a sustentação do edifício, viram percursos das águas das chuvas, a água movimenta, faz esfarelar aquilo que era muito rígido. As frestas criam corpo e acolhem sementes que são transportadas com o vento ou pelos pássaros. As estruturas se rompem com a força das raízes e o impulso de crescer. Algumas são nascidas em meio a telhados e superfícies elevadas, pórticos, vigas, lajes, impõem uma outra estrutura, instauram uma lógica reversa. Ensinam sobre a finitude daquilo que somos e daquilo que construímos. Os tetos e as paredes se vão em meio ao definhamento da construção, retornando ao solo, de onde vieram e para onde vamos.

As ruínas podem ter várias origens, marcam a configuração de um tempo com suas conformações internas mais ou menos fechadas, amplas ou restritas. Podem ser patrimônio histórico e industrial, em geral, patrimônio antrópico que seguem várias vertentes.

Apesar de não terem funções bem pré-definidas, designadas pelas cidades formais, alguns arruinamentos são desejados, induzidos a demolições e construções de novos empreendimentos imobiliários. Ainda sim, enquanto não acontece a captura mercadológica, são abrigos de animais e espécies vegetais de todo o tipo, instigam olhares curiosos e se oferecem como cenários selváticos para ensaios fotográficos ou jogos de entretenimento. Reportam uma dinâmica específica que desliza entre a improvisação e a inutilização, depende dos olhos de quem vê.

Coleção: existe paisagem nas frestas?



As frestas oferecem visualidades parciais, pequenas frestas por onde é possível capturar instantes de interioridades, verdes e selváticas e crescem como as plantas espontâneas. Qual é a distância necessária para realmente experienciar a paisagem? Existe limitações ou delimitações pré-definidas? A fresta expõe o rompimento da separatividade com a coemergência. Existe paisagem nas frestas?

Existem e resistem nos lugares mais variados, dentro ou fora, próximo ou distante, no alto ou embaixo. Nas dobras, onde as plantas brotam as fissuras. As frestas são diferentes das paisagens do muro, apesar de também existirem neles e como questão da propriedade, por fechamento, ou imposição de algum limite. Nas paisagem das frestas, as espécies ainda pioneiras, de densidade menor, aparecem como uma experiência do micro. As frestas rompem com o plano homogêneo, abrem espaço para pensar e se posicionar diferentemente.

MAPEARIA CAMINHADA

Apesar das caminhadas de 2021, realizadas nas proximidades do POP Center, terem sido mais frequentes, a duração das imagens da caminhada de 2022, ao longo do antigo percurso do Arroio até o Braço morto do Canal, me afectaram de maneira mais intensa. O jogo de apreensão da cidade é aberto enquanto possibilidade do presente, enquanto produção do presente. O jogo foi sucinto, registrar o que as pessoas do campo falavam, seguir essas pistas. Jogou-se com o encontro dos muros, dos acessos às frestas, criaram-se coleções a partir da captura fotográfica e agenciamentos das repetições.

Combinação dos percursos: toda chegada é sempre uma partida.

Percursos de 2021

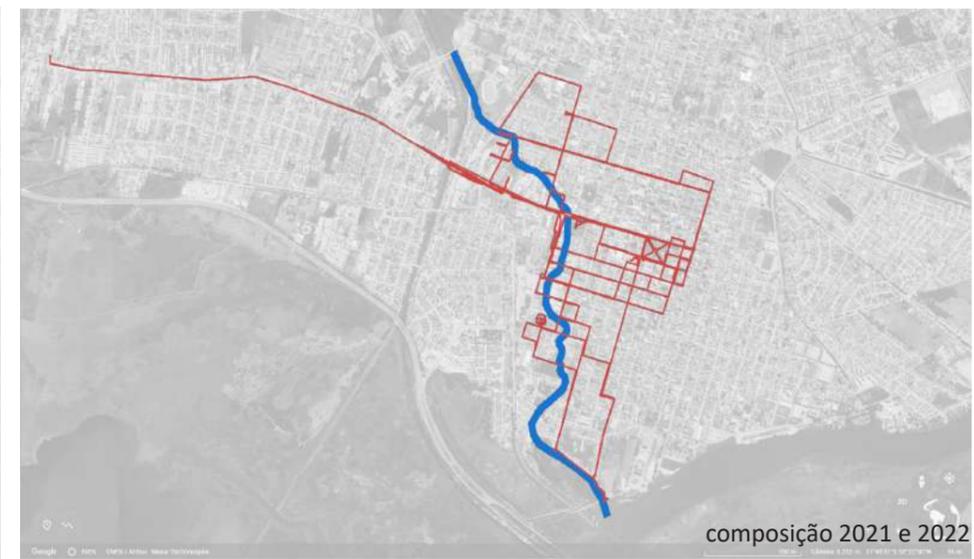


Percursos de 2022



LEGENDA:

-  Percurso original do Arroio Santa Bárbara
-  Caminhos percorridos pela cartógrafa





LEGENDA:

 Percurso original do Arroio Santa Bárbara

Vozes registradas durante o percurso:

-  1 pessoa
-  2 ou mais pessoas

Figura 175: MAPA dos encontros.
Fonte: Da Autora, 2022.



LEGENDA:

 Percurso original do Arroyo Santa Bárbara

Vozes registradas durante o percurso:

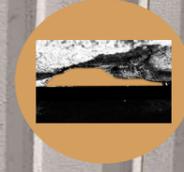
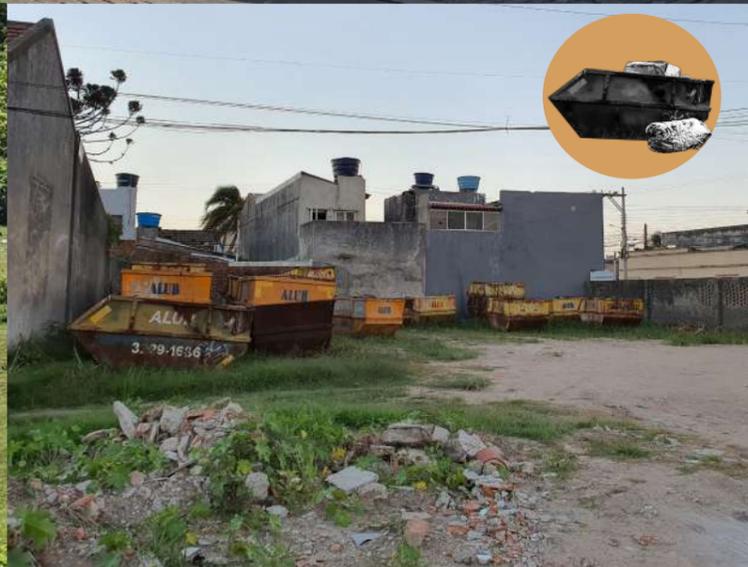
-  1 pessoa
-  2 ou mais pessoas

Corpos manifestos na paisagem durante o percurso:

-  1 pessoa
-  2 ou mais pessoas

Figura 176: MAPA dos encontros com os personagens ritmados. Os "corpos manifestos na paisagem" fazem parte do mapeamento dos corpos que habitam o espaço, a quantidade e a intensidade dão o tom das paisagens meliódicas. Fonte: Da Autora, 2022.

MAPA devir terceira paisagem



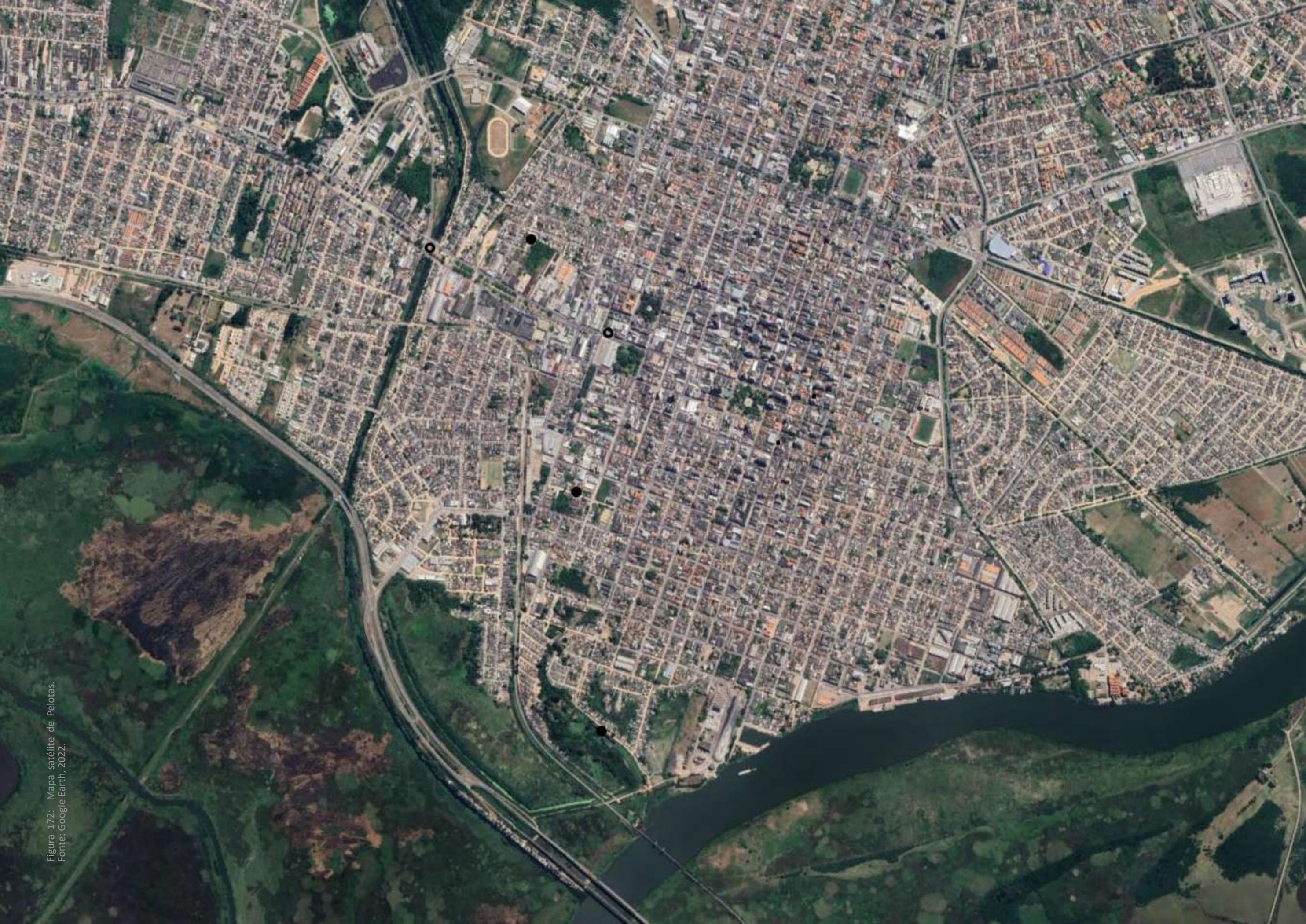


Figura 172: Mapa satélite de Pelotas.
Fonte: Google Earth, 2022.

6. RASTROS E PISTAS

Entre paisagens praticadas e multiterritorialidades

Talvez a terceira paisagem esteja implorando para ser reconhecida, principalmente aqui, no Brasil, lugar em que os raizeiros, povos indígenas e ancestrais oferecem uma cultura que valoriza a flora nativa. Para os povos da terra, a terceira paisagem já é uma maneira de apreensão da realidade viva. Reconhece-se na experiência do devir terceira paisagem, uma espessura que comporta multiterritorialidades e paisagens praticadas que se transformam ao longo do tempo. A paisagem em movimento é o reconhecimento do presente a partir do corpo afectado, tendo o corpo como lugar, perspectiva do mundo vivido, e o território como potencialidade emergente, realidades de espaço e tempo.

O território simbólico é considerado como espaço de referência para a construção de identidades, múltiplas identidades. Há territórios indecisos que emergem dentro da cidade e, a construção de uma outra cultura faria parte do processo de desterritorialização simbólica. Ao reconhecer a existência de múltiplos territórios e, concomitantemente, as possibilidades e diferentes formas de praticar a multiterritorialidade, é fundamental que se abra espaço para discutir o que de fato se encontra na esfera material e o que está intrínseco a ela, apontando as contradições da cidade contemporânea. A paisagem é tida como uma construção cultural que entremeia questões éticas e estéticas, que visibilizam dinâmicas urbanas emergentes.

No caso do trabalho apresentado, para captura do conceito de terceira paisagem e ampliação das suas potencialidades, a desterritorialização está ligada ao hibridismo cultural. Analisando a paisagem como aspecto transformador do porvir, bem como a heterogeneidade e multiplicidade de modos de vida e ritmos urbanos que coexistem na trama complexa da cidade contemporânea. A terceira paisagem, de caráter territorial, marca coexistências. Entretanto, tomada como território existencial e não rotulada quanto à propriedade, possui afinidades com a proposta de multiterritorialidade, visto que os múltiplos territórios existenciais envolvem aspectos políticos, sociais e culturais da paisagem urbana.

Frente ao contexto de crise ecológica em que nos encontramos, ou ainda, de catástrofes sociais como aponta Stengers (2015), vê-se a urgência de posicionamentos mais firmes em relação às questões ambientais. A terceira paisagem como reserva biológica do presente e futuro, abre possibilidades para uma abordagem diferente de leitura paisagística, através de princípios ecológicos. As referências e reflexões sugerem outros modos de planejamento que podem operar em multiterritorialidades. Do ponto de vista da percepção, leitura e apreensão da paisagem, propõe uma imersão atenta nos territórios para o reconhecimento de caminhos alternativos que sustentem um devir ecológico. No enfoque prático, tem o potencial de auxiliar propostas e diretrizes estratégicas em busca de um real equilíbrio do sistema com base no viés atento à preservação biológica.

As paisagens ocasionadas e instauradas por poderes hegemônicos e reducionistas, privam a

manifestação de outras formas de vida no planeta e impulsionam a criação de paisagens artificiais, cujas experiências estéticas são condicionadas. A resistência para a mudança está em fazer existir paisagens cada vez mais plurais e menos hegemônicas, bem como as micro-paisagens, um conjunto não-totalizante nem unificado, experienciadas pelo corpo nos territórios das frestas.

Por uma pedagogia da paisagem

A possibilidade de nos transformar é constituída da nossa constatação de que precisamos mudar. Quando vemos que precisamos mudar já está instalada a capacidade para essa transformação. Pensar que tipo de resposta podemos dar ao mesmo tempo ao desafio urbanístico mas também da presença e participação mais plural da nossa formação. Ailton Krenak, 2022

A paisagem não é só uma experiência, é a própria abertura na presença da experiência, é o acontecimento singular e impossível de se repetir exatamente do mesmo modo. A experiência aqui, tenta ser convertida em elemento método, um modo para investigar, se posicionar, viver e compartilhar. Espera-se comunicar, reconhecendo e parafraseando Isabelle Stengers(2019), que não estamos sozinhos no mundo. Importante ressaltar que o conceito de paisagem é amplo e o trabalho admite a multiplicidade e heterogeneidade por afirmar e respeitar a diversidade enquanto produção de subjetividade.

O método cartográfico, cujo enfoque está no processo de pesquisa, pressupõe que o ato de conhecer, criador da realidade, seja experimentado discutindo possibilidades e produzindo realidades e percepções. Interessa aqui, apreender a paisagem como fragmentos do território. O estudo proposto permite a criação de mapas narrativos das experiências nos territórios em devir terceira paisagem por meio de registros das forças existentes no campo, mesclam relatos, percursos e fotografias. O enfoque na escala corpórea evidencia um modo de praticar a cidade, aproximando o sentir entregue a um estado de atenção sobre o cotidiano e a escolha dos nossos próprios ritmos urbanos. O corpo mulher que perpassa o espaço se apresenta como veículo de transformação e ativação do próprio espaço-território-paisagem.

A hospitalidade, conceito discutido por Derrida (2003), aponta para a presença das micro-narrativas que compõem a paisagem, que, quando sobrepostas ao desenho urbano, possibilitam pensar em um ritmo próprio de modificação de uma paisagem em movimento. O acolhimento desse tipo de experiência revela a possibilidade de transição daquilo que é visível e ainda não está rotulado. A utilização do caminhar como prática estética envolvendo o termo paisagem, nos conduz a encontros que desencadeiam atravessamentos, e, a presença do encontro nos atenta ao sentir a potência em cada atravessamento.

Saberes in-corporados manifestos por pessoas que transitam cotidianamente por paisagens urbanas nos dizem respeito a narrativas existencialmente humanas. Quando passamos por um local

esvaziado de corpos humanos podemos reforçar tendências que nos direcionam a certas realidades, ou supor que não existe nada acontecendo ali, pode-se até mesmo designar termos específicos como rua morta. No entanto, fora do contexto e pensamento antrópico, o tempo e o espaço se oferecem como possibilidade de transformação para um devir terceira paisagem, a vida ultrapassa a existência meramente humana. Parte-se de uma ética - estética baseada na alteridade, uma alteridade ecológica.

A abordagem da terceira paisagem como território em potencial, merece ser discutida, aprofundada e compreendida por um viés sistêmico, abrangendo parte de uma construção pedagógica na qual uma outra cultura da paisagem poderia ser incitada. A princípio, permeada pela pelas múltiplas ações de tempo e espaço advindos da proposição cosmopolítica de Isabelle Stengers (2018), na qual suscita a cultura de pensamento de um ser que não se restringe ao ser-humano e se atrela aos pensamentos indígenas e de reativação do animismo (STENGERS, 2017), além da cosmovisão proposta por Ailton Krenak (2020), filósofo, ambientalista e escritor brasileiro, liderança histórica do movimento nacional indígena e integrante do povo indígena Krenak que propõe ressignificações da relação humanidade-natureza.

Pensar sobre arquitetura e urbanismo, ou ainda, nas estruturas antropocêntricas ditas modernas traz uma razão exclusivamente humana e destitui o território de comunidades vegetais e de outros organismos ignorando a sua existência. Krenak (2022), ao afirmar que os humanos são insustentáveis, questiona como transformar o ensino de reprodução da cidade e o modo de operar metrópoles no mundo. Fomenta a invenção de uma cidade permeável e atravessada pelos sentidos baseados em uma condição não produtivista. Ressalta a capacidade de ouvir e a necessidade de invocar seres não humanos para a construção de cidades habitáveis para aqueles que bebem a mesma água, respiram o mesmo ar e compartilham a mesma terra. Essa proposição traduz uma experiência que não é só política, é cosmopolítica e integra tudo o que é vivo. Aprender a construir cidades tem a ver com o modo de estar na terra.

O olhar atento aos territórios existenciais possibilita a criação de pistas para as dinâmicas urbanas com potencial modificador da paisagem que preconiza a existência de um devir selvagem. As áreas urbanas residuais ou não ocupadas dão importante suporte aos processos ecológicos e hidrológicos. Caracterizadas por espaços baldios, com dimensões diversas, possuem uma dinâmica natural própria que contribuem para a sustentabilidade da paisagem. A proposta metodológica prevê a sustentação do problema por meio da manutenção dos espaços irresolutos criando pistas para se pensar no planejamento considerando a identificação topográfica, geográfica e biológica. Com base na valorização dos remanescentes vegetais e considerando a memória biológica e geográfica de aves, insetos e anfíbios. Ao reconhecer que os territórios que sugerem a presença de um devir terceira paisagem são considerados de maneira generalizada e, na maioria das vezes através de uma perspectiva negativa, é necessário criar repertório para desenvolver uma gestão cuidadosa e precavida em que essa diversidade

pode ser aproveitada sem ser destruída.

A conciliação da abordagem paisagística em consonância com a patrimonialização envolve aspectos culturais que devem começar a ser repensados em um país como o Brasil, tange a perspectiva da política patrimonial atrelada à preservação da natureza e da flora e fauna nativa, considerando a conservação e preservação do patrimônio genético existente. Krenak (2022) formula o termo Florestania em detrimento de Cidadania, e ainda ressalta a possibilidade de existência de uma disciplina da Florestania (referente ao bioma da Amazônia), abordando temas pensados em ecologia, hidrografia, hidrologia, aplicadas na edificação de cidades, como possibilidade de expandir as frestas e romper com os muros já consolidados. Essa proposição se estende a outros biomas do Brasil, especialmente no sul do Rio Grande do Sul, onde a pesquisa é desenvolvida, poderíamos pensar em Pamparia. Por uma pedagogia paisagística do Pampa, do Cerrado, da Caatinga, do Pantanal e da Mata Atlântica.

A criação de condições para uma coexistência mais respeitosa entre o ser humano e o seu ambiente busca uma ética que possa servir de parâmetro para as relações entre a sociedade e o desenvolvimento técnico-científico. Ao encontrar uma força em comum, abrem-se novas portas para um tipo de urbanismo que potenciem recursos e ecossistemas urbanos que se baseiam na transição ecológica. O espaço físico habitado, ou ainda, a cidade, está intimamente conectada com a sociedade que somos. A paisagem configura o tipo de humanidade que nós somos e as cidades se apresentam como espelhos, revelando-nos que somos produzidos e induzidos a uma incessante domesticação sem experimentar a abertura para outras realidades. Produzimos a cidade com base em nossas experiências, ao caminharmos e experienciamos a cidade que nos nutre, alinhamos os confrontos práticos do cotidiano à alternativas sistêmicas que dizem respeito ao posicionamento do sujeito perante o mundo, o próprio mundo e a realidade construída a partir de hábitos e consumos.

A sociedade do descarte na qual vivemos, caracterizada por Krenak pela transfiguração do corpo da terra, pela escassez hídrica e baseada em uma economia extrativista, para ser superada precisa encontrar espaço nas frestas, seguindo os caminhos para a cultura dos bens viveres. Assumir essa discussão é sobre rever os preceitos nos quais se baseiam as diretrizes estabelecidas pelo aspecto crítico do papel de arquitetas, paisagistas, urbanistas, e todos os seres que habitam o planeta. O desafio está em criar equipes que conectam ecólogas, biólogas, artistas, historiadores, geógrafas, antropólogas, entre outros profissionais, sociedades do comum e comunidades tradicionais, tais como os quilombolas, os indígenas, os caiçaras, para apresentar as possíveis vertentes de um novo modelo de gestão da paisagem urbana, utilizando provocações estéticas como fator transformador da realidade e do modo de apreensão da cidade em consonância com a vida que brota do chão.

A construção de cidades mais justas ecologicamente e acolhedoras não suscita uma separação existente entre humanos e não humanos, mas estimula o pensamento cosmológico que conduz a outras narrativas, revela uma forma de conviver com a diversidade já presente

no pensamento dos povos tradicionais. Sugere-se a proposição de estratégias e práticas coerentes com a preservação da diversidade, seja ela cultural ou biológica, como o Estudo de Gestão Estratégica de Montpellier, em que a manutenção de parques e jardins se conecta com a rede de vegetação espontânea e os terrenos abandonados e negligenciados da cidade. Além disso, pensar o urbanismo conectado as práticas de resistência e as intervenções artísticas fazem parte da construção desses novos territórios, com a criação de galerias jardináveis e a produção de hortas urbanas, possibilidades de manejo das águas e os jardins de chuva, à segurança alimentar e a coleta de PANCS, frutas e outros em meio a espaços residuais ou miolos de quadra em potencial, são eventos que já estão se manifestando nas cidades contemporâneas e podem sustentar a criação de rotas urbanas para a identificação e conhecimento da perspectiva biológica da cidade. Evidencia a potência sensorial de cidades comestíveis, com paisagens que nos nutrem de vida. Por esse motivo, também é de extremo valor repensar as políticas de patrimonialização e de planejamento urbano inserindo perspectivas que reconheçam as potências não-hegemônicas que persistem tanto espacialmente como socialmente. O reconhecimento e a existência de uma dada paisagem, gera pertencimento e apropriação, é movimento de transformação.

A caminhografia urbana e a apreensão de paisagens emergentes

Através do ato de caminhar pela cidade reconhece-se a vulnerabilidade do corpo e a condição insegura de estar viva. A abertura para essa atitude diz respeito à experiência da paisagem apreendida pela cartógrafa, pelo ritmo e sensibilização do corpo nesses atravessamentos. O modo de se apreender a experiência paisagística ou a experiência do devir terceira paisagem, território emergente, se dá pelo caminhar atento e pelo registro da experiência em processo, sentindo o corpo vibrátil e os afectos que pedem passagem. O mapeamento é realizado com base nas intensidades de cada experiência, não é objetivo, o desejo que mobiliza é produzir subjetividade. Desenvolve-se por meio de narrativas, fotografias, mapas de satélite que tensionam as modificações da paisagem em um corpo d'água enterrado e extravasa realidades de outras temporalidades que se entremeiam.

A paisagem se torna uma experiência do corpo caminhante, prática estética em transformação. Em trajetos de córregos ou outros cursos d'água que foram enterrados, desviados ou tamponados, a paisagem emergente é revelada de maneira sutil com base na memória viva da população ou em registros mantidos como testemunho de modificações ocasionadas na paisagem urbana. As paisagens emergentes indicam a latência de vida, forças e pulsões, são territórios nos quais o conjunto e combinação dos remanescentes - históricos e/ou vegetais, imagéticos e/ou materiais, coletivos e/ou individuais - encontrados durante um percurso reverberam a sua existência e/ou força vital em exterioridades e interioridades da paisagem urbana, em vias públicas, espaços intersticiais, e até mesmo nos miolos de quadra de uma

cidade.

As paisagens emergentes dessa cartografia nascem do conceito filosófico e político da terceira paisagem com base no deslocamento corporal e apreensão sensível. Buscam registrar a existência de um patrimônio cultural, natural e genético (na perspectiva biológica) diferenciado, abordando os aspectos que tangem a perspectiva hidrográfica da cidade. Tais paisagens, imbuídas por certo tipo de abandono, se rompem com os aspectos identitários para oferecer um leque de possibilidades, libertando-as da perspectiva utilitarista e mercadológica construída na contemporaneidade.

O devir terceira paisagem nunca está sozinho, assume as temporalidades do abandono que coexistem em dinâmicas urbanas trazendo a relação de tempo e memória. Por dinâmicas urbanas entende-se àquelas manifestações que resistem, em ocupações improvisadas e/ou de autoconstrução, e expressões diversas, como por exemplo o *paintball* nas ruínas da fábrica de papel, que cultiva o cenário selvático intensificando a proposta de imersão na experiência do jogo. Esse devir brota no chão e quaisquer tipos de frestas, nas calçadas, ruas, paredes. Nos terrenos baldios, resquícios de construção civil e plantas ruderais se entremeiam, embaixo de frondosas árvores se acumulam abandonos de usos humanos se misturam às variadas espécies espontâneas. As dinâmicas urbanas refletem os agentes que permeiam esses espaços, cujas ações transformam, pela presença do corpo, diretamente e indiretamente a paisagem urbana atual.

Esses fenômenos emergentes aparecem enquanto se caminha e sente a paisagem, as forças que empurram e puxam, que conduzem e delinham modificações dentro do campo da arquitetura e urbanismo. A paisagem eminentemente oportuniza uma leitura diversificada do território por ser sustentada pelo saber de experiência do território. Evidencia-se o caminhar, movimento e deslocamento corporal e mental, ou ainda, de pensamento, como prática essencial ao habitar territórios existenciais. Provoca a aproximação do indivíduo com os espaços e suas facetas, tanto aqueles rigidamente determinados com suas funções pré-definidas como os que fogem às lógicas subvertendo-as, oportunizando aberturas para múltiplas experiências da cidade. A paisagem vivenciada pelos caminhos e pelos percursos é um território existencial, é um modo possível de experiência da paisagem.

Para se construir cidades caminháveis é preciso caminhar, para poder ver e sentir é preciso atenção e presença. Nesse viés, a caminhografia urbana, trabalhada pelo Grupo de pesquisa Cidade+Contemporaneidade, tem se mostrado uma ferramenta de pesquisa que evidencia a experiência corpóreo-urbana ao possibilitar a articulação da apreensão da paisagem através do agenciamento cartográfico, amplo e potente, criando pistas e caminhos possíveis para o desenvolvimento de planejamentos e/ou projetos urbanos atrelados a outras existências e formas de vidas que geram impulso e resistência, outros repertórios de realidades possíveis.

Esta cartografia foi um movimento, um movimento que se deu por um impulso, um impulso de vida para a existência de outras vidas. A vida ainda pulsa em meio aos movimentos de cada corpo. É sobre o existir e respirar em meio as construções de realidades.

Corpos-territórios-existenciais abrigam paisagens moventes.

Devir outra paisagem, outro corpo.

REFERÊNCIAS

ICONOGRÁFICAS:

Acervo Almanaque do Bicentenário de Pelotas. Vol 1. Acervo digital. Disponível através do endereço almanaquepelotas.fotos@gmail.com. Acesso em fev. 2021.

BIBLIOGRÁFICAS:

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Pista 7: Cartografar é habitar um território existencial. In: **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. 4. ed. Porto Alegre: Salinas, 2015. p. 131-149.

ANDRADE, Leandro M V et al. Caminhando Paisagens: Cidade que se vive, cidade que se sente, cidade que se quer. In: **Anais 5º Colóquio Ibero-Americano: paisagem cultural, patrimônio e projeto**. Belo Horizonte(MG) Universidade Federal de Minas Gerais, 2019. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/5coloquiopaisagem/116049-CAMINHANDO-PAISAGENS--CIDADE-QUE-SE-VIVE-CIDADE-QUE-SENTE-CIDADE-QUE-SE-QUER>.

BARROS, L. M. R; BARROS, M. E. B. O problema da análise em pesquisa cartográfica. **Fractal**, Rev. Psicol., v. 25 – n. 2, p. 373-390, Maio/Ago. 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/195125832.pdf>. Acesso em: 12 jun 2021.

BARROS, L. P.; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. 4. ed. Porto Alegre: Salinas, 2015. p. 52-75.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha. Trad. João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5Q-DzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>

CABRAL, Arthur Simões Caetano. **A realidade sensível da natureza nos espaços irresolutos de São Paulo**. 2017. Dissertação (Mestrado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/D.16.2018.tde-11012018-121213.

CABRAL, Arthur Simões Caetano. **Paisagens baldias**: a natureza manifesta nas brechas da cidade. Curitiba. Appris. 2019. 265 p.

CABRAL, Arthur Simões Caetano. **Uma poética dos interstícios urbanos**: paisagens possíveis nas entrelinhas da cidade. 2020. Tese (Doutorado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. doi:10.11606/T.16.2020.tde-13032020-102645.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARERI, Francesco. **Caminhar e Parar**. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. I. ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CLÉMENT, Gilles. **“The Planetary Garden” and Other Writings** (Penn Studies in Landscape Architecture). Edição do Kindle. University of Pennsylvania Press Philadelphia. 2015.

CLÉMENT, Gilles. **Le tiers paysage**. Disponível em: <http://arlibre.org> Copyleft. 2004.

CLÉMENT, Gilles. **Manifiesto del Tercer paisaje**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014. p. 84

CLÉMENT, Gilles. **Le jardim en mouvement**. Disponível em: <http://www.gillesclement.com/>. Copyleft. c2008.

CLÉMENT, Gilles. **Le jardim planétaire**. Disponível em: <http://www.gillesclement.com/>. Copyleft. 2007.

CLÉMENT, Gilles. **Toujours la vie invente**. Réflexions d’un écologiste humaiste. Éditions de l’Aube, 2008.

CLÉMENT, Gilles; COLOCO. **Montpellier: Elaboration d’une gestion des délaissés**. 2010. Disponível em: https://www.montpellier.fr/include/viewFile.php?idtf=13426&path=25%-2FWEB_CHEMIN_13426_1314620934.pdf.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. vol.1**. 2. ed. São Paulo: editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. vol 4**. São Paulo: editora 34, 1997.

DERRIDA, Jacques. **Glossário de Derrida**; trabalho realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ, supervisão geral de Silvano Santiago. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976. 104p.

DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

DETONI, Luana; ALMEIDA *et al.* Uma experiência de caminhografia urbana no porto de Pelotas: diálogos entre o patrimônio e o estudo de arquitetura e urbanismo. **Revista Pixo**. [online]. 2019, vol.3, n.11, v.3.

DIDI-HUBERMAN. **O que vemos, o que nos olha**. Trad. Paulo Neves. Coleção Trans. Editora 34. São Paulo. 2ª ed. 2010. 264p.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. 4. ed. Porto Alegre: Salinas, 2015. p. 92-108.

FONSECA, Tania Mara Galli. As cidades subjetivas. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia

cia Gomes (orgs). **Cartografias e Devires**: a construção do presente. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

GUATARRI, Felix. **As três ecologias**. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt; revisão da tradução Suely Rolnik. Campinas, SP. Papirus, 2012.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Editora Vozes. 4ª ed. 1986. 324 p.

GUATELLI, Igor. **Arquitetura dos Entre-Lugares**: sobre a importância do trabalho conceitual. Editora Senac. São Paulo. ebook 2019

HAESBAERT, Rogério. **A Temática da desterritorialização**. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=FyH5mOVuVs8>>. Acesso 23 fev. 2021

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO ; Niterói : Programa de Pós-Graduação em Geografia ; Universidade Federal Fluminense, 2021.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020. 396 p.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: **Boletim Gaúcho de Geografia**, 29: 11–24, jan., 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38739/26249>.

JACQUES, Paola Berenstein. Defesa pública da tese da prof. Paola Berenstein Jacques como requisito para promoção funcional à classe de Professor Titular. **MONTAGEM DE UMA OUTRA HERANÇA**: Urbanismo, memória e alteridade. Data: 22 de fevereiro de 2019. Local: Auditório Mastaba - Faculdade de Arquitetura UFBA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1FEJt7mUZ7E&list=PLo5qt_Czg_P06yv_49St1f3I6kR9CZhOj&index=2> Acesso em: nov 2020.

JACQUES, Paola B. Errâncias urbanas: a arte de andar pela cidade. **Arqtexto**, Porto Alegre, n. 7, p. 16 - 25, 2005.

JACQUES, Paola Berenstein. **Fantasmas modernos**. Montagem de uma outra herança, 1. Salvador: EDUFBA, 2020.

JACQUES, Paola B.; DRUMMOND, Washington (Org.). **Experiências Metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea**. Salvador: EDUFBA, 2015.

JACQUES, Paola Berenstein. Improvisações urbanas. **Arquitextos**, São Paulo, ano 22, n. 260.00, **Vitruvius**, jan. 2022 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/22.260/8376>>.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. 4. ed. Porto Alegre: Salinas, 2015. p. 32–51.

KRENAK, Ailton. Conversa com Ailton Krenak no Pilotis. Aula Inaugural do Departamento de Arquitetura e Urbanismo. **ECOAPUCRIO**. In: <https://www.youtube.com/watch?v=rbrvh70-a-FU&t=5s>>. Acesso em: set. 2022.

MAFFESOLI, Michel. A ética da estética. In: MAFFESOLI, M. **O mistério da conjunção**: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005. I, p 11 - 27.

MORALES, Ignasi de Solà. Terrain Vague. In: DAVIDSON, Cynthia (ed.). In: **Anyplace**, Cambridge: MIT Press, p. 118-123, 1995c.

MORALES, Ignasi de Solà. Terrain Vague. In: **Territórios**. Gustavo Gilli. 2002 Trad. Igor Fracalossi. 01 Mar 2012. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-35561/terrain-vague-ignasi-de-sola-morales>>. Acesso em 30 Set 2020.

ORLANDI, Luiz. **Um gosto pelos encontros**. Territórios de Filosofia, Cidade, 29 de dezembro de 2014. Acesso em 13 de setembro de 2019. Online. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/29/um-gosto-pelos-encontros-luiz-orlandi/>.

PAESE, Celma. **Contramapas de Acolhimento**. 330 p. Tese (Doutorado em Arquitetura). PROPAP. UFRGS, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/151123>>. Acesso em: 30 set. 2020.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, Eduardo Passos; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção In: **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. 4. ed. Porto Alegre: Salinas, 2015. p. 17-31.

PEIXOTO, Nelson. Passagens da Imagem: pintura, fotografia, cinema, arquitetura. In: PARENTE, A. (org.). **Imagem-máquina**: a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 237 -252.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. Editora Senac São Paulo. 4ª Edição do Kindle. 2019

PEREIRA, Ana Beatriz Mascarenhas. Ritmanálise em Santa Tereza: modos de vida urbana. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

PETER, Glenda Dimuro. **Santa Bárbara**, o braço morto do Arroio que ainda vive na memória. 2004. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/2717255-Santa-barbara-o-braco-morto-do-arroio-que-ainda-vive-na-memoria.html>> Acesso em: 08 jan 2021 : <https://docplayer.com.br/2717255-Santa-barbara-o-braco-morto-do-arroio-que-ainda-vive-na-memoria.html>

PROMINSKI, Martin. Design Research for Urban Landscapes: Theories and Methods. (English Edition). Routledge. 1ª ed. 2019. 225 p.

ROCHA, Eduardo; MACHADO, Valentina. Caminhar em Roma: A Experiência de Inscrever-se no Selvático da Cidade. In: **Pararelo 31**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Centro de Artes UFPel.2019

ROCHA, Eduardo. Os lugares do abandono. **Revista Vitruvius**, 097.06 ano 09, jun. 2008. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.097/137>>

ROCHA, Eduardo. **Arquiteturas do abandono: ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e das artes**. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2010. Tese de doutorado. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24722>>.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016. SILVA, Ricardo Luis. Prefácio: Experiência do inútil, enfim. In: PEREC, Georges. **Tentativa de esgotamento de um local parisiense**. São Paulo: G. Gili, 2016. p. 7-10.

ROSÁRIO, N. M.; COCA, A. P. A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação. In: **Comunicação & Inovação**, PPGCOM/USCS. v.19, n. 41 [34-48] set-dez 2018. Acesso: 13 jul 2021.

SANTOS, Cátia Cristina Assunção Henriques dos; de Oliveira, Heidrun Friedel Krieger Olinto (Orientadora). **Ego-Documentos na Ficção Contemporânea**. Rio de Janeiro, 2007. 122p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SILVEIRA, Aline Montagna da. **De fontes e aguadeiros à penas d'água**: reflexões sobre o sistema de abastecimento de água e as transformações da arquitetura residencial do século XIX em Pelotas – RS. São Paulo, 2009. 340 p. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-26032010-162420/publico/DE_FONTES_E_AGUADEIROS_DIGITAL.pdf>.

MONTERO, Rosa. **Nós Mulheres**: grandes vidas femininas. Tradução Josely Vianna Baptista. São Paulo: Todavia, 1a ed., 2020. 288 p.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. 1. ed. Tradução de Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Martins Fontes, 2016. 392 p.

SOUSA, Márcia Regina Pereira de. **Reter o breve**: casas que brotam, desenhos que proliferam e coletas que tocam o tempo. Tese de doutorado UFRGS. Porto Alegre. 2016. 340 f. In: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/158049/001020507.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>

STENGERS, Isabelle. 2015. **No Tempo das Catástrofes**. trad. Eloisa Araújo. São Paulo: Cosac-Naify.

STENGERS, Isabelle. “Outra Ciência é possível!” Uma apelo à Slow Science. In: **Cadernos do Ateliê**. Vol.1, n.5, fascículo 1, 2019. Disponível em: <<https://ateliedehumanidades.com/2019/06/06/cadernos-do-atelie-outra-ciencia-e-possivel-uma-apelo-a-slow-science-por-isabelle-stengers/>>

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Trad. André Telles. Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação. Rio de Janeiro. 2004.

